



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

DIEGO VINÍCIUS DE FRANÇA BEZERRA

**UMA ENCOMENDA PARA O DIABO: a violência urbana como fator de associação  
entre os entregadores de aplicativos de Arcoverde (PE).**

Recife

2023

DIEGO VINÍCIUS DE FRANÇA BEZERRA

**UMA ENCOMENDA PARA O DIABO: a violência urbana como fator de associação  
entre os entregadores de aplicativos de Arcoverde (PE).**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Antropologia da Universidade Federal de  
Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do  
título de Mestre em Antropologia.

Área de concentração: Poder, Desigualdade e Educação.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Sá Barreto dos Santos

Recife

2023

Catálogo de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Bezerra,	Diego
Vinicius de Franca.	
Uma encomenda para o diabo: a	violência
urbana como fator de associação entre os entregadores	
de aplicativos de Arcoverde (PE) / Diego	
Vinicius de Franca	Bezerra. - Recife, 2023.
119 f.: il.	
	Dissertação (Mestrado) - Universidade
Federal de Pernambuco,	Centro de Ciências
Humanas e Filosofia, Programa de Pós-Graduação	
em Antropologia, 2023.	
Orientação: Francisco Sá	Barreto dos Santos.
Inclui referências.	
	1. Etnografia urbana; 2. Entregadores
de aplicativos; 3.	Trabalho precarizado; 4.
Violência urbana; 5. Pandemia de	COVID-19; 6.
Arcoverde, Pernambuco. I. Santos, Francisco Sá	
Barreto dos. II. Título.	
UFPE-Biblioteca Central	

DIEGO VINÍCIUS DE FRANÇA BEZERRA

**UMA ENCOMENDA PARA O DIABO: a violência urbana como fator de associação  
entre os entregadores de aplicativos de Arcoverde (PE).**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Área de concentração: Poder, Desigualdade e Educação.

Aprovada em 16/02/2023

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Francisco Sá Barreto dos Santos  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Roberto Cordoville Efrem de Lima Filho  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Profa. Izabella Maria da Silva Medeiros  
Universidade Federal de Pernambuco

*Em memória de Antônio Sérgio, Antônio Luiz Neto e Tiago Pinto Souto*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais, Iracivaldo e Vera, por me oferecerem condições totais de estudar e por sempre respeitarem as minhas decisões. Também aproveito esta ocasião para agradecer ao meu tio Paulo Alexandre, que sempre me aconselhou a estudar.

Agradeço ao professor Francisco de Sá Barreto, que me orientou e incentivou com generosidade a pesquisar, escrever e viver tranquilamente. Agradeço à minha ex-companheira Railane do Carmo, assistente social extremamente competente e sensível. Sua presença leve, carinho e paciência foram fundamentais para a escrita desta dissertação.

Aos amigos e amigas feitos em Arcoverde durante a pesquisa, dos quais cito apenas os apelidos: Pedrinha, Lajedo, Mata Verde e Madeira de Lei. Também agradeço aos amigos e amigas de longa data, amizades nascidas na graduação, e que sempre carregou na cabeça e no coração: Rafael Tenório, Indira Corban, Lucas Nascimento, Saulo Santiago, Luís Soares, Isabela Bastos e Débora Cintra.

Não poderia me esquecer dos/as discentes da pós-graduação em antropologia na UFPE, especialmente Marília Nepomuceno, Cássio Cunha, Júlia Morim e Rebeqa Pereira, bem como dos/as docentes e coordenadoras durante o período do meu mestrado. Por fim, agradeço à CAPES, por financiar a pesquisa, à ARCOTRANS (Autarquia de Trânsito de Arcoverde), ao Sindicato dos Motofretistas de Arcoverde e à Associação dos Entregadores de Arcoverde.

## RESUMO

Esta dissertação é o resultado de uma etnografia urbana com os entregadores de aplicativos em Arcoverde (PE), um município no Sertão de Pernambuco, também conhecido como o “Portal do Sertão”. De início, a dissertação formula antropologicamente o grupo social pesquisado a partir do reconhecimento visual do território pesquisado: a cidade de Arcoverde. Essa formulação também contempla as particularidades da minha reflexão sobre os entregadores nos primeiros meses da pandemia e do isolamento social, quando eu ainda residia em Recife, tentando sobreviver minimamente ao que estava acontecendo. A carga emocional dessa experiência histórica e social, dramática e caótica na nossa vida comum, ajudou a orientar o sentido da experiência antropológica registrada nesta dissertação. Fui de Recife para Arcoverde e descobri que no “Portal do Sertão” há food delivery e entregadores de aplicativos geralmente preocupados com assaltantes armados nas periferias urbanas e revoltados com a inércia das autoridades públicas diante da violência urbana que os aflige, ou seja, diante dos riscos enfrentados por trabalhadores precarizados, pobres e negros, como eles. Essa realidade era praticamente desconhecida para mim até o início do trabalho de campo, no segundo semestre de 2020. Para etnografar os entregadores de aplicativo de Arcoverde, precisei primeiro problematizar o Breque dos Apps, sobretudo quanto ao seu status de modelo de manifestação indispensável para a apreciação do meu objeto de pesquisa na comunidade acadêmica. Por isso, tive que criar apontamentos teóricos pouco ortodoxos para abordar esses trabalhadores informais. É importante frisar que não busquei discordar da relevância do trabalho na sociedade contemporânea, mas sim tratar das características de uma cidade de médio porte, especialmente dos seus problemas, considerando-os como questões relevantes para minhas reflexões. Nos meus procedimentos de análise, procurei discutir o alarde da violência urbana no contexto do trabalho precarizado. Em relação à metodologia, esta dissertação ampara-se na observação etnográfica, utilizando observação direta, participante e entrevistas. Por fim, diante da conclusão da pesquisa, fui obrigado a assinalar tanto a exaustão quanto a morte como destinos plausíveis decorrentes do trabalho dos entregadores de aplicativo em Arcoverde.

**Palavras-chaves:** Etnografia Urbana. Entregadores de Aplicativos. Trabalho Precarizado. Violência Urbana. Pandemia de COVID-19. Arcoverde, Pernambuco.

## ABSTRACT

This dissertation results from urban ethnography with app delivery workers in Arcoverde (PE), a municipality in the Sertão of Pernambuco, also known as the "Portal do Sertão." Initially, the dissertation anthropologically formulates the social group studied through the visual recognition of the researched territory: the city of Arcoverde. This formulation also contemplates the particularities of my reflection on delivery workers during the first months of the pandemic and social isolation, while I was still residing in Recife and striving to survive amidst the ongoing events. The emotional burden of this historical and social experience, dramatic and chaotic in our shared lives, helped guide the anthropological sense recorded in this dissertation. I traveled from Recife to Arcoverde and discovered that in the "Portal do Sertão," there is food delivery and app delivery workers generally concerned about armed robbers in urban peripheries and frustrated with the public authorities' inertia in addressing urban violence that affects them-in other words, the risks faced by precarious, poor, and Black workers like them. This reality was almost entirely unknown to me until the start of the fieldwork in the second half of 2020. To ethnograph the app delivery workers of Arcoverde, I first needed to problematize the "Breque dos Apps," especially regarding its status as a model of protest indispensable for the academic community's understanding of my research object. Therefore, I had to create somewhat unorthodox theoretical insights to approach these informal workers. It is essential to emphasize that I did not aim to disagree with the relevance of work in contemporary society but to address the characteristics of a medium-sized city, especially its problems, considering them as relevant issues for my reflections. In my analytical procedures, I sought to discuss the alarm surrounding urban violence in the context of precarious work. Regarding methodology, this dissertation relies on ethnographic observation, using direct and participant observation as well as interviews. Finally, upon concluding the research, I was compelled to highlight both exhaustion and death as plausible outcomes of the work of app delivery workers in Arcoverde.

**Keywords:** Urban Ethnography. App Delivery Workers. Precarious Work. Urban Violence. COVID-19 Pandemic. Arcoverde, Pernambuco.

## LISTA DE SIGLAS

<b>AESA</b>	Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde
<b>BOPE-PMERJ</b>	Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar do Rio de Janeiro
<b>BRT</b>	Ônibus de trânsito rápido
<b>CAC</b>	Concessão de Certificado de Registro para pessoa física para realizar atividades de Colecionamento de armas de fogo, Tiro Desportivo e Caça.
<b>CNH</b>	Carteira de Nacional de Habilitação
<b>CONAB</b>	Companhia Nacional de Abastecimento
<b>DETRAN-PE</b>	Departamento de Trânsito de Pernambuco
<b>GPS</b>	Sistema de Posicionamento Global
<b>IRR-PE</b>	Instituto para Redução de Riscos e Desastres de Pernambuco
<b>IML</b>	Janeiro
<b>OMS</b>	Instituto Médico Legal
<b>PNAD-COVID-19</b>	Organização Mundial de Saúde
<b>SAMU</b>	Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar
<b>SES-PE</b>	Serviço de Atendimento Móvel de Urgência
<b>SUS</b>	Secretaria de Saúde de Pernambuco
<b>VLT</b>	Sistema Único de Saúde
	Veículos leve sobre trilhos

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. DESENVOLVIMENTO.....</b>	<b>17</b>
2.1 ENTRE A CIDADE E OS ENTREGADORES.....	17
2.2 A VIDA DOS ENTREGADORES É DESAFIO.....	31
2.3 DO IFOOD AO BREQUE DOS APPS (2012 - 2020).....	33
2.4 A FACA NO PESCOÇO.....	40
2.5 CADÊ OS ENTREGADORES?.....	52
<b>3. A AÇÃO DOS ENTREGADORES DE ARCOVERDE.....</b>	<b>65</b>
<b>4. SANGUE NOS OLHOS.....</b>	<b>73</b>
4.1 OLHOS DE COBIÇA.....	73
4.2 OS CLANDESTINOS.....	77
4.6 “CLIENTE CHATO”.....	91
4.7 A VIDA NÃO É VIDEOGAME.....	94
4.8 OS PAIS DE FAMÍLIA.....	99
4.9 “DEUS PERDOA QUANDO A GENTE SE ARREPENDE”.....	103
<b>5. CONCLUSÃO: OS IRMÃOS DE <i>BAG</i>.....</b>	<b>109</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>116</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Para a antropologia, a emergência do sujeito social é contextualizada e reconhecida na diversidade cultural, evidenciada pelo encontro do antropólogo com diferentes alteridades em territorialidades urbanas, rurais e digitais. É nesse encontro que surgem trocas de potencialidades e afetos, revelando a mutabilidade e a riqueza da diversidade cultural. O relativismo continua sendo uma ferramenta indispensável para compreender as sociedades contemporâneas, sobretudo em um cenário marcado pela ascensão de ideologias neoconservadoras, sustentadas por teorias racistas e eugênicas, que se fortalecem em comunidades políticas neoliberais caracterizadas por profundas desigualdades.

Entre o segundo semestre de 2021 e o segundo semestre de 2022, realizei pesquisa de campo com entregadores por aplicativos em Arcoverde, Pernambuco. Localizada na transição entre o Agreste e o Sertão, a cidade é historicamente e culturalmente rica. Na historiografia sertaneja, depois de Arcoverde, iniciava-se os domínios de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. Contudo, durante a pesquisa, o maior desafio não era o cangaço, mas a pandemia de Covid-19, que ceifou centenas de milhares de vidas no Brasil. Essa ameaça foi agravada pelas condições de trabalho precárias dos entregadores, que, além de se exporem constantemente ao vírus, desconheciam a legislação que obrigava as plataformas digitais a fornecer máscaras e álcool em gel durante o período pandêmico.

O trabalho de campo proporciona inspirações singulares, mesmo na antropologia urbana, que deve atentar para a transnacionalidade como uma característica intrínseca dos centros urbanos, incluindo os sertanejos. Essa condição revela como o domínio do capital influencia e se relaciona com as formas culturais locais. Arcoverde, com um Índice de Desenvolvimento Humano médio (0,667), é localizada como uma periferia em múltiplas escalas: continental, regional e estadual. Esse contexto ressalta a complexidade do mundo social contemporâneo, que conecta fenômenos locais e globais de maneira imprevisível, desafiando os pesquisadores sociais a identificar os tempos e os espaços dessas interconexões.

Os entregadores por aplicativos, principais interlocutores da pesquisa, exemplificam as dinâmicas do trabalho informal, precário e uberizado no Brasil. São mais de 300 mil entregadores em todo o país, majoritariamente jovens negros, sem ensino superior e sem contribuições à previdência social. No Nordeste, enfrentam jornadas mais longas e rendimentos inferiores à média nacional (Lapa, 2021). Em Arcoverde, eles classificam os

territórios urbanos segundo os riscos de assaltos, prática essencial para sua orientação e, conseqüentemente, para o sucesso econômico dos aplicativos na cidade.

O processo de uberização do trabalho, como destacado por Abílio (2020), impõe aos trabalhadores uma percepção de si mesmos como empreendedores, submetendo-os a relações verticais e economicamente empobrecedoras. Embora os saberes locais sejam frequentemente desconsiderados em análises sobre a uberização, eles são fundamentais para compreender as dinâmicas dessa categoria. Durante a pandemia, o movimento Breque dos Apps, que obteve repercussão nacional em 2020, trouxe visibilidade ao sofrimento dos entregadores, destacando o aumento da carga de trabalho e a redução dos rendimentos. No entanto, esse debate deixou de lado aspectos mais profundos da vida cotidiana e das construções coletivas dos entregadores, especialmente nas cidades distantes dos grandes centros.

Em Arcoverde, as ações coletivas dos entregadores diferem em forma e conteúdo das grandes manifestações como o Breque dos Apps. O primeiro protesto público organizado por eles, realizado no final de 2021, marcou um avanço no repertório de ação coletiva, incluindo a manifestação pública como estratégia reivindicatória. Este estudo busca contribuir com as pesquisas em andamento sobre entregadores e uberização, destacando sua relevância como ponto-chave na circulação de mercadorias e como sujeitos coletivos que reconfiguram suas comunidades em um mundo globalizado.

Como antropólogos, é nosso papel respeitar as demandas éticas e materiais dos interlocutores, buscando compreender as transformações que atravessam suas comunidades e os desafios que enfrentam. Em Arcoverde, a pesquisa etnográfica revelou as nuances das dinâmicas sociais dos entregadores, oferecendo uma perspectiva crítica e inovadora sobre suas práticas, resistências e formas de organização.

Nesse protesto, os entregadores reivindicaram uma atitude mais contundente das autoridades públicas no combate aos assaltantes que os vitimavam nos subúrbios de Arcoverde, independente da legalidade das ações consideradas por eles como necessárias. Para esses trabalhadores, a clandestinidade de certas medidas, caso adotadas pelos agentes do Estado, reforçaria sua eficácia no enfrentamento aos crimes. Essas medidas incluem práticas como torturas, execuções, formação de grupos extermínio e prisões arbitrárias. Diante disso, surge a questão central: porque a violência urbana possui uma capacidade tão intensa de mobilização entre os entregadores de Arcoverde?

Nosso trabalho de campo ocorreu ao longo de 2022, período em que permaneci residindo na cidade. A pesquisa atravessou diferentes fases da pandemia de Covid-19, com momentos de alívio seguidos por novas pioras no quadro sanitário. Esse contexto impactou

diretamente a pesquisa, já que acompanhar os entregadores, que circulam constantemente e transitam por territórios urbanos diversos, tornou-se ainda mais desafiador. Enquanto trabalhávamos em casa, era comum ouvir os megafones e as buzinas dos entregadores-manifestantes e seus simpatizantes. Contudo, as alianças políticas estabelecidas pelos entregadores, frequentemente com autoridades policiais e vereadores, também representavam riscos para os próprios trabalhadores.

O surgimento do protesto dos entregadores nas ruas constitui um dado substancial para esta dissertação. Essa manifestação ocorreu antes mesmo do nosso contato pessoal com os entregadores, enriquecendo as relações estabelecidas na pesquisa. A partir desse episódio, a revisão bibliográfica passou a se vincular mais diretamente aos temas da violência urbana e das ações coletivas, permitindo uma análise que contempla perspectivas ausentes no debate atual sobre essa categoria. A busca dos entregadores pela repercussão de suas pautas em Recife, onde está o Departamento de Antropologia e Museologia da Universidade Federal de Pernambuco, também reforça a relevância dessas mobilizações.

Nossas interações com os interlocutores ocorreram tanto na preparação quanto na execução e redação da pesquisa. Essas trocas permitiram que a dissertação recorresse menos aos conceitos frequentemente usados para analisar entregadores, como precarização, uberização e desregulamentação. Ao contrário, os entregadores ofereceram pistas sobre as contradições que os levaram a se perceberem como uma categoria em Arcoverde. Essas pistas apontaram para questões como a violência urbana, as tensas relações geopolíticas do município e a negligência dos agentes do Estado em relação aos entregadores. Cabe ao antropólogo descrever e traduzir esses nexos, revelando como as políticas dos entregadores buscam legitimá-los na esfera pública.

Nesta dissertação, consideramos a historicidade das relações sociais dos entregadores. Revisamos etnografias sobre motoboys e registros históricos de categorias análogas, como os “meninos de frete” e os “negros canoieiros”. Os primeiros, jovens que trabalhavam em feiras públicas transportando compras, e os segundos, escravizados que desempenhavam função semelhante no Recife colonial. Esse resgate visa sublinhar a relevância histórica e a dívida social decorrente das violências sistemáticas infligidas à população negra no Brasil. A polissemia da reestruturação neoliberal do capitalismo na América do Sul frequentemente obscurece registros históricos essenciais (Bayma; Claussen; Delfino, 2020), promovendo uma obsolescência indevida na transição entre categorias como “motoboy” e “entregador por aplicativos”.

Apesar das semelhanças, existem diferenças marcantes entre os entregadores e os motoboys. Por exemplo, enquanto as empresas-aplicativos dispersam os entregadores pela cidade e gerenciam suas atividades remotamente, os motoboys costumavam operar a partir de pontos físicos organizados por terceirizadas, hoje em extinção. Em Arcoverde, os aplicativos, em grande medida, funcionam de maneira singular: os pedidos são enviados pelos comerciantes aos entregadores, que se anunciam em comunidades virtuais compartilhadas. Ainda assim, muitos entregadores ocupam fisicamente os arredores de restaurantes na tentativa de agilizar as entregas, já que, para eles, o tempo parado representa prejuízo financeiro.

Atualmente, as empresas que anteriormente concentravam os motoboys em pontos físicos e os disponibilizavam diretamente aos contratantes estão em extinção. Como aponta Ludmila Costhek Abílio (2020), “em outras palavras, agora dezenas de milhares de motofretistas só conseguem sobreviver com as entregas se aderirem às três ou quatro empresas-aplicativo que dominam o setor na cidade de São Paulo” (p. 117). No passado, os motoboys eram contratados por uma rede extensa de terceirizadas, que os mantinham sediados em centenas, possivelmente milhares, de pontos espalhados por uma metrópole como São Paulo.

Existem outras semelhanças significativas entre os motoboys e os entregadores que enriquecem a análise desses grupos. Um exemplo está no formato de suas políticas e manifestações, bem como em suas ações coletivas, que frequentemente expressam fortes críticas aos sindicatos, partidos e políticos, geralmente percebidos como burocratas e corruptos pela maioria de ambos os grupos. Além disso, a formalização, frequentemente idealizada como prioridade para a classe trabalhadora em certas teorias, não ocupa lugar central nas demandas desses trabalhadores. Suas reivindicações se direcionam mais ao Estado do que aos contratantes, especialmente no que diz respeito à segurança e às políticas de trânsito, como a perseguição rigorosa a criminosos e a permissão para estacionar gratuitamente durante o embarque e desembarque de pedidos (Castro, 2010; Guimarães, 2019; Ito, 2010; Miranda, 2018). Ambas as pautas são observadas em Arcoverde. Tanto os entregadores quanto os motoboys também enfrentam o estigma da criminalidade, um rótulo frequentemente associado a jovens negros e periféricos no Brasil.

Nossa etnografia com os entregadores de Arcoverde enfatizou os trabalhadores humildes e afastados das capitais, direcionando o foco etnográfico para sua ação coletiva em busca de maior segurança na cidade – um direito constitucional cuja reivindicação é particularmente arriscada para as classes populares no Brasil. Ao longo dessa investigação,

articulamos arranjos teóricos envolvendo temas como criminalidade, mundo do trabalho e dinâmicas urbanas. Ademais, não tratamos o Estado como uma entidade isolada de seus agentes. Importante destacar que as ações coletivas dos entregadores de Arcoverde não foram, em nenhum momento, enquadradas como uma desordem premeditada com o objetivo de legitimar a violência de Estado. Tampouco se desvinculam das marcas da herança colonial na conformação da sociedade brasileira.

Vamos abordar um pouco sobre Arcoverde, local onde foi realizado integralmente o trabalho de campo. O estado de Pernambuco divide-se em quatro regiões geográficas intermediárias: Recife, Caruaru, Serra Talhada e Petrolina. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município de Arcoverde está situado na Região Geográfica Intermediária de Caruaru, conhecida como a Capital do Agreste. Esses dois municípios são conectados pela BR-232. Arcoverde, também chamado de Portal do Sertão, faz divisa com o estado da Paraíba e com os municípios pernambucanos de Buíque, Pedra, Sertânia e Pesqueira. A comparação entre Arcoverde e seus municípios vizinhos revela que ele possui a maior população e a maior taxa de urbanização da região. Com uma população de aproximadamente 75 mil habitantes (74.822), cerca de 67 mil estão em situação urbana. O perímetro urbano de Arcoverde é também significativo, figurando entre os cinquenta maiores da Região Nordeste.

A cidade de Arcoverde, especialmente em seu centro comercial, recebe diariamente milhares de pessoas provenientes de municípios vizinhos. O comércio local é dinâmico, e a principal associação comercial de Arcoverde reúne centenas de associados. Além disso, a cidade conta com uma ampla rede de serviços, como consultórios, clínicas e hospitais, destacando-se um hospital público regional e uma unidade de pronto atendimento especializado. No âmbito educacional, Arcoverde abriga um campus da Universidade Estadual de Pernambuco (UPE), o campus da Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde (AESA), além de faculdades e escolas privadas de destaque na região. No campo da segurança, o município também é sede de um batalhão da Polícia Militar e de um posto avançado do Corpo de Bombeiros.

O perfil urbano de Arcoverde é amplamente negligenciado pela antropologia urbana nacional e pelas pesquisas acadêmicas de maneira geral. A disparidade na destinação de recursos para pesquisas em cidades como Arcoverde, em comparação às Regiões Metropolitanas da Região Sudeste, revela uma desigualdade marcante. No entanto, é importante ressaltar a relevância do interior do Brasil no cenário nacional. Em 2010, o conjunto de municípios que não são capitais nem pertencem a Regiões Metropolitanas

representava 83% dos municípios brasileiros e abrigava 94,3 milhões de pessoas, ou seja, 49% da população do país. Esse contingente habitacional supera o de qualquer nação europeia, com exceção da Rússia, um país euroasiático.

Esses dados, extraídos da mesma publicação, dialogam diretamente com as atribuições desta dissertação. Um terço dos habitantes do interior está localizado na Região Nordeste, onde o predomínio do urbano é a regra nos municípios. Em 2010, três em cada quatro moradores do interior residiam em áreas urbanas, sendo que, desse total, 895 mil viviam em favelas. Além disso, 63% dos ex-beneficiários do extinto Bolsa Família estavam no interior. Observa-se também que a proporção de jovens é maior no interior, assim como a maioria dos moradores se autodeclararam de raça/cor negra (pretos ou pardos). Por fim, destaca-se que a informalidade ocupacional é mais elevada nos municípios do interior do país.

Esta dissertação posiciona-se contra a política acadêmica de escassez voltada ao contexto nacional e à institucionalização de lacunas interpretativas que permanecem à mercê dos centros de conhecimento mais reconhecidos. Essa postura permite a perpetuação de discursos descompromissados e desrespeitosos em relação à diversidade das regiões que compõem uma nação continental. Como consequência, surgem sérias implicações para a sociabilidade dos habitantes dessas áreas, frequentemente mais vulneráveis à discriminação social e à interferência do clientelismo político no acesso a serviços públicos essenciais.

Por outro lado, as favelas cariocas são, de forma acertada, diferenciadas entre si pelas pesquisas sociais, como demonstrado na revisão realizada por Sonia Fleury e Palomma Menezes (2020) acerca das formas de ação e organização dessas comunidades urbanas durante a pandemia. Essa abordagem diferenciada também se manifestou nos casos relacionados à questão habitacional na Zona Portuária da mesma cidade, impactada pelo Projeto Porto Maravilha (Birman; Fernandes; Pierobon, 2014). Roberto Efreim Filho (2017), por sua vez, estabeleceu conexões entre instâncias normativas - legais e ilegais - e territórios periféricos e nobres na cidade do Recife, relacionando a comunidade de Jardim São Paulo, o Tribunal do Júri, o Presídio Aníbal Bruno e a Paróquia de Nossa Senhora de Boa Viagem, localizada em um bairro turístico.

Para além dessas cidades reluzentes, eventualmente iluminadas por munição traçante, nas quais a gravidade exercida pelo poder econômico e pela concentração das instituições acadêmicas desempenha um papel crucial na conformação de zonas de exclusão pelo país afora, é inquietante observar especialistas recorrendo, de forma impassível, à noção homogeneizante de “Brasil Profundo”. Essa expressão é utilizada como um atributo explicativo por si só, quase uma espécie de “Brasil Legal”, similar à Amazônia ou à camada

pré-sal da sociedade brasileira. Se as cidades do interior permanecerem profundas, inacessíveis, sombrias, ermas e desinteressantes para a universidade pública brasileira, as respostas teóricas às demandas colocadas pelo reinício da redemocratização do Brasil continuarão sendo insuficientes. Dito isso, passemos a tratar especificamente de Arcoverde.

## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1 ENTRE A CIDADE E OS ENTREGADORES

Neste capítulo, apresentamos a cidade de Arcoverde e seus entregadores por aplicativos. Reconhecemos a eventualidade como um dos principais aspectos desta abordagem. O tema da pesquisa foi definido antes de nos fixarmos em Arcoverde, de modo que já chegamos à cidade atentos aos entregadores desde o primeiro dia, no final do segundo semestre de 2021. Essa transição gerou reflexões sob uma perspectiva mais antropológica, especialmente por se tratar da nossa primeira experiência de moradia fora de Recife. Este tópico reflete de forma transparente essa perspectiva, sendo o mais diretamente vinculado ao diário de campo - um instrumento essencial no qual os antropólogos registram livremente suas impressões, partilhas e estranhamentos com as alteridades encontradas no campo. Em meio a anotações por vezes enfadonhas e burocráticas, o diário também abriga registros epifânicos e os primeiros indícios de descobertas significativas, talvez rabiscados às pressas em um pedaço de papel umedecido pelo suor ou outro líquido qualquer.

Definimos o grupo e a cidade de interesse durante nossa participação no Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Contudo, tanto o grupo quanto a cidade permanecem como alteridades: transformam-se sem aviso prévio, nunca se revelam por completo e exigem um trabalho contínuo para que, a partir delas, possam ser criadas relações consistentes de confiança. Para o pesquisador, é fácil perder-se em divagações, dificuldades e lamentações; mais difícil é disciplinar os pensamentos gerados pelas interações entre o antropólogo e seus interlocutores de pesquisa - neste caso, os entregadores por aplicativos. Ao final deste capítulo, será delimitado o grupo social que define esta pesquisa. Durante o período em que me mudei para Arcoverde, em plena pandemia, as visitas dos entregadores continuaram frequentes, consolidando sua presença como parte central deste estudo.

Resolvi registrar Arcoverde a partir do que observei em seu movimento. Este exercício busca a produção teórica que se curva à imprecisão e à novidade de uma paisagem viva, permitindo a formulação de categorias próprias para este campo de trabalho. A condução desta antropologia não se submeteu a referenciais monumentais - isto é, referenciais escolásticos que rejeitam a experiência, a corporificação e o desafio de reconfigurar uma consciência hostil às nossas memórias. Não acredito em outra ciência.

Com paciência, alcançaremos uma visão mais clara - talvez justamente o oposto - de uma Arcoverde em relação aos entregadores por aplicativos. Por enquanto, ofereço duas janelas para Arcoverde. Não são janelas de ônibus, embora pudessem ser. São, sobretudo, janelas:

Janela de ônibus é danado pra botar a gente pra pensar/Ainda mais quando a viagem é longa/Uma casinha branca lá no alto da montanha/E eu perguntando: 'quem morava lá?'/Um homem na BR olhando pro nada/Uma mulher com um saco de capim na cabeça/E o sol estralando nas suas costas/E os políticos dando as costas/É, janela de ônibus é danado pra botar a gente pra pensar/Ainda mais quando a viagem é longa (Miró, 2013).

De uma janela, vislumbra-se uma cidade branca que se estende até as serras no horizonte. Não se trata de edifícios Bauhaus<sup>1</sup>; os limites dessa urbe aparecem ao longe, delineados pelo horizonte. Há um alívio momentâneo nessa visão inicial, mas logo sou levado a reconhecer a existência de "Palestinas" ocultas no meu campo de visão - invisibilidades que escapam à perspectiva centrada na Arcoverde do centro. Mesmo sendo um centro regional com quase 80 mil habitantes, a cidade não entrega completamente suas fronteiras. Dissipa-se o alívio inicial, e emerge a entropia característica das concentrações urbanas, uma inquietação que mantém uma vigília constante sobre as suas particularidades (Simmel, 2005).

As serras, verdes após as chuvas recentes, contrastam com a estética árida frequentemente associada ao Sertão Nordeste na literatura, no audiovisual e nas artes plásticas. As chuvas são anunciadas de forma solene pelas ventanias, pelos raios e pelo estrondo dos trovões. Essas manifestações não são apenas forças naturais; para os Xucurus, antigos habitantes destas terras, podem ser interpretadas como a presença dos encantados. As chuvas torrenciais impõem sua marca: estou em um ponto de luz artificial ao pé da serra, cuja vegetação foi gerada a partir de "sementes de fogo". A percepção do tamanho da cidade vai mudando. Ela parece diminuir quando os trovões ecoam ou quando percebo que, de qualquer ponto, é possível chegar rapidamente à BR-232.

Porém, diminuída, Arcoverde se ocupa tão intensamente de mim. Os sinos da igreja de Nossa Senhora do Livramento se dobram para mim, assim como as odes dos cortejos

---

<sup>1</sup> Tel Aviv, capital de Israel, é frequentemente associada à imagem de uma "cidade branca" devido à sua impressionante coleção de edifícios no estilo Bauhaus, que lhe valeu o título de Patrimônio Mundial pela UNESCO em 2003. Com mais de 4.000 construções desse tipo, a cidade abriga a maior concentração mundial de arquitetura Bauhaus, fruto da imigração de arquitetos judeus europeus na década de 1930. O movimento Bauhaus, originado na Alemanha, revolucionou a arquitetura ao enfatizar a funcionalidade, o design minimalista e a integração com o ambiente urbano, características que transformaram Tel Aviv em um marco de modernidade arquitetônica no Oriente Médio. Essas construções, muitas vezes brancas para refletir a luz intensa da região, não apenas definem a estética da cidade, mas também simbolizam a inovação cultural e técnica em meio aos desafios da construção no clima árido.

fúnebres, o batidão dos paredões de som<sup>2</sup> e os protestos dos mototrabalhadores. Logo, essa cidade se reveste rapidamente de uma magnífica interrogação. Se os seus limites não me são inteiramente entregues, é porque também estão imbricados com os meus, e se continuo a me considerar alguém em Arcoverde, não seria pelo movimento das suas ruas, pessoas, casas, bares, comidas, instituições etc.? “Pois o mero fato de ser humano e estar num lugar gera por si só certas dependências” (Wagner, 2010, p. 32).

São muitos os prédios brancos de até cinco ou seis andares, no máximo - todos sem elevador, como bem sabem os entregadores - e casas igualmente brancas. Antenas de telefonia celular se destacam, apesar da instabilidade do sinal, pelo menos na operadora do meu smartphone. Essa percepção foi reforçada pelas queixas de um senhor dirigidas a uma das atendentes jovens de uma das muitas assistências técnicas de celular no centro da cidade. Na paisagem, avisto "a BR", a BR-232, que corta Pernambuco do litoral ao sertão. Foi por ela que cheguei a Arcoverde, dormindo quase todo o percurso de 252 km, apesar do interesse genuíno pela nova vida que se desenhava nas janelas do carro que me trazia.

Durante essa viagem, aproveitei o silêncio inesperado do motorista para dormir, algo incomum entre os motoristas informais que percorrem a “BR” regularmente. Esses condutores costumam realizar várias atividades enquanto dirigem, utilizando o smartphone para enviar e ouvir áudios em grupos do *WhatsApp*, além de usar o aparelho como navegador *GPS (Global Position System)*. As instruções do *GPS*, reproduzidas pelo som automotivo, muitas vezes são personalizadas com vozes que imitam figuras públicas histriônicas, como o humorista Tiririca ou o ex-presidente Bolsonaro, trazendo um toque de humor ou familiaridade à experiência da condução.

O som automotivo geralmente reproduz o artista ou grupo mais popular do momento, trazendo músicas captadas de maneira precária durante as turnês mais recentes. Nessas gravações, os ruídos da plateia são amplificados para demonstrar o entusiasmo do público, enquanto o artista interrompe as músicas para agradecer individualmente a dezenas de pessoas. Utilizei várias vezes aplicativos de "carona" – como o Blablacar –, mas, ao observar de perto, fica evidente que esse trabalho é exaustivo para os motoristas. Muitos não têm folgas e raramente descansam entre a ida e a volta, enfrentando uma rotina exaustiva.

---

<sup>2</sup>“Paredão de Som” é um sistema potente de som automotivo, geralmente montado em um veículo auxiliar rebocado pelo veículo principal. Em Arcoverde, as madrugadas são atravessadas pelo som desses paredões, principalmente nos fins de semana. Esses equipamentos desempenham um papel importante na cultura das cidades sertanejas, sendo usados como expressão de identidade e lazer em festas, encontros de amigos e celebrações locais. Na internet, são disponibilizados repertórios com diferentes equalizações para atender às diversas configurações dos paredões, como “gravão”, “no pique dos médios” e “brota grave”.

Foi pela BR-232 que o novo coronavírus também chegou a Arcoverde, conforme aponta o Instituto para Redução de Riscos e Desastres de Pernambuco (IRRD-PE). A primeira onda de contágio em Pernambuco começou com pessoas que retornaram infectadas da Europa. Esses casos concentraram-se nas áreas nobres da capital e foram tratados em hospitais privados. Posteriormente, o coronavírus alcançou as periferias, acompanhando a infecção da classe trabalhadora, comprimida no transporte público durante o movimento pendular. Com isso, os casos se multiplicaram no Sistema Único de Saúde (SUS), tornando-se um problema significativo para os entregadores, tanto pelo contágio dos familiares e amigos quanto pela infecção dos clientes dos *apps*.

A segunda onda de contágio, em Pernambuco, ocorreu com a interiorização da pandemia, especialmente nos municípios atravessados pela BR-232, como é o caso de Arcoverde. Uma das hipóteses levantadas para essa interiorização foi a paralisação das universidades na capital, que obrigou o retorno de muitos estudantes infectados às suas cidades de origem. Não há informações detalhadas sobre como o contágio se disseminou em Arcoverde - ambas as ondas ocorreram em 2020.

A BR-232, que observo desta janela, apresenta-se como uma estrada reta e angulosa, na qual caminhões sobem lentamente em fila, tanto de dia quanto à noite, margeados por rochas expostas na serra. Essas formações rochosas, em tese, desenham o dorso de um jacaré, embora eu nunca tenha confirmado essas abstrações que batizam os relevos. A Serra do Jacaré, vizinha ao bairro de Sucupira, retornará a este texto em breve.

A visão da BR-232 encontra seu término na altura do Cruzeiro Baixo, precedido pelo Posto Serrano, marcado por duas placas: uma de ferro, branca, com letras maiúsculas, visível apenas durante o dia, e outra mais recente, alta, de plástico e colorida, exibindo os atualmente assustadores preços dos combustíveis<sup>3</sup> - uma realidade bem conhecida pelos entregadores. No estacionamento do posto, os paredões de som se reúnem nas madrugadas. Já no Cruzeiro Baixo encontra-se a sede do Coco Raízes de Arcoverde, reconhecido como patrimônio cultural do estado de Pernambuco. Foi lá que, em 2020, o Homem da Meia-Noite comemorou seus 88 anos, em uma rara saída para o calunga mais icônico de Olinda. O local é chamado de “Baixo” para diferenciá-lo de outro cruzeiro situado em um ponto mais elevado da cidade.

Depois do Cruzeiro Baixo, avistam-se serras maiores e mais verdes, ainda livres de ocupação humana. Próximo ao limite urbano está o Residencial Maria de Fátima, construído com recursos do Programa Minha Casa, Minha Vida. De longe, ele se assemelha a uma rocha ocre cercada pelo verde da mata serrana, mas uma caixa d'água comunitária denuncia a

presença de um residencial popular. Essa visão me remete à Brasília Teimosa, o bairro onde nasci, cuja caixa d'água, no século passado, era um marco visível. Hoje, no entanto, ela está cercada pelas lajes dos moradores e por empreendimentos que avançam sobre os limites sempre móveis da comunidade, pressionada constantemente pela especulação imobiliária. Próximo à caixa d'água de Brasília Teimosa, encontra-se um armazém desativado da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), hoje ocupado por famílias sem-teto.

Já o Residencial Maria de Fátima projeta-se sobre Arcoverde como uma região estigmatizada, frequentemente associada a denúncias de risco de assaltos, muitas delas feitas pelos próprios entregadores. Apesar disso, os moradores “das casinhas” – como o Maria de Fátima é conhecido localmente – clamam por serviços básicos e infraestrutura. Pedem asfalto, farmácia, padaria, posto de gasolina, hospital, caixas eletrônicos e segurança pública, em uma tentativa de se integrar à cidade. No entanto, enquanto os moradores buscam aproximação, Arcoverde parece rejeitar a comunidade Maria de Fátima, mantendo-a à margem.

Próximo à janela, encontra-se um trecho da linha férrea desativada, outrora indutora do desenvolvimento regional, no período em que a cidade ainda era conhecida como Rio Branco. Também se avistam um prédio inacabado, já em processo de deterioração – um entre vários que notei desde a minha chegada – e galpões abandonados. Nos fundos das lojas, os estoques são armazenados, enquanto suas fachadas se voltam para a Avenida Coronel Japiassú, a principal da cidade. Próximo dali, está o Terminal Intermunicipal de Vans, onde os motoristas têm a circulação restrita ao transporte de passageiros apenas entre municípios, sendo proibidos de operar dentro da cidade. À noite, o terminal ganha outros usos: enquanto as vans partem, casais discretos e praticantes de corrida ocupam o espaço. Há ainda a Estação da Cultura, hoje um centro cultural, fruto da ocupação de artistas locais, de onde ecoam sons de batucadas, coros e instrumentos de sopro.

O município de Arcoverde foi oficialmente criado em 1928 por meio de uma lei estadual. Inicialmente chamado de Rio Branco, seu nome foi alterado poucos anos depois para homenagear o Cardeal Arcoverde, o primeiro cardeal da América Latina. Na época do nascimento do cardeal, essas terras estavam sob a jurisdição da Câmara de Cimbres, hoje pertencente ao município de Pesqueira. O primeiro prefeito eleito de Arcoverde foi o fazendeiro Antônio Japiassú, do Partido Republicano e tenente-coronel da Guarda Nacional, em 1928, ano da fundação do município. Registros em jornais da época relatam a intensa pressão política pela emancipação nas sessões do Cinema Rio Branco, bem como a recepção calorosa ao coronel na estação ferroviária municipal após sua eleição. Fundado em 1917, o Cinema Rio Branco encontra-se atualmente desativado. A estação ferroviária, sem receber

trens há décadas, abriga hoje um teatro, ateliês e serve como espaço para grupos nômades que passam pela cidade, assim como a Estação da Cultura.

No lado oposto à paisagem descrita, vejo uma rua arcoverdense de cima, revelando a vida doméstica dos seus moradores. Lá estão as áreas de serviço, quintais e galinheiros. As moradoras, ocupadas com os afazeres domésticos e vestidas de forma despojada, parecem impossibilitadas de sair às ruas, considerando o rigoroso asseio do passeio público em Arcoverde - uma regra não aplicada às muitas pessoas em situação de rua. As construções cercam e dividem os terrenos com grades, arames e muros tortos, formando espaços estreitos que revelam uma "arquitetura da gambiarra" e o adaptável paradigma dos enclaves fortificados. Esses elementos, frequentemente acompanhados de cães que latem incessantemente, refletem o crescimento populacional e o medo da violência urbana (Caldeira, 2000; Telles; Hirata, 2010). Nesta mesma rua, encontra-se uma conveniência que oferece uma diversidade de produtos e também serviços acadêmicos de escrita e formatação. Pergunto-me se tal prática seria uma perspectiva profissional mais acessível para os pós-graduandos, especialmente em um período marcado pelo desinteresse do Estado brasileiro pela ciência produzida no país.

Acima, o Cruzeiro Alto. Para chegar até lá, a rota usual é pelo bairro do Cardeal. No Alto Cardeal, encontramos algumas mansões voltadas de costas para o subúrbio e de frente para o centro. Vale ressaltar que "Arcoverde" deriva do sobrenome de Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, o primeiro latino-americano titulado cardeal pelo Santo Padre, em 1905. A primeira missa na América Latina ocorreu em 1494, na atual República Dominicana. O Cardeal Arcoverde nutria um desprezo profundo pelo colega Padre Cícero, de origem humilde e sem o brasão de donatário de capitania. O então Bispo Arcoverde o considerava um matuto, degenerado e rebelde, impressão criada quando Cícero desafiava o Vaticano com os milagres de beatas em Juazeiro (CE) (Neto, 2009).

Contudo, em Arcoverde, esse cisma não abala a pompa do Cardeal, nem a devoção ao Padrinho, cujas imagens são exibidas até nos balcões dos bordéis. O Cardeal Arcoverde também dá nome ao colégio local das elites. Logo abaixo do Cruzeiro Alto, veem-se casebres de alvenaria sendo erguidos furtivamente, conectados ao bairro de São Geraldo. Talvez, em Recife, fosse chamado de Morro de Geraldo, uma divindade evocada com intimidade, como ocorre com o Morro da Conceição. As ruas do bairro são estreitas e movimentadas; as casas praticamente se derramam sobre as vias, ocupadas por mesas, bares com churrasqueiras improvisadas nas calçadas e brincadeiras populares, como o boi, o urso e o cavalo-marinho.

Os jogos de azar movimentam os homens do bairro. Não se trata do tradicional jogo do bicho, mas das apostas legalizadas no futebol. Essas apostas refletem um processo geracional, no qual os jovens da periferia se tornam consumidores assíduos das competições europeias. Por meio delas, é possível palpitar sobre os resultados das ligas profissionais em todo o mundo. No entanto, não me surpreenderia se esses jogos de azar fossem controlados pelas famílias dos antigos bicheiros, agora mais burguesas, profissionalizadas e informatizadas do que no tempo de Castor de Andrade. Um dos limites de São Geraldo é o bairro de Santa Luzia, onde moro e sou vizinho de Salomão, um judeu no mínimo heterodoxo. Quando o chamo de incréu, ele finge desgostar e, em seguida, ri.

Enquanto acontecimentos, as paisagens também conceberam esta pesquisa - mesmo os entregadores estão sendo constituídos de forma subjacente, caso isso ainda não tenha sido evidente. Esses acontecimentos não são acessórios para a antropologia urbana. As cidades emergem de modificações frequentemente brutais do ambiente pela cultura. Tampouco são acessórios para as plataformas virtuais de trabalho, já que seu poder aplicado, comumente chamado de algorítmico ou de despotismo algorítmico, é constantemente desafiado pela complexidade das comunidades em que operam. Entre as plataformas e a comunidade, há uma paisagem oceânica repleta de significados particulares para os olhares atentos e empoeirados - uma materialidade tecnológica entrelaçada aos modos de vida e práticas sociais, revelando sentidos que vão além da superfície.

Nas paisagens, acontecimentos errantes, incompletos e diaspóricos demonstram as falácias da universalização e do progresso. São espaços onde reincidem os conhecimentos-abismos diante da sucessão de eventos traumáticos que compõem a essencial coleção de obstáculos das cidades brasileiras: expulsão, despossessão, informalização, criminalização etc. (Glissant, 2011). Não à toa, a descrição das paisagens fissa uma representação apaziguada e genérica da cidade, mobilizando alteridades para a construção única de Arcoverde, a partir das relações entre os interlocutores de pesquisa e este antropólogo. Quem veleja febrilmente por esses mares empesteados, por esses oceanos arcoverdenses? Os entregadores por aplicativos.

A primeira interação com um mototrabalhador em Arcoverde me colocou na defensiva. Meu cabelo estava apenas descolorido. Um mototaxista, em um dos supermercados

do bairro de São Cristóvão<sup>4</sup>, enquanto esperava um frete, decidi me ridicularizar. O burburinho próprio das encruzilhadas de um centro comercial não me permitiu compreender quais eram os xingamentos proferidos, mas a violência era evidente. Instintivamente, o encarei. Foi então que escutei: “Bicha”. Ele estava acompanhado de outros mototaxistas, motivo pelo qual resolvi seguir o meu caminho. Algumas mulheres que saíram de Recife para Arcoverde relataram a postura mais agressiva de alguns homens, com ofensas em voz alta e olhares abertamente invasivos em espaços públicos.

Em um final de semana, por exemplo, eu estava com meu parceiro e acompanhado por outro casal na rua, quando homens pararam para oferecer dinheiro às mulheres que estavam conosco. Foi algo inédito e assustador. Na semana seguinte, um buzinaço de motos ecoou próximo de onde eu morava, com o som das motos “cortando giro”<sup>5</sup> se espalhando pela vizinhança. O rancor recentemente criado aticou em mim o pressentimento de um ato político conservador. Contudo, ao apurar a informação, descobri que se tratava de uma homenagem a um mototrabalhador que havia falecido.

Esse evento aconteceu na minha primeira residência em Arcoverde, um apartamento pequeno, em um prédio destinado a recém-chegados, monitorado por câmeras e “perto de tudo”. Nesse momento, se impôs a necessidade de sair da defensiva em relação aos mototrabalhadores e buscar compreendê-los melhor, afinal, estava lá para pesquisá-los.

A Secretaria de Saúde de Pernambuco (SES-PE) ainda recomendava sair de casa apenas em casos inevitáveis. Por isso, eu pedia comida frequentemente no aplicativo *Quero Delivery*. Descia para receber os pedidos dos entregadores, geralmente esbaforidos, passava

---

<sup>4</sup>João Silva (1905-2013), lendário compositor arcoverdense e um dos principais parceiros musicais de Luiz Gonzaga (1912-1988), recorreu ao tipo do homem de São Cristóvão para justificar a criação da música *Deixa a Tanga Voar*, que versa assim:

"Zé matuto foi à praia, só pra ver como é que é  
 Mas voltou ruim dá bola de ver tanta rabichola nas cadeira das muié  
 Zé matuto matutou, matutou e escreveu pra Clodovil  
 Ele logo respondeu, e atacou, isso é atraso do Brasil  
 Uma tanga, minitanga, tão pequena, piquitinha miudinha  
 Não precisa amarrar  
 Ora pomba ora bolas, jogue fora a rabichola  
 E deixa a tanga voar [...]".

João Silva relata essa história no documentário *Danado de Bom* (2016), dirigido por Deby Brennand.

<sup>5</sup>“Cortar giro” refere-se a um procedimento em que o motor da moto atinge o limite de rotações por minuto, ativando um sistema de proteção que evita que o giro máximo seja ultrapassado. Esse procedimento gera um ruído alto e pode configurar crime de perturbação do sossego.

meu cartão numa máquina trazida por eles e agradecia automaticamente. Depois, refletia sobre o fato de não agir como um antropólogo naquele momento e concluía que as péssimas condições de trabalho nos aplicativos seriam agravadas por conversas paralelas com os clientes. A expectativa dos entregadores acerca da minha avaliação como cliente seria inconveniente e insensível ao ponto de pressioná-los a perder tempo comigo. Assim, me restringia a simular a trivialidade destes encontros. Enquanto varria com o olhar os harawayentregadores, também examinava o meu próprio olhar após receber cada entrega – “com o sangue de quem foram feitos meus olhos?” (Haraway, 2009, p. 25).

Mas, em um dia específico, precisei subir as escadas do prédio acompanhado por um entregador. As restrições sanitárias haviam sido relaxadas, e as lojas retomaram suas atividades com horários e capacidades reduzidas. Era um dia quente, e as calçadas do centro estavam movimentadas. Em uma rádio local, um representante de uma associação comercial cobrava do governo estadual o fim imediato das restrições e aconselhava os comerciários a esquecerem os limites da jornada de trabalho, incentivando-os a se dedicarem integralmente às vendas pelas plataformas virtuais em seus smartphones. Nesse dia, notei também que as mulheres em Arcoverde caminhavam pelas ruas do centro com um dos braços sobre a bolsa, como uma precaução contra uma possível “botada”<sup>6</sup>.

Quando cheguei em casa, percebi que estava sem as chaves. Um entregador que subia as escadas segurou o portão para que eu entrasse. Perguntei a ele sobre o cliente, e a resposta resignada veio: “tudo bem, é assim mesmo”. Não resisti e, quase por reflexo, reclamei sobre a insensibilidade e a preguiça do cliente. O entregador esboçou um riso amarelo e hesitou em prolongar a conversa. O capacete estava levantado até sua testa, brilhante de suor. Por uma infeliz coincidência, subimos até o mesmo apartamento. Entrei no apartamento, avisei ao cliente sobre a entrega e, constrangido, interrompi qualquer interação adicional com o entregador.

Esse cliente poderia descer tranquilamente as escadas, sem qualquer impeditivo. Ainda assim, criticava ruidosamente a uberização. Essa postura contraditória suscitou em mim a seguinte questão: por que atitudes razoáveis são menos eficazes do que discursos grandiloquentes, mesmo diante de um tipo de trabalhador essencial durante a pandemia? Os entregadores por aplicativos, já marcados como símbolo de superexploração capitalista após o “Breque dos Apps”, tornaram-se ícones do período do “novo normal”. Essa convenção cínica

---

<sup>6</sup> Um tipo de furto caracterizado pela rapidez do ataque e da fuga, geralmente realizado sem o uso de armas. Relógios, carteiras, colares e bolsas estão entre os alvos preferidos dessa prática. Posicionar a bolsa sobre o braço atua como uma medida adicional de segurança.

acaba por normalizar o aprofundamento das desigualdades durante a pandemia, consolidando formas cruéis de trabalho, nas quais até a possibilidade de sobrevivência é precarizada. Não há absolutamente nada que deva ser normalizado quando se trata da precarização do trabalho nas entregas por aplicativos.

Essa constatação não se limita àquele entregador das escadas. De fato, há uma violência estrutural na sociedade brasileira direcionada à classe trabalhadora, particularmente ao perfil social predominante entre os entregadores: jovens, negros e periféricos. Esses trabalhadores são frequentemente constrangidos a internalizar um orgulho forçado diante da humilhação e da exaustão, resultantes de uma suposta vocação para aceitar passivamente os esforços e os riscos adicionais impostos pelo trabalho precário. Essa humilhação se fundamenta em uma lógica perversa: os saberes dos trabalhadores são desvalorizados, envergonhados, e o trabalho em condições degradantes é visto como um privilégio, enquanto os exploradores se colocam como sacrificados por fornecerem a oportunidade de exploração. Trata-se de um controle que opera pela superexploração dos músculos, do intelecto, do afeto e da estética desses trabalhadores - um mecanismo que poderíamos denominar de "solução da estafa" para corpos considerados desordeiros.

Em terra de banzo, essa solução persiste por meio de uma disciplina brutal no trabalho, simbolicamente eficaz em debilitar as aptidões consideradas imorais dos supostamente incivilizados; hipoteticamente capaz de abrandar, como uma bênção, a entrada em massa desses sujeitos nos hospícios, prisões e calungas<sup>7</sup>, grandes e pequenas. Como versa Melo Neto (1992, p. 46): “E assim não reconhece/o direito a túmulos estanques/mas socializa seus defuntos/numa só tumba grande”. Nesta pesquisa com os entregadores em Arcoverde, as práticas sociais desses interlocutores foram mediadas por categorias prosaicas, como vida e morte, pois são mais eloquentes do que a categoria transcendental de razão, geralmente destacada para esse fim. Essa troca permitiu outras visões sobre os sujeitos, algo diferente da perspectiva imposta pela modernidade (Mbembe, 2017).

Pelo visto, emoções foram despertadas nesse evento das escadas, o que me estimulou a me incorporar de forma mais ativa nesta pesquisa. Uma pesquisa de estilhaços, que eventualmente também são os meus, na qual tal evento prosaico foi importante para futuramente observar os entregadores de Arcoverde de forma original, por meio das lentes da violência urbana, incluindo a violência policial. A concepção de centro foi se deslocando da concepção de cidade, e os parâmetros irrealis relativos a Arcoverde foram sendo desconstruídos. Esses parâmetros provinham de uma imagem baseada em um tipo abstrato de

---

<sup>7</sup> Cemitérios.

destino turístico e cidade sertaneja. Como recifense, nascido em uma cidade turística, posso afirmar que os turistas romantizam determinados aspectos da cidade, não sem os estímulos provenientes dela, algo que pode desagradar os seus reais habitantes.

Certo dia, fui convidado para uma “festa no sítio” em Arcoverde. Esperava a frugalidade de uma reunião familiar simples, contudo, encontrei uma casa de campo com piscina, salão de festas e gramado em um condomínio fechado, atendido pelos entregadores de aplicativos. Alexandre, emigrado do bairro de San Martin, na Zona Oeste do Recife, é motorista do Rumbora, um aplicativo de transporte de passageiros, e me surpreendeu ao citar, de memória, os bairros, povoados e quebradas de Arcoverde. Trata-se de uma cidade que cresce com loteamentos ordenados, mas desprovidos de infraestrutura, e com ocupações urbanas vulneráveis à fome, exploração sexual, epidemias, endemias, entre outros problemas. No perfil da prefeitura no Instagram, um arcoverdense indignado com a geopolítica urbana comentou: “Arcoverde não é só o centro”.

A faixa urbana mais recente de Sucupira era uma área rural há poucos anos, evidenciando como o urbano e o rural se confundem nas periferias de Arcoverde. Em uma ida a esse reservatório, cruzei com um vaqueiro à noite – não há iluminação pública – e ele avisou: “Pode ficar tranquilo que eu não sou uma assombração.” Esse encontro suscitou as seguintes questões: seria um autorreconhecimento do aspecto residual daquele sujeito no contexto da mudança social do município? Ou ele estaria me alertando sobre a insegurança, na qual a “assombração”<sup>8</sup> poderia ser equivalente à “alma sebosa” em Recife? Também em Sucupira, conversei com Galeno, um senhor que construiu casas de aluguel praticamente integradas à sua própria residência, com o objetivo de pagar as pensões das filhas. Ele abandonou a profissão de taxista após sofrer dois assaltos.

No centro, as habitações apresentam uma grande variedade. Algumas casas tradicionais possuem frentes estreitas diretamente conectadas às calçadas, que se alargam para cômodos espaçosos e terminam em um terreiro amplo nos fundos. Outras estão separadas da rua por muros baixos e jardins frondosos, frequentemente decorados com ipês. Há também edificações conhecidas como cabeças de porco, prédios, lajes, mansões e, em contraste, pessoas em situação de rua – geralmente negras ou com traços indígenas – algumas com problemas evidentes de saúde mental. Em Arcoverde, as calçadas quase nunca são livres,

---

<sup>8</sup> Na Reserva Xucuru, em Pesqueira (PE), há um pensamento acerca da marca negativa da cristandade na demonização de toda aparição sobrenatural não litúrgica, Iran, uma das referências políticas dos xucurus, por sua vez, fala das aparições sagradas dos encantados e troca “mal assombro” por “bom assombro”, como proposições teológicas, políticas e culturais dos xucurus.

niveladas ou acessíveis, e ciclovias estão ausentes, apesar do grande número de ciclistas. O transporte público é escasso, pouco abrangente e insuficiente para atender adequadamente à mobilidade das muitas pessoas que não possuem veículos próprios.

A moto desempenha um papel essencial na logística urbana. Supõe-se que a periferação viabilize a conquista da casa própria e a oferta de aluguéis mais baratos nas áreas marginais, mas não acompanha a criação de empregos locais. Essa dinâmica exige o uso de veículos particulares, motoristas de aplicativos e mototrabalhadores.

Os pontos de mototáxi atendem a toda a cidade, inclusive em áreas onde os mototaxistas enfrentam o receio constante de assaltos. Um exemplo é o ponto localizado em São Cristóvão, próximo a uma igreja neopentecostal e à zona meretrícia. Esse ponto funciona 24 horas e possui dimensões aproximadas de um quarto, contando com estrutura básica: um galão de água potável, outro de água não potável, um ventilador, banheiro, armários e calendários fixados nas paredes. Para maior conforto, um banco retirado de um carro é utilizado. Ele permanece dentro do espaço nas noites frias e inseguras, sendo levado para fora durante os dias quentes e de movimento intenso.

As etnografias sobre motoboys destacaram a dinâmica desses pontos, que funcionam como sedes de observação e interlocução, apesar da alta rotatividade dos trabalhadores, que permanecem nos locais por breves instantes entre as incessantes corridas (Castro, 2010; Gondim, 2009; Guimarães, 2019; Ito, 2010). No caso dos entregadores por aplicativos, não há pontos estruturados. Uma das aptidões das plataformas virtuais de trabalho é justamente a capacidade de operacionalizar uma multidão dispersa de trabalhadores (Ferrari; Graham, 2021). Ainda assim, os entregadores frequentemente se concentram em frente às lojas e desenvolvem mecanismos para organizar a ordem de chegada e priorizar o recebimento das entregas. Um exemplo é o uso de pegadores identificados com seus vulgos, presos a uma tira de papelão, para demarcar a sequência de atendimento.

As motos, entre os veículos motorizados, são os mais acessíveis economicamente e viabilizam os movimentos pendulares na cidade. Tal acessibilidade pode ser uma das razões pelas quais a aquisição de uma casa ou o pagamento do aluguel passa frequentemente pela compra de uma moto e pelos encargos associados, como abastecimento, manutenção e financiamento. Nesse contexto, motociclistas e a informalidade das entregas por aplicativos acabam se atraindo, já que essas atividades permitem driblar os altos custos relacionados aos registros do condutor e do veículo junto ao Departamento de Trânsito de Pernambuco (DETRAN-PE). Embora os aplicativos e os estabelecimentos não exijam essa documentação para o trabalho, a fiscalização policial, por outro lado, sim.

Isso atende a uma dimensão contemporânea do trabalho: a polivalência (Franco; Druck; Seligman-Silva, 2010). As entregas são realizadas por diversos profissionais e não exigem certificações nem experiência prévia. Por essa razão, eu mesmo poderia ter me tornado entregador caso não estivesse cursando a pós-graduação. No entanto, a polivalência também é uma dimensão tradicional no Brasil, reproduzida há séculos pelos trabalhadores informais, conhecidos como os “desenrolados” ou “faz tudo”, frequentemente convocados pelo “chama o menino”. Exemplos disso incluem o porteiro, que acumula funções como segurança, babá e manobrista; o biscateiro, que aceita qualquer trabalho disponível, seja carregar pedras ou limpar terrenos; e os motoboys, que muitas vezes transitaram por diversas profissões - garçom, caixa, servente, entre outras - antes de realizarem o sonho de “trabalhar para si” (Castro, 2010).

A polivalência requer um repertório útil, mas frequentemente desvalorizado pela sociedade brasileira, como se as tarefas manuais fossem simples demais. As classes contratantes, muitas vezes, se eximem dessas atividades alegando falta de tempo e, ao mesmo tempo, posicionam-se como benevolentes por empregarem tais trabalhadores. Além disso, essas classes desvalorizam os trabalhadores manuais, especialmente os negros, segmentando corpos considerados inteligentes (em que negros são no máximo “sabidos”), limpos (associados aos brancos) e lúcidos. Mesmo o pagamento por um serviço simples, como o descarte de entulho, pode ser naturalizado com uma aguardente em vez de remuneração digna. Essas classes se empenham em manter os enclaves da chamada civilização no país, concentrados nos centros urbanos, enquanto os ricos que residem nos subúrbios não são vistos como suburbanos. Como bem apontou Jesus (2019, p. 109): “E há certos brancos que transformam o preto em bode expiatório”.

O aviltamento enfraquece os trabalhadores nas relações informais e desiguais do trabalho capitalista no Brasil. Contudo, os gritos, os surtos, as ameaças, os delírios e a tristeza profunda sobrecarregam principalmente as periferias, essa “cidade esquisita” (Idem, p. 90). Esses sentimentos não pesam da mesma forma nos centros urbanos – salvo nas áreas com maior concentração de moradores de rua, frequentemente associados ao consumo de drogas. Nos centros, onde se concentra o grosso da infraestrutura, é quase certo que haverá um “desenrolado” para remover outro trabalhador aviltado que se revolte contra sua condição subalterna.

Esse “desenrolado”, no entanto, caso estivesse de folga, provavelmente não se prestaria a removê-lo, especialmente se, por exemplo, o revoltado fosse seu vizinho. Mesmo incomodado pelos sentimentos sombrios emanados por ele, em nome da fraternidade, talvez

optasse por não intervir. Essas formas locais de compartilhar a desventura são aprendidas desde a infância e contribuem para o fortalecimento de associações informais, que se desenvolvem à margem da burocracia sindical.

Assim como os entregadores por aplicativos de Recife, os de Arcoverde frequentemente carregam caixas de isopor grandes e fluorescentes nas costas. Além disso, desempenham o papel de estivadores sobre rodas ao transportar gás e água mineral, muitas vezes subindo escadas com tais itens. Por esse motivo, destaco, entre os interesses desta pesquisa, a necessidade de abordar a diferenciação proporcionada pela condução de veículos motorizados no contexto dos trabalhos precários. A questão que emerge é: qual é o impacto da posse de um trabalhador periférico sobre um equipamento que, socialmente, possui um valor igual ou superior à própria vida do condutor?

Os entregadores de Arcoverde também apresentam hábitos característicos em seus momentos de lazer, muitas vezes trajando uniformes utilizados no trabalho. Nessas ocasiões, é comum o consumo de refrigerante misturado com aguardente, acompanhado de churrasco de rua (espetinho). Um elemento frequente desses encontros é a presença de um som portátil com tecnologia *Bluetooth*. No ambiente escolhido por eles, como uma praça, forma-se uma dinâmica social interessante: grupos semelhantes a esse, predominantemente masculinos, se reúnem enquanto uma população mais diversa transita pelos corredores criados entre esses agrupamentos. A interação nos grupos inclui práticas que vêm ganhando espaço, como fumar “pen-drive”<sup>9</sup>, expressão popular que alude ao uso de cigarros eletrônicos, frequentemente associados ao lazer e à juventude.

No primeiro semestre de 2022, a pandemia já não causava tanto temor, mas, em um domingo à noite, era comum encontrar lanchonetes e restaurantes com as mesas vazias. As demandas desses estabelecimentos vinham, em grande parte, do *food delivery*, relegando o atendimento presencial a segundo plano. Nesse contexto, as avaliações nas plataformas virtuais de trabalho tornaram-se mais perigosas para os restaurantes do que as realizadas pelos clientes presenciais. Os comerciantes, por sua vez, temiam consideravelmente uma avaliação baixa nos aplicativos, pois ela podia impactar diretamente a visibilidade e a lucratividade do negócio.

Nessas condições, os entregadores, além de atuarem como estivadores, assumem também o papel de garçons, um papel que foi consolidado durante as restrições impostas pela pandemia. Esse cenário é impulsionado pelo baixo custo das entregas em comparação aos altos custos e riscos associados aos deslocamentos nas cidades. Em Arcoverde, os

---

<sup>9</sup> Cigarros eletrônicos.

entregadores relatam pedidos com valores inferiores aos cinco ou seis reais que recebem por entrega. Exemplos desses pedidos incluem um brigadeiro ou um pastel, evidenciando a desvalorização de seu trabalho e os desafios que enfrentam...

## 2.2 A VIDA DOS ENTREGADORES É DESAFIO

Poucos meses antes de a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarar a pandemia de Covid-19, percebi o surgimento de uma multidão de motociclistas trabalhando para plataformas digitais de food delivery em Recife (PE). Eram os entregadores por aplicativos, mas podem ser simplesmente chamados de entregadores. No primeiro semestre de 2020, observava-se a rápida proliferação desses trabalhadores na paisagem urbana. Embora já conhecesse a figura dos motoboys, os entregadores destacavam-se por sua quantidade significativamente maior. Vale mencionar que, sim, quase todos esses profissionais, sejam entregadores ou motoboys, são homens.

Eles pilotam em alta velocidade entre as faixas de trânsito, frequentemente desrespeitando sinais vermelhos, trafegando na contramão e parando sobre faixas de pedestres para cumprir os prazos curtos de entrega estipulados pelas plataformas. Quando param para se alimentar, fazem-no de pé, em lanchonetes improvisadas nas ruas. O pagamento desses lanches, em geral, é realizado por cartão de crédito ou Pix. Suas motos são estacionadas na vertical, rente aos paralelepípedos.

Eles não passam despercebidos em aglomerações nas ruas próximas a shoppings e redes de fast-food, como *McDonald's*, *Burger King* e *Domino's*. Quando não há entregas para realizar, chegam a sentar nas calçadas. Nesse intervalo, aguardam os estabelecimentos prepararem os pedidos ou esperam ser designados pelos aplicativos para as próximas entregas, notificadas por meio de seus indispensáveis smartphones. Esses dispositivos têm sua autonomia estendida por baterias portáteis, permitindo que os entregadores sigam trabalhando sem precisar interromper as atividades para recarregá-los. Essas aglomerações, predominantemente masculinas e jovens, são majoritariamente compostas por pessoas negras e são constantemente vigiadas, tanto de perto quanto à distância, pela Polícia Militar e pelos seguranças privados dos estabelecimentos.

Os entregadores trabalham tanto nas ruas quanto nas plataformas virtuais de trabalho. Nas plataformas, são contratados e calculam os percursos. Casas em bairros nobres ou favelas; um apartamento, cujo prédio tenha ou não elevador e/ou porteiro, humano e/ou

eletrônico; um empresarial, no qual a segurança privada reviste os entregadores na entrada: esses são possíveis destinos para o food delivery. Nas plataformas, eles também se comunicam com os usuários dos aplicativos, estabelecimentos e as empresas-aplicativos. Não menos importante, recebem o pagamento pelas entregas nas plataformas

Os entregadores são contratados pelos aplicativos para cada entrega, sendo obrigados a se habituar à insegurança dessa profissão para sobreviver nesse mercado de trabalho. Além disso, dependem da estabilidade de uma conexão móvel com a internet para se manterem on-line por meio de seus smartphones. Os custos dos dados móveis de internet são inteiramente arcados pelos entregadores. No Recife, a Prefeitura oferece internet gratuita em locais públicos, algo que não ocorre em Arcoverde. Contudo, para acessar o serviço, é necessário que os usuários realizem um cadastro na plataforma da Prefeitura. Esse serviço é viabilizado por parcerias público-privadas, alinhadas à lógica das plataformas virtuais de trabalho

No primeiro semestre de 2020, recebi muitos entregadores em casa. Eles eram frequentemente vistos dormindo nas praças sobre uma bolsa grande e fluorescente, conhecida como “bag” (Abílio, 2020). Esse item é indispensável tanto para motociclistas quanto para ciclistas entregadores, a ponto de se tornar um símbolo desse grupo. Durante o período crítico da pandemia, muitos chegavam à minha casa sem máscaras respiratórias ou utilizando modelos de baixa qualidade. O capacete, no entanto, era a proteção indispensável dos motociclistas.

A maioria dos entregadores acredita que as avaliações feitas pelos clientes nas plataformas virtuais impactam o número de entregas recebidas. Supostamente, os entregadores mal avaliados pelos clientes recebem menos corridas atribuídas pelos aplicativos. Contudo, as normas das plataformas virtuais não são inteiramente claras para eles. Eles refletem sobre o trabalho e sobre si mesmos na solidão tumultuada do trânsito, onde também promovem ações coletivas. Exemplos disso são os bloqueios à fuga de motoristas que vitimam entregadores e o acompanhamento de colegas acidentados até a chegada do SAMU (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência).

Essas pessoas tornaram-se entregadores em busca de oportunidades no mercado de trabalho brasileiro, que historicamente impôs dificuldades à inclusão dos jovens periféricos. Para tanto, são coagidos a aceitar as desigualdades, os riscos e a invisibilidade característicos da informalidade histórica da estrutura ocupacional brasileira (Cardoso, 2010; Silva, 2003; Kowarich, 1994). A sobrevivência dos entregadores nas cidades brasileiras, inclusive nas de porte intermediário, como Arcoverde, é desafiadora.

### 2.3 DO *IFOOD* AO BREQUE DOS APPS (2012 - 2020)

*Pediu, chegou*  
(slogan do  
*iFood*)

Em 2012, o *iFood* chegou a Pernambuco. Essa empresa-aplicativo praticamente monopoliza o *food delivery* no Brasil, respondendo por 83% desse mercado, que movimentou 60 bilhões de reais em 2021 (Palmeiras, 2022). Empresas como o *iFood* operam uma plataforma virtual para intermediar transações entre estabelecimentos comerciais, entregadores – de moto ou bicicleta – e clientes, em troca de comissões por venda e entrega. Essas empresas (Rappi, Uber, Quero etc.) construíram para si a imagem de facilitadoras de uma economia genuinamente de mercado, na qual o Estado mínimo e a liberdade dos agentes econômicos assegurariam benefícios para todos. No entanto, os entregadores e clientes que participaram do Breque dos Apps nunca acreditaram ou deixaram de acreditar nessa ficção.

O Breque foi o conjunto de manifestações organizadas por entregadores para boicotar os aplicativos de *delivery* nas maiores cidades brasileiras, no segundo semestre de 2020. Os entregadores que aderiram a essas manifestações cruzaram os braços e ocuparam as ruas com palavras de ordem, empilhando *bags* nas calçadas. Eles também incentivaram o boicote entre os clientes nos dias das manifestações, informando-os sobre as reais e assustadoras condições de trabalho enfrentadas pelos entregadores. O Breque ocorreu nos dias 1º e 25 de julho daquele ano. A manifestação almejou e conseguiu alguma visibilidade para os entregadores ao entrar na pauta da grande mídia, o que geralmente acontece pelo viés da criminalização desses trabalhadores urbanos precários e plataformizados.

O Breque tentou reposicionar o motoqueiro profissional na opinião pública, de maneira que a sociedade passasse a enxergar o entregador como um trabalhador superexplorado, e não como um bandido em potencial ou um microempreendedor. Assim, parte da opinião pública admitiu que certas condições de trabalho são injustificáveis, mesmo nas chamadas relações de trabalho flexíveis. Numa referência direta a esse movimento, inclusive, enquanto revisava este tema, questionava-me sobre as condições de trabalho dos pós-graduandos, especialmente dos negros e negras na universidade brasileira. Há, em comum, a partilha da segregação racial nas cidades neoliberais e das inseguranças ontológicas e profissionais. Do lado de cá, enfrentam-se concursos em extinção, remunerações que mal cobrem as despesas básicas do mês e a plataformização das universidades públicas. Além

disso, as comunidades acadêmicas permanecem espaços de violência para os não-brancos, mesmo que à distância

O *iFood* iniciou suas operações em Pernambuco atendendo 20 estabelecimentos localizados na Região Metropolitana do Recife. Naquela época, planejava alcançar 5.000 estabelecimentos em todo o Brasil até 2015<sup>10</sup>. Para atrair clientes, a empresa facilitou os pedidos nos restaurantes locais por meio de seu aplicativo para *smartphones*, prometendo entregas em poucos minutos e oferecendo tarifas reduzidas tanto para os clientes quanto para os estabelecimentos. Embora o cliente possa optar por retirar o pedido no local, o principal objetivo do *iFood* é subsumir o trabalho à tecnologia dos aplicativos, apresentando-o como se o esforço dos entregadores não fosse uma mercadoria e as entregas não fossem realizadas por pessoas. Desconstruir essa visão é parte da inovação do *food delivery* proposta pela empresa.

Para atrair entregadores, o *iFood* fundamentou sua proposta em promessas de pagamentos acima da média, enfatizando a ausência de um patrão direto e a não interferência da legislação trabalhista nas contratações. Nesses termos, o *iFood* alegava não influenciar o custo da mão de obra e remunerar de acordo com a suposta "lei natural" da oferta e da demanda. Contudo, essas mensagens foram questionadas diante do cotidiano arriscado dos entregadores e das dificuldades que enfrentam para sobreviver nas cidades. Essa realidade reflete uma inclusão no mercado de trabalho que depende da recusa de direitos, perpetuando um modelo que desconsidera a dimensão humana e social da classe trabalhadora.

O neoliberalismo no Brasil foi intensificado com a atuação direta do Estado. Um conjunto de leis aprovado no Congresso Nacional, como a Lei do Teto de Gastos (2016), a Reforma Trabalhista (2017) e a Reforma da Previdência (2019), consolidou essa agenda. Segundo seus idealizadores e apoiadores, o objetivo dessas medidas era reestruturar a economia brasileira, reduzindo os custos de empreender e aumentando a competitividade global. A grande mídia reforçava a urgência e a necessidade dessas medidas para "salvar" o orçamento público. Essa reestruturação, entretanto, fundamentou-se em um mercado de trabalho viabilizado pela massificação dos *smartphones*, pela conexão móvel com a internet, pela desregulamentação das relações de trabalho e pelo enfraquecimento das associações sindicais (Bayma; Claussen; Delfino, 2020).

---

<sup>10</sup>FREITAS, Augusto. DELIVERY de comida por aplicativos cresce 116% no Recife este ano. **Diário de Pernambuco**, Recife. 7 jun. 2016. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/economia/2016/06/delivery-de-comida-por-aplicativo-cresce-116-no-recife-este-ano-diz.html>. Acesso em: 9 set. 2021.

Em 2016, ocorreu o segundo impeachment da Nova República. A então presidenta Dilma Rousseff (PT) foi substituída por seu vice, Michel Temer (MDB). O governo Temer, em seu mandato, aprovou a Reforma Trabalhista em 2017:

[...] inserida em um contexto mundial de ataque aos direitos dos trabalhadores – amplia a liberdade das empresas no manejo do trabalho de acordo com os seus interesses, de modo que as alterações buscam reduzir o custo das empresas e ampliar a sua liberdade em determinar as condições de contratação, uso e remuneração da força de trabalho. E, ainda, reduzem a proteção social aos assalariados como estratégia de redefinição do papel do Estado e de estímulo aos indivíduos a se sujeitarem às necessidades do capital (Krein, J. D.; Gimenez, D. M.; Santos, A. L. Dos., 2018, p. 97).

Historicamente, a estrutura ocupacional brasileira nunca formalizou a maioria de sua classe trabalhadora. Houve melhorias passageiras durante os governos do Partido dos Trabalhadores. No entanto, a reforma trabalhista promovida pelo governo Temer elevou o subemprego a um nível estratégico no planejamento da economia nacional. Como consequência desse planejamento, vivenciamos o desmonte das legislações trabalhistas, do sistema previdenciário e do orçamento público. Certo dia, em Arcoverde, presenciei uma senhora dormindo em seu carrinho de mão, em uma feira pública. Essa população humilde e vulnerável, que trabalhou a vida toda, também é alvo da radicalização institucional do neoliberalismo, não apenas os jovens periféricos coagidos a trabalhar para aplicativos.

Em junho de 2016, R., 28 anos, morador de um bairro nobre do Recife, disse: “até seis meses atrás, ainda cultuava o hábito de se deslocar até restaurantes e lanchonetes [...]”, mas “[...] baixou um app em seu smartphone, agora é só esperar a comida quentinha [...]” (Freitas, 2016). Nesta reportagem, R. é uma espécie de consumidor tendência por largar o hábito de ir a restaurantes e lanchonetes, relegado a distantes seis meses atrás. Essa decisão é facilmente vista como sensata e urgente, assim como a reforma trabalhista, porque as pessoas nas ruas dão medo, o combustível é caro, não há tempo para filas, nem razão para socializar com a classe trabalhadora. Apartado dos trabalhadores comuns, o cidadão de bairro nobre acreditou que o *delivery* se resume à agência do *iFood*. E a pandemia sequer havia começado.

A reportagem continua: A., proprietário de uma rede de franquias, “[...] viu no aplicativo uma oportunidade de reduzir gastos no negócio. Antes do app, ele trabalhava com 15 entregadores, mas depois da ferramenta concentra apenas oito”. Ótimo negócio para o proprietário, péssimo negócio para os entregadores. O número reduzido de contratações por esse proprietário não significa que os demais entregadores desapareceram, mas que foram repassados para o gerenciamento das plataformas. Nelas, cada entregador por aplicativo

passou a trabalhar mais e a ganhar menos, em comparação aos entregadores diretamente contratados pelo estabelecimento.

Empresas-aplicativos, como o *iFood*, além de não formalizarem a contratação de seus entregadores, também não disponibilizam dados relacionados ao trabalho e à saúde desses profissionais. Isso não mudou nem mesmo durante a pandemia, quando muitos recém-demitidos, devido ao colapso da economia, buscaram o trabalho no setor de delivery. Dessa forma, o *iFood* se beneficiou amplamente da criação de uma oferta excessiva de entregadores em potencial.

Os entregadores, clientes e estabelecimentos comerciais se complementam nas plataformas. No entanto, em 2016, o público ainda não associava os aplicativos aos entregadores. Por isso, não houve ameaças ao marketing das plataformas, que se baseava exclusivamente na satisfação dos clientes e das grandes redes de estabelecimento. Nesse período, o crescimento do *iFood* no Recife destacou-se como um dos maiores da Região Nordeste.

Em 2019, Jair Bolsonaro assumiu a Presidência da República, comprometendo-se a aprofundar a política econômica do governo anterior. Isso ficou evidente com a nomeação de Paulo Guedes para o Ministério da Economia, um economista neoliberal formado na Escola de Chicago e participante de reformas austeras no Chile. Para vencer as eleições, Bolsonaro se beneficiou amplamente da desregulamentação das redes sociais, que facilitou a disseminação de notícias falsas e discursos de ódio nos smartphones de milhões de brasileiros. Durante a pandemia, seu governo adotou uma postura negacionista que minimizou os riscos do novo coronavírus, contribuindo para posicionar o Brasil entre os países com maior número de óbitos relacionados à Covid-19.

No mesmo ano, o prefeito do Recife reuniu-se com o presidente do Porto Digital - um polo de tecnologia subsidiado pelo poder público na Zona Portuária -, o representante de Relações Institucionais do *iFood* e outras autoridades e empresários<sup>11</sup>. O discurso do prefeito na ocasião foi genérico, dificultando a plena compreensão do significado do evento. Ainda assim, ele celebrou “a instalação de um espaço do *iFood* no Porto Digital” e destacou que “o Recife, sem dúvida, tem que estar conectado com essas inovações”. Contudo, não foram fornecidas informações detalhadas sobre o espaço ou as inovações mencionadas. Essa

---

<sup>11</sup>*IFOOD* chega ao Recife com perspectiva de novos investimentos em 2019. Diário de Pernambuco, Recife. 22 abr. 2019. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/economia/2019/04/ifood-chega-ao-recife-com-perspectiva-de-novos-investimentos.html>. Acesso em: 9 set. 2021.

imprecisão reflete uma concepção de neutralidade associada à tecnologia e à inovação, que, para uma cidade marcada por fortes contradições como Recife, soa excessiva e desconexa.

Até porque as consequências dessas inovações, inclusive aquelas derivadas de mudanças constitucionais e da “nova política”, não são exatamente novidades para as populações mais humildes - com exceção dos quase 700.000 óbitos causados pela Covid-19. Nas cidades, persistem a fome, o desemprego, a precarização, a inflação, a corrupção, a criminalidade e a escassez de infraestrutura. Se a tendência dessas inovações continuar, a perspectiva é bíblica, ou melhor, apocalíptica. Nesse contexto, os entregadores por aplicativos emergem como uma expressão simbólica dessas circunstâncias dramáticas, evidenciada pelo Breque dos *Apps*.

Em novembro de 2020, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD-Covid-19) identificou 678.527 entregadores em atividade no Brasil. Lapa (2021) apontou as seguintes conclusões sobre os entregadores ciclistas e motociclistas: os aplicativos constituíram a principal fonte de renda durante a pandemia; a maioria dos entregadores possuía escolaridade até o ensino médio, tinha entre 14 e 39 anos, não possuía carteira de trabalho assinada nem contribuía para a Previdência. Além disso, menos da metade dos entregadores realizou testes para Covid-19, embora esses fossem essenciais para a gestão do isolamento social. Na Região Nordeste, os entregadores trabalharam mais e receberam menos do que a média nacional dos trabalhadores ocupados

Não foi surpreendente a adesão ao Breque em 13 estados brasileiros e no Distrito Federal. "Breque" significa parada, e os entregadores quiseram interromper a atuação dos aplicativos - justamente eles, que nunca param. Clientes foram convencidos a evitar pedidos pelos smartphones. O Breque contou com mobilizações nas redes sociais, como *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*, sendo que, no último, figurou por horas entre os assuntos mais comentados (Levy, 2022). Em São Paulo (SP), epicentro do movimento, os entregadores bloquearam a Ponte Estaiada, uma obra pública que simboliza a especulação imobiliária e a privatização da cidade. Essa ponte, marcada por seu elitismo, é de difícil acesso para muitos entregadores ciclistas que participaram do bloqueio. Associações sindicais e movimentos independentes, como os Entregadores Antifascistas, se uniram ao Breque, que apresentou as seguintes pautas: aumento do valor pago por quilômetro percorrido, auxílio-pandemia e fim da arbitrariedade nos bloqueios de entregadores pelos aplicativos<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup>ENTREGADORES de aplicativos fazem manifestações pelo país, 2020. G1, São Paulo. 1 jul. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/07/01/entregadores-de-aplicativos-fazem-manifestacoes-pelo-pais> Acesso em: 10 set. 2021.

A pressão dos entregadores por um aumento no valor pago por quilômetro percorrido refletiu a redução de seus já escassos rendimentos durante a pandemia, mesmo com o aumento no número de viagens realizadas. Segundo relatos dos próprios entregadores, as empresas-aplicativos aproveitaram a maior oferta de mão de obra para ampliar seus lucros em meio à crise econômica e social. Como resultado, os entregadores foram pressionados a passar mais tempo nas ruas durante a pandemia, enfrentando a ausência de vacinas e condições precárias. Esse cenário, marcado por mais trabalho e menor remuneração, comprometeu tanto o convívio familiar quanto a segurança no trabalho.

O auxílio pandemia foi uma das pautas dos entregadores, visando garantir a sobrevivência daqueles que contraíram a Covid-19, dispensando-os da necessidade de continuar trabalhando mesmo doentes. Antes da sanção presidencial da Lei nº 14.297/2022<sup>13</sup>, as empresas-aplicativos não tinham sequer a obrigação de fornecer máscaras respiratórias e álcool para proteger os entregadores contra o novo coronavírus. Essa pauta também representava uma questão de saúde pública, voltada para a proteção de trabalhadores essenciais às medidas de isolamento social, os quais, durante a pandemia, colocaram em risco a própria saúde e a de seus familiares.

A pauta da regulamentação dos bloqueios evidenciou e criticou a forma de gestão dos entregadores pelas empresas-aplicativos. A chamada flexibilidade, para os entregadores, deveria permitir que trabalhassem quando quisessem, considerando que são classificados como empreendedores e não possuem patrões a quem devam satisfações. Contudo, durante o Breque, os entregadores relataram problemas com as plataformas, especialmente após períodos de inatividade ou rejeição de corridas.

O *iFood* oferece bonificações para incentivar os entregadores a se conectarem ao aplicativo em momentos em que a demanda supera a oferta de mão de obra. Esse modelo de gerenciamento está relacionado à gamificação, que transforma atos disciplinares em uma experiência de permissão e realização individual, característica do capitalismo contemporâneo (Han, 2020). O aplicativo constantemente desafia o entregador com provocações como: “Você é capaz?”. Contudo, no segundo semestre da pandemia, o aumento expressivo do número de entregadores no setor de food delivery resultou na redução das bonificações, agravando ainda

---

<sup>13</sup>A Lei nº 14.297/2022, de autoria do Deputado Federal Ivan Valente (PSOL-SP), foi sancionada em janeiro de 2022. A lei determina que as empresas-aplicativos contratem seguro sem franquia para cobrir acidentes ocorridos durante a entrega e a coleta de pedidos, ofereçam ajuda financeira de 15 dias, equivalente à média dos três últimos pagamentos mensais recebidos pelo entregador, e forneçam máscaras respiratórias e álcool em gel. Para os estabelecimentos, a legislação exige a disponibilização de banheiros e o fornecimento de água para os entregadores. Essas medidas têm validade restrita ao período de pandemia. O processo de aprovação dessa lei evidenciou o lobby das empresas-aplicativos nos três poderes.

mais o orçamento já limitado desses trabalhadores. O iFood passou a operar com uma multidão de entregadores ativos quase diariamente, exercendo maior pressão sobre todos os potenciais entregadores cadastrados na plataforma

Eis o padrão. Essa constatação abalou a confiança dos entregadores na suposta flexibilidade oferecida pelos aplicativos, pois aqueles que realmente trabalhavam apenas quando queriam acabavam no final da fila das entregas. É importante destacar que os entregadores tentam interpretar as incertezas e padrões dos aplicativos, mas suas conclusões são baseadas em experiências subjetivas, uma vez que as normas das plataformas são privadas e sigilosas.

Na noite de 1º de julho, primeiro dia do Breque, o iFood veiculou um anúncio no intervalo do Jornal Nacional, afirmando que os entregadores valorizavam a flexibilidade como uma forma de complementar suas rendas. Até então, os entregadores sequer eram reconhecidos pelo marketing do *iFood*, mas a empresa passou a se manifestar em nome deles, utilizando-se de desinformação. O iFood justificou o arrocho imposto aos entregadores como se fosse algo desejado por eles mesmos. Empresas como o *iFood* vêm aperfeiçoando suas estratégias de gestão do trabalho, utilizando big data para otimizar a exploração da força de trabalho e da subjetividade dos entregadores. Além disso, essas empresas também lucram com a comercialização dos dados gerados pelos entregadores, que são vendidos para agências de marketing e outras finalidades comerciais.

Após o Breque, o *iFood* contratou agências especializadas para enfraquecer a oposição dos entregadores à empresa (Levy, 2022). Essas agências criaram perfis e comunidades falsas nas redes sociais, promovendo um suposto movimento de entregadores favorável à vacinação prioritária da categoria. Um dos alvos dessa campanha foi Paulo Lima, conhecido como Galo, uma das principais lideranças do Breque. Galo foi atacado como um oportunista em busca de um mandato político, sendo desqualificado como representante da “velha política”. Esses ataques levaram a ameaças de linchamento por parte de colegas de trabalho. Em julho de 2021, Galo também participou da tentativa de derrubar a estátua de Borba Gato, sendo detido temporariamente. Sua prisão foi posteriormente revogada, mas ele ainda responde ao processo.

As preocupações do público com a deterioração das condições de trabalho dos entregadores, em especial a ocorrência de fome, amplamente denunciada, contribuíram para a repercussão do Breque. Um vídeo em que Galo dialoga com colegas sobre a humilhação de trabalhar com fome enquanto entrega comida viralizou nas redes sociais. Nele, Galo afirma: "*A alimentação é a coisa que mais dói, ter que trabalhar com fome carregando comida nas*

*costas*”<sup>14</sup>. Esse relato evidencia uma questão incômoda: por que a sociedade exige um nível tão extremo de sofrimento para reconhecer as reivindicações dos trabalhadores? Seria aceitável explorá-los em excesso desde que tenham o mínimo para se alimentar? Estariam os entregadores predestinados à superexploração? Essas perguntas remetem à historicidade da estrutura ocupacional brasileira, marcada por desigualdades profundas e exclusão<sup>15</sup>.

Os entregadores não eram ouvidos antes do Breque. A própria Lei nº 14.297/22 está associada a essa manifestação. Após o Breque, as empresas-aplicativos, especialmente o *iFood*, passaram a aprimorar estratégias de reação aos movimentos organizados pelos entregadores, criando associações falsas e perseguindo suas lideranças políticas. Além disso, os entregadores continuam sendo penalizados por diversos agentes: proprietários de estabelecimentos, clientes, Estado etc. Essas punições se manifestam sob a forma de injúrias raciais, imposição de múltiplos destinos em uma mesma entrega e punições aplicadas aos que participam de manifestações nas ruas.

O Breque demarcou a crítica às condições de trabalho nas entregas ao evidenciar a fratura existente entre as tendências do capitalismo contemporâneo e a sobrevivência desses trabalhadores nas cidades. Os entregadores vivem sob o temor de morrer de fome, mesmo trabalhando exaustivamente. Essa revolta denuncia os dogmas do progresso, desenvolvimento e inovação promovidos pelo discurso do idílio tecnológico, como aquele veiculado pelo *iFood*.

## 2.4 A FACA NO PESCOÇO

O primeiro Breque dos Apps ocorreu durante a pandemia de COVID-19, especificamente no segundo semestre de 2020, no dia 1º de julho. Essa manifestação antecedeu a implementação da política nacional de vacinação contra a COVID-19, iniciada apenas em janeiro de 2021. O Breque foi um movimento político organizado por entregadores de aplicativos, realizado simultaneamente em diversas capitais brasileiras, com destaque para São Paulo (SP). O protesto reuniu milhares de entregadores e clientes dos aplicativos.

---

<sup>14</sup>BRASIL DE FATO. “Dói ter que trabalhar com fome carregando comida nas costas”, diz o entregador Paulo Lima, 2020. Youtube, 30 jun. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SIBfCSTioIo>. Acesso em 10 set. 2021.

<sup>15</sup>Em Recife, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) realizou doações de alimentos aos entregadores durante o Breque. Um dos entregadores declarou: “Foi uma iniciativa muito boa do pessoal do Armazém do Campo, que viu a necessidade da nossa categoria e se propôs a ajudar. Isso é muito bom, porque mostra que tem pessoas do lado da categoria” (Aguiar, 2020). O Armazém do Campo é um empreendimento do MST destinado à comercialização de produtos oriundos da reforma agrária, sem recorrer a empresas-aplicativos para suas operações.

Enquanto os entregadores decidiram cruzar os braços, alguns clientes atenderam à sugestão dos manifestantes de boicotar os aplicativos de *delivery*.

Nesse primeiro momento, as queixas dos entregadores, direcionadas à gestão desumana de seu trabalho pelas empresas-aplicativos, ainda não se articulavam como pautas de uma política pública para a categoria. A mobilização do Breque contou com a participação de grupos autônomos, descentralizados e horizontais. Entre eles, destacou-se o coletivo Entregadores Antifascistas, cuja maior referência política era Paulo Roberto de Silva Lima, mais conhecido como Paulo Galo ou Galo de Luta. Posteriormente, Galo ganharia ainda mais notoriedade ao participar da tentativa de destruir uma estátua do bandeirante Manuel de Borba Gato (1649–1718), em São Paulo.

O Breque foi uma ação coletiva de trabalhadores urbanos informais, uma categoria que compõe o cotidiano atribulado e violento das grandes cidades brasileiras, e alcançou grande repercussão midiática. Essa repercussão pode ser melhor compreendida quando comparada às manifestações recorrentes de trabalhadores ambulantes contra as interdições impostas pelo poder público nos decadentes, mas ainda disputados, centros comerciais do país. Tais interdições representam medidas punitivas de disciplinamento do uso da cidade contra as classes trabalhadoras, orientadas por uma operação geopolítica urbana que visa à neutralização (ou eliminação) de determinados sujeitos em benefício da manutenção das desigualdades sociais. Os trabalhadores são os punidos nesse processo, vítimas de uma dinâmica que reforça a exclusão social. Os elementos distintivos do Breque – seu caráter nacional e a novidade da categoria que o protagonizou – foram decisivos para que essa manifestação despertasse a atenção da grande mídia, particularmente interessada nas mobilizações dos entregadores de aplicativos durante a pandemia.

Menos que sujeitos políticos legítimos, cidadãos ou batalhadores pela sobrevivência em condições extremamente adversas nas cidades brasileiras, os entregadores eram frequentemente retratados como inimigos da paz, elementos perigosos que exploravam vulnerabilidades de segurança nos bairros nobres. Essa representação depreciativa, estigmatizante e criminalizadora era amplamente veiculada em seções policiais de diferentes formatos midiáticos. Além de reforçar preconceitos, esse discurso se mostrava altamente lucrativo para os empreendimentos de segurança privada.

Os entregadores, assim, passaram a ser analisados pelo prisma do preconceito e do ódio classista e racial, inseridos na narrativa acalorada sobre criminalidade que permeava a opinião pública. No período abordado, os entregadores emergiram como uma novidade social e midiática, especialmente durante a pandemia. Contudo, essa visibilidade estava

condicionada à percepção deles como uma multidão, cuja originalidade residia no caráter tecnológico de sua formação – o crowdsourcing – que, por sua vez, também impactava o imaginário público.

Menos que sujeitos políticos legítimos, cidadãos ou batalhadores pela sobrevivência em condições extremamente adversas nas cidades brasileiras, os entregadores eram frequentemente retratados como inimigos da paz, elementos perigosos que exploravam vulnerabilidades de segurança nos bairros nobres. Essa representação depreciativa, estigmatizante e criminalizadora era amplamente veiculada em seções policiais de diferentes formatos midiáticos. Além de reforçar preconceitos, esse discurso se mostrava altamente lucrativo para os empreendimentos de segurança privada.

Os entregadores, assim, passaram a ser analisados pelo prisma do preconceito e do ódio classista e racial, inseridos na narrativa acalorada sobre criminalidade que permeava a opinião pública. No período abordado, os entregadores emergiram como uma novidade social e midiática, especialmente durante a pandemia. Contudo, essa visibilidade estava condicionada à percepção deles como uma multidão, cuja originalidade residia no caráter tecnológico de sua formação – o crowdsourcing – que, por sua vez, também impactava o imaginário público.

A atenção pública voltada aos entregadores também refletia características profundamente enraizadas na sociedade brasileira, evidenciando um problema tradicional, colonial e de ordem pública. Essa atenção estava vinculada à intensificação do controle – marcado por violência material e simbólica – sobre trabalhadores urbanos, informais, periféricos e negros. As queixas midiáticas acerca da violência urbana, frequentemente pautadas por um viés classista e racial, visavam denunciar a suposta insegurança das áreas nobres das cidades e reforçar a necessidade de proteção das elites brancas brasileiras contra uma violência atribuída às periferias. Essa narrativa persiste como um dos principais desafios das forças de segurança no país, sendo constantemente atualizada pela crescente presença dos aplicativos no tráfego urbano. O resultado é uma amplificação do controle e da marginalização dos trabalhadores periféricos, que passam a ser vistos mais como ameaças do que como agentes essenciais na dinâmica das cidades contemporâneas.

Nesse cenário de embaraço entre as novas tecnologias de exploração do trabalho e a persistência do neocolonialismo na sociedade brasileira – que censurava os entregadores de aplicativos –, o Breque conseguiu romper o silêncio, abrir uma fresta nesta prisão simbólica, nesse campo metropolitano que prenuncia um destino cadavérico. Era como se o cheiro

adocicado da putrefação corresse pelas cidades, alertando os vivos sobre as condições mortificantes impostas aos trabalhadores.

A sociedade de controle, ao mesmo tempo, normalizava essas condições degradantes de vida, julgando-as justas, uma vez que se tratava de corpos considerados perigosos, de uma procedência social vista como duvidosa, para não dizer inferior. No entanto, por meio dessa pequena brecha, o Breque expôs a desumanização imposta aos entregadores, denunciando um regime de trabalho cruel, sustentado por regras obscuras que a sociedade desconhecia e que os trabalhadores só conseguiam inferir, de forma informal, pelo sofrimento cotidiano das entregas.

Os entregadores, ao se organizar por meio do Breque, desafiaram as estruturas de exploração e as narrativas que os reduziam a meros executores de um trabalho precarizado. Eles passaram a exigir visibilidade como sujeitos políticos e denunciaram um sistema que, sob a máscara da modernidade tecnológica, perpetua práticas profundamente desiguais e desumanizadoras. O caráter inédito da mobilização, aliado ao contexto pandêmico, deu força ao movimento, que denunciou não apenas a falta de direitos trabalhistas, mas também o uso opressor da tecnologia para monitorar, controlar e explorar sua força de trabalho. A denúncia do Breque foi incisiva: as plataformas digitais, sob a lógica do *big data* e do *crowdsourcing*, não apenas ampliaram a precarização do trabalho, mas também contribuíram para intensificar as desigualdades históricas e estruturais da sociedade brasileira. Nesse sentido, o Breque dos Apps desvelou uma tensão central do capitalismo contemporâneo: **a contradição entre o discurso de inovação e progresso tecnológico e as condições materiais degradantes impostas aos trabalhadores urbanos periféricos**. O movimento não apenas questionou as plataformas digitais, mas também as bases sociais e históricas que sustentam a exploração.

Com o tempo, as mesmas contradições que sustentam a proeminência dos aplicativos começam a tensionar sua posição dominante. O momento de desmascarar os falsos profetas pode parecer distante, mas é inevitável, dado que a pobreza e o trabalho árduo dos entregadores são realidades cada vez mais visíveis. Mesmo diante dessa desigualdade e da mobilização do Breque, os proprietários dos aplicativos ainda são frequentemente enaltecidos como visionários, oferecendo soluções supostamente neutras, pragmáticas e justas para os problemas da humanidade, ao invés de serem reconhecidos como empreendedores que operam sob a lógica do capitalismo.

Por outro lado, as associações sindicais e movimentos coletivos são frequentemente taxados como pertencentes à "velha política". Nesse discurso, "velho" passa a significar algo

ultrapassado, parasitário, inadaptável, lento e oneroso. Essa retórica serve para deslegitimar as lutas coletivas e reforçar a ideia de que o progresso tecnológico, representado pelos aplicativos, é inevitável e inquestionável.

No limite, os aplicativos de food delivery participam de uma cruzada moral que busca convencer a sociedade de que miseráveis e bilionários compartilham as mesmas oportunidades e são igualmente capazes de vencer na vida e de vencer o tempo. Essa narrativa, além de mascarar as desigualdades estruturais, legitima a exploração ao apresentar o sucesso como uma questão de esforço individual, ignorando completamente os privilégios de classe, raça, gênero etc.

Nesses termos, os poucos milionários deixam de ser percebidos como uma grave questão social e passam a ser enaltecidos como modelos de sucesso para a população em geral. A ideia central dessa lógica é que o sol nascerá para todos, desde que haja empenho e realização individual suficientes. Esse discurso também contribui para formatar massas dispostas a pressionar o Estado a eliminar direitos sociais, considerados parte de uma "velha política" burocrática que supostamente atrapalha aqueles que desejam vencer. Assim, direitos trabalhistas e conquistas históricas são rotulados como obstáculos à prosperidade individual, promovendo uma visão meritocrática que ignora as desigualdades estruturais.

Esses mitos neoliberais, amplamente difundidos e reforçados pelas narrativas dos aplicativos, me conduziram a uma investigação etnográfica dos entregadores por aplicativos na cidade de Arcoverde, interior de Pernambuco. Era imprescindível ouvir diretamente desses trabalhadores - indo além da análise extraída do Breque, conforme exposto na seção anterior - como eles compreendiam sua condição no contexto local. Busquei identificar suas prioridades, compreender as dinâmicas que orientavam suas ações coletivas e explorar como se articulavam em meio às adversidades e às contradições de um modelo econômico que os explorava.

Ademais, o deslocamento dos entregadores das páginas policiais para as capas atribuídas ao Breque - ainda que "manchetes" e "páginas" possam soar como termos antiquados - reflete, indiretamente, os sintomas da neurose cultural brasileira (Gonzalez, 1984). O hall social, tradicionalmente o ambiente receptivo de residências burguesas, e frequentemente servido por entregadores e outros empregados, descreve-os confortavelmente como um bando de esfarrapados, esfomeados, renitentes e perigosos. Essa caracterização, que dialoga com a visão euclidiana de subalternidade, é, contudo, ampliada pelos ônus advindos da recente reestruturação das relações de trabalho. Dessa forma, são preservadas ambiguidades perigosas e desejos ocultos nos códigos sociais dominantes no Brasil, que

continuam a reforçar preconceitos e desigualdades históricas. Essas dinâmicas apontam para os limites e contradições de um modelo que aparenta ser inovador, mas que, na prática, perpetua e aprofunda as assimetrias de poder e acesso às oportunidades, como será demonstrado nas próximas seções.

As massas brasileiras sempre ocuparam os porões da estrutura ocupacional, frequentemente em condições de trabalho mal remuneradas ou não remuneradas e sistematicamente marcadas por violações, mesmo após a abolição da escravatura. Essa realidade é vivenciada pelos entregadores de aplicativos, assim como foi pelos *office boys* em décadas passadas. É uma experiência marcada pela violência simbólica, como a infantilização atribuída aos trabalhadores informais. No Brasil, há os "meninos desenrolados", como os meninos de frete com seus carrinhos de mão nas feiras públicas. Durante o período colonial e o Império, existiam os "negros canoeiros", que navegavam pelos rios Beberibe e Capibaribe. Esses "meninos" permanecem na infância da acumulação capitalista, enfrentando as condições precárias de trabalho impostas pelos aplicativos de food delivery.

A informalidade é a marca da estrutura ocupacional no Brasil, delineando o vasto vazio reservado aos trabalhadores comuns. As narrativas sobre o trabalho frequentemente se limitam às fábricas, onde Maria Carolina de Jesus, em São Paulo (SP), nos anos 1950, recolhia tomates podres, ferro e papel; e onde minha mãe, na Zona Sul do Recife, nos anos 1970, enfrentava filas para receber restos de peixes processados, que levava para casa para fazer sopa. Essas atividades eram essenciais para a sobrevivência de suas famílias nas cidades. Os familiares de ambas não estavam totalmente desocupados, embora a maioria fosse composta por menores de idade. Contudo, os poucos níqueis conquistados eram insuficientes para suprir as necessidades básicas.

No Brasil, o trabalho assalariado vinculou-se às políticas de branqueamento, privilegiando a absorção de trabalhadores brancos brasileiros e imigrantes europeus. Após a abolição da escravatura, as tarefas mais simples foram frequentemente negadas aos não-brancos, consolidando uma exclusão racial estrutural no mercado de trabalho.

Onde a produção atingia níveis altos, refletindo-se no padrão de crescimento econômico e organização do trabalho, existiam reais possibilidades de criar um autêntico mercado de trabalho: aí, os ex-escravos tinham de concorrer com os chamados "trabalhadores nacionais", que constituíam um verdadeiro exército de reserva (mantido fora de atividades produtivas, em regiões prósperas, em virtude da degradação do trabalho-escravo) e, principalmente, com a mão-de-obra importada da Europa, com frequência constituída por trabalhadores mais afeitos ao novo regime de trabalho e às suas implicações econômicas ou sociais. Os efeitos dessa concorrência foram altamente prejudiciais aos antigos escravos, que não estavam preparados para enfrentá-la (FERNANDES, 1978, p. 17).

Quando o *hall social* apoiou as recentes reformas econômicas, não antecipou que os pobres seriam as maiores vítimas? Essa neurose cultural desfila com pompa quando o abre-alas dos “heróis molambos” é celebrado, em uma narrativa conveniente e controlada. Nessa visão, os entregadores surgem do nada e são resumidos à mecânica compulsória e ao circuito faiscante dos aplicativos (Telles, 2006): sem nuances, sem variações, sem paisagens e saberes locais. Ignora-se que, no Brasil, muito antes da máquina a vapor ou do revólver, a serventia dos negros era relegada à porta de serviço. Além disso, a superficialidade dessa narrativa evita ou nega a vastidão e a diversidade cultural e histórica de um país como o Brasil.

A neurose cultural brasileira oculta que a suposta genialidade dos aplicativos não passa de uma estratégia de superexploração impune dos seus trabalhadores, especialmente dos entregadores. O *hall social* insiste em reduzir a complexidade e os saberes desses trabalhadores, ocultando a necessidade e a importância do trabalho simples e prático, como se os trabalhadores comuns fossem “qualquer um” ou, pior, ninguém. Paradoxalmente, a atenção dada ao Breque pelo *hall* adiciona uma camada de humanidade àqueles que o observam de longe. No entanto, quem se dispõe a falar tanto sobre os entregadores deveria, antes, ouvi-los mais. Eles não deveriam ser reconhecidos como trabalhadores apenas em momentos de greve ou mobilização; apesar das suas duras condições de vida, são humanos durante o ano inteiro.

A exaustão cognitiva causada pela constante renovação de situações adversas e compulsórias é uma realidade que aflige os entregadores. No *hall social*, talvez um cliente dos aplicativos se enfureça se um entregador, considerado “atrevido”, se recusar a subir as escadas ou reclamar por esperar demais - situações comuns apontadas pelos entregadores nos bairros mais nobres. Curiosamente, esse mesmo cliente pode ter apoiado o Breque, mas tal apoio não impede que persista a tentativa de domesticar o entregador, mesmo que admitir essa contradição seja algo complicado para o cliente.

Que neura! Durante as eleições, vemos tantos homens e mulheres de berço se apresentando como urgentes e indispensáveis à política nacional. E me pergunto: qual é o lugar reservado ao povo que eles dizem representar? Porta de serviço. “O homem disse-me que os nossos políticos são carnavalescos” (Jesus, 2019, p. 133). Atualmente, os assaltantes figuram nas manchetes disfarçados de entregadores. Em São Paulo, a Polícia Militar chegou a

organizar blitzes exclusivas para abordá-los. Assim, a linha que separa um ladrão de um entregador parece ser apenas a sinceridade da *bag* que carregam.

Em Arcoverde, encontrei uma oportunidade única de ouvir e acompanhar os entregadores, algo que seria inviável se eu não tivesse saído da capital. Essa experiência permitiu-me reorientar percepções construídas em Recife, no contexto do Breque, tanto nas ruas quanto no meu "gabinete" - ou melhor, minha casa, onde passei mais tempo do que gostaria devido ao isolamento social. Em Arcoverde, fui especialmente atraído pelas ações coletivas dos entregadores, que conectavam a segurança pública ao reconhecimento social. Isso me levou a refletir sobre uma questão central: **por que a ação coletiva dos entregadores por aplicativos em Arcoverde é tão marcada pela violência urbana?**

Essa questão emergiu a partir de uma série de eventos ocorridos em Arcoverde no primeiro semestre de 2022. Fui vítima de uma abordagem policial violenta em uma rua movimentada durante o dia; além disso, presenciei um protesto dos entregadores nas ruas da cidade, cujos desdobramentos ainda pude acompanhar nesta pesquisa. É importante destacar que esses entregadores enfrentam diversos tipos de adversidades: são alvo de violência policial, sofrem com a ameaça constante de assaltantes e convivem com o estigma social que os marginaliza. Esse cenário acirrado os obriga a buscar formas de associação e organização coletiva como estratégia de autodefesa. Tal dinâmica revela, de maneira contundente, que os entregadores em Arcoverde são não apenas vítimas de violência urbana, mas também estigmatizados em seu cotidiano.

Do primeiro evento, basta contar o seu desfecho. Alguns entregadores presenciaram a abordagem policial que sofri e me questionaram a respeito. É interessante notar que os entregadores observam e comentam sobre praticamente tudo e todos, uma vez que o ambiente urbano ampliado é também o seu ambiente de trabalho. No sertão de Pernambuco, onde os aplicativos de navegação são menos eficazes, essa vigilância em tempo real desempenha um papel fundamental para o desempenho das entregas. No entanto, essa mesma vigilância pode assumir um caráter invasivo, especialmente para as mulheres. Reunidos na calçada enquanto aguardam novas entregas, os entregadores não raro deixam transparecer um comportamento indecoroso, com olhares e comentários inapropriados.

Quando compartilhei com eles o relato da abordagem policial que sofri, os entregadores responderam narrando outros casos de violência policial vivenciados por eles próprios. Esses episódios não eram isolados e revelavam uma realidade bem diferente da Arcoverde prosaica que eu conhecia a partir da capital.

Eu não estava em uma rinha de galos em Bali. A rinha não seria difícil de encontrar em Arcoverde, assim como uma “pega de boi” ou uma cavalgada pelo centro da cidade. No entanto, minha situação era outra. Além disso, não sou tão diferente assim dos entregadores quanto o casal Geertz era dos balineses. Inclusive, poderia muito bem ter me tornado um entregador em Recife, caso não tivesse decidido me dedicar a esta dissertação. Há, porém, algo em comum entre mim e o casal Geertz: o acesso aos nossos interlocutores de pesquisa, assim como a percepção que eles desenvolveram sobre nossa presença, emergiu das consequências de uma ação policial. No meu caso, foi a abordagem violenta em uma rua movimentada de Arcoverde que me abriu as portas para compreender melhor o universo dos entregadores, suas relações e os desafios que enfrentam cotidianamente.

Os indícios de criminalização dos entregadores em Arcoverde surgiram antes mesmo do encontro mencionado anteriormente. Durante uma entrevista, um gestor de trânsito descreveu os entregadores como causadores de problemas, alegando que a condução deles, apontada por ele como criminosa, teria aumentado os pedidos por lombadas nos bairros e assustado os motoristas. Em outra ocasião, um corretor imobiliário afirmou que os entregadores "se moviam como se estivessem com uma encomenda para o diabo". Ironicamente, os mesmos clientes dos aplicativos, que se habituaram a receber seus pedidos em poucos minutos, sustentam expectativas que pressionam os entregadores a dirigirem de forma apressada e arriscada. Posteriormente, descobri que a vigilância e o monitoramento, antes associados apenas à polícia ou aos clientes indesejados, também fazem parte da dinâmica dos próprios entregadores. Eles utilizam a comunidade virtual, a Associação dos Entregadores, para compartilhar informações sobre abordagens policiais, reclamações de clientes e outras situações que interferem no cotidiano de trabalho

O segundo evento foi inédito na história dos entregadores em Arcoverde: o primeiro protesto proposto e organizado exclusivamente por eles ocorreu em abril de 2022 (Oliveira, 2022). A segurança pública foi a principal pauta dessa manifestação, que trouxe à tona um pedido controverso: uma polícia militar que fosse mais agressiva no combate aos supostos suspeitos de assaltar entregadores nos subúrbios. A reivindicação dos entregadores escancarava sua insatisfação com a polícia local, que, segundo eles, se mostrava composta por policiais novos, acomodados e amedrontados pelos bandidos. Estes policiais eram descritos como figuras que lanchavam de graça no centro da cidade, encostados nas viaturas, exibindo fardas impecáveis e topetes bem alinhados. Contudo, ao invés de proteger os trabalhadores, esses policiais frequentemente paravam os próprios entregadores, enquanto os assaltantes de

motos continuavam a atuar livremente nas periferias, reforçando a sensação de insegurança e abandono.

A polícia civil também foi alvo de acusações por parte dos entregadores, que relataram negligência no atendimento às suas queixas de assalto. Para eles, essa indiferença reflete a condição inferior à qual são relegados em Arcoverde. Um exemplo citado frequentemente pelos entregadores é o assassinato do filho de um policial na cidade. Pouco tempo após o ocorrido, o suspeito foi identificado e preso, contrastando com a morosidade observada nas investigações de casos envolvendo entregadores. Essa disparidade no tratamento reforça a sensação de vulnerabilidade e abandono, deixando-os ainda mais fragilizados.

Enquanto isso, as exigências impostas pelas condições de trabalho permanecem implacáveis: as entregas não podem atrasar e os clientes raramente se dispõem a descer escadas para buscar os pedidos. Os entregadores sentem que quase ninguém se mobiliza por eles. "Estar parado" se torna, nesse contexto, uma das ofensas mais pesadas que um entregador pode receber, simbolizando não apenas a inatividade, mas também a percepção de falta de valor e reconhecimento em suas trajetórias. Essa expressão também reflete um protesto contra a morosidade seletiva das autoridades públicas e a maneira como os clientes, habituados à comodidade dos aplicativos, passaram a tratá-los com indiferença e exigências desproporcionais.

Para o prefeito, restou o título de frouxo. Ele, um comerciante bem-sucedido em Arcoverde, tem suas iniciais associadas a diversos empreendimentos pela cidade. Os entregadores o veem como um empreendedor ocupando a cadeira de prefeito - competente na gestão e honesto, mas incapaz de tomar atitudes autoritárias que intimidem os criminosos e protejam seus interesses. Para os entregadores, eles próprios são fundamentais para o comércio local, mas sentem que as autoridades falham em reconhecer a importância de suas demandas. Essa negligência contribui, por exemplo, para que alguns entregadores abandonem a profissão, desmotivados pelo risco constante de assaltos e pela falta de perspectivas para uma solução definitiva.

Os entregadores relataram dezenas de assaltos ocorridos nas periferias da cidade - um número alarmante para o contexto local. O pior prejuízo material é a perda da moto, mas, considerando que esses crimes frequentemente envolvem armas de fogo, o risco à vida dos

entregadores é ainda mais preocupante. Além disso, esses perigos somam-se aos acidentes de trânsito, como colisões com cavalos na estrada ou atropelamentos causados por jovens embriagados durante as festas do município. Em Arcoverde, a BR-232, que interliga o centro às periferias, também serve como rota municipal, ampliando a exposição a esses riscos. Tanto a violência urbana quanto os acidentes de trânsito impactam não apenas os entregadores, mas também suas famílias, que vivem constantemente preocupadas com sua segurança.

Segundo os entregadores, cerca de cinquenta deles participaram do protesto, movidos, sobretudo, pela revolta diante da inércia do Estado em relação à onda de assaltos. O principal objetivo dos manifestantes foi chamar a atenção da imprensa e das autoridades para a crescente violência urbana em Arcoverde. A manifestação foi organizada de forma repentina nas comunidades virtuais, motivada pela recorrência dos crimes. Os entregadores sentiam-se literalmente com a "faca no pescoço" ou "em mato sem cachorro", convivendo diariamente com a sensação real de que poderiam sair para trabalhar e não voltar para casa. Apesar da relevância da pauta, os sindicatos não participaram do protesto; ainda assim, o sindicato dos mototaxistas demonstrou interesse na "turma do delivery" ou, como são frequentemente chamados, nos "clandestinos".

Ao término do protesto, vereadores e demais autoridades convidaram os entregadores para participar de uma sessão ordinária na Câmara Municipal. Essas sessões são transmitidas ao vivo pelo *YouTube*. Na semana seguinte, os entregadores fizeram sua estreia oficial na Câmara. No entanto, o número de presentes foi bem menor do que o visto no protesto. Vestidos de forma simples, destoando do traje formal da audiência que já estava acomodada no local, eles participaram da sessão e retornaram ao trabalho logo depois. Durante a reunião, o presidente da assembleia convidou um representante dos entregadores para discursar no púlpito.

O representante dos entregadores, que não era uma liderança na Associação, aproveitou a oportunidade para lembrar que, nos períodos mais críticos da pandemia, a população de Arcoverde contou com eles para comer e cuidar da saúde, enquanto arriscavam sua própria saúde e a de suas famílias. Ele destacou que os entregadores desejam e precisam trabalhar, pois não recorrem a outras formas de ganhar a vida. Contudo, muitos abandonaram a profissão devido ao medo constante de morrer em um assalto. Também mencionou que as periferias urbanas de Arcoverde são "esquisitas"<sup>16</sup>. Reconhecendo as críticas, admitiu que os entregadores causam alguns problemas no trânsito da cidade, mas sugeriu que poderiam conduzir com mais cuidado. Esse gesto político foi uma tentativa de aliviar os julgamentos

---

<sup>16</sup> Significa área erma, perigosa, abandonada, dominada pelo crime etc.

depreciativos frequentemente dirigidos aos entregadores, que limitam suas aspirações. Por fim, o representante agradeceu aos vereadores pela oportunidade de falar, e os entregadores foram os únicos aplaudidos durante toda a sessão.

Após o discurso do representante dos entregadores, os vereadores prometeram organizar uma reunião entre os entregadores e as polícias civil e militar. Durante o debate, bradaram que "a polícia prende, mas a justiça solta" e criticaram "o pessoal dos direitos humanos" e as "saidinhas" como fatores que, segundo eles, facilitam a ação da "bandidagem" na cidade. O auge da apologia à violência na sessão ocorreu quando um vereador chegou a responsabilizar os familiares dos detentos da Penitenciária de Arcoverde pelos assaltos, sugerindo, de forma preconceituosa, que a prática de crimes teria origem genética. Outras propostas apresentadas incluíram a criação de uma Guarda Municipal armada e a instalação de câmeras de reconhecimento facial nas entradas e no centro da cidade.

A percepção de que o principal problema de Arcoverde é a "bandidagem" - cuja solução seria a intensificação da violência policial nas periferias - constitui uma condição tanto para a mobilização pública dos entregadores quanto para o convite dos vereadores para que participassem de uma sessão ordinária. Essa pauta permite que os entregadores acessem o poder público municipal e, ao mesmo tempo, esbravejem contra uma segurança pública percebida como benevolente com os criminosos. Essa postura é, para eles, uma oportunidade de ultrapassar os rótulos depreciativos que lhes são atribuídos em Arcoverde. No entanto, muitos desses entregadores também são moradores das periferias, o que evidencia as contradições e os riscos dessa abordagem. Essa inflexão complexa não apenas desencadeia o primeiro protesto organizado pelos entregadores na cidade, mas também revela uma tentativa de reafirmação de sua dignidade em um contexto de estigmatização e precariedade.

Por conta própria, de forma contínua e individualizada, os entregadores vigiam as periferias da cidade, tentam rastrear motos roubadas e recuperá-las, constroem saberes locais para fortalecer as políticas de segurança dos aplicativos, compartilham imagens de suspeitos, endereços de clientes e, em alguns casos, celebram execuções policiais. Essas ações revelam aspectos profundos sobre os sujeitos impactados pela precarização e plataformação, fenômenos estruturantes do trabalho no século XXI.

No contexto das cidades distantes das grandes capitais, como Arcoverde, essas dinâmicas ganham contornos específicos. Elas evidenciam não apenas os desafios enfrentados pelos entregadores em um ambiente de trabalho marcado pela insegurança e pela exploração, mas também as políticas de sobrevivência e resistência desenvolvidas coletivamente. Através

dessas ações, os entregadores articulam uma resposta prática às lacunas deixadas pela ausência de políticas públicas efetivas e pela marginalização que permeia suas condições de trabalho. Além disso, essas práticas permitem observar como os trabalhadores das plataformas desenvolvem estratégias de autodefesa e cooperação que extrapolam a lógica individualista das plataformas digitais, criando redes de apoio mútuo, mesmo que contraditórias ou tensionadas por narrativas e práticas que reproduzem estigmas e desigualdades

## 2.5 CADÊ OS ENTREGADORES?

*We're charging our battery  
And now we're full of energy  
We are the robots...  
We're functioning automatic  
And we are dancing mechanic  
We are the robots...  
We are programmed just to do  
Anything you want us to  
We are the robots  
We're functioning automatic  
And we are dancing mechanic  
We are the robots...*

**The Robots, Kraftwerk**

Os estudos sobre os entregadores por aplicativos no Brasil apontam, de forma consistente, para o aprofundamento da exploração e da informalização dos trabalhadores, intensificados pelas inovações tecnológicas do sistema capitalista. Esses trabalhos destacam os prejuízos estruturais gerados pelo uso massivo de *smartphones*, plataformas virtuais de trabalho e empresas-aplicativos. Além disso, classificam e analisam novas formas de gestão do trabalho informal às quais os entregadores estão submetidos, revelando a precariedade e a falta de proteção enfrentadas por esses trabalhadores. Ademais, são denunciados os ataques institucionais aos direitos trabalhistas, que configuram um retrocesso significativo nas garantias conquistadas ao longo de décadas. Em suma, a complexa malha sociotécnica que sustenta as entregas por aplicativos, frequentemente promovida como um sistema de

vantagens e eficiência, é desvelada como uma estrutura que perpetua desigualdades e explorações no trabalho contemporâneo.

Esses trabalhos geralmente adotam uma abordagem economicista, que influencia a construção de uma antropologia urbana dos entregadores de forma ambivalente. Por um lado, negativamente, ao reduzir os antecedentes históricos e a margem para a prática etnográfica, desconsiderando, em certa medida, a rica tradição e a relevância contemporânea da antropologia urbana brasileira. Por outro lado, positivamente, ao suscitar novas questões e percursos de pesquisa, abrindo caminhos para inovações nesse campo de estudo.

Nesse contexto, procurei me afastar da unificação economicista que marca as análises da experiência dos entregadores em São Paulo, frequentemente centradas na superexploração, no individualismo e em características específicas dessa metrópole. Meu objetivo foi abordar os entregadores em sua diversidade, considerando as particularidades locais de cidades menores, como Arcoverde, e explorando as dinâmicas sociais que escapam a leituras homogêneas ou generalizantes. Uns dos conceitos que permitem essa unificação são os de uberização (ou plataformização), *crowdsourcing*, *just-in-time* e despotismo algorítmico. Estes conceitos já são reconhecidos pelos pesquisadores, pesquisadoras e pelo público consumidor das edições críticas das novas formas de trabalho, este geralmente tem familiaridade com o inglês, portanto afeito aos estrangeirismos anglófonos desse marco conceitual.

Este marco tem ares de distopia e ficção científica, desvelando os trabalhadores e trabalhadoras contemporâneos em meio ao iminente colapso ambiental com a

“a escalada de todos os perigos: os do racismo, do fanatismo religioso, dos cismas nacionalitários caindo em fechamentos reacionários, os da exploração do trabalho das crianças, da opressão das mulheres...” (Guattari, 1977, p. 17).

Contudo, essa classificação predominante da realidade social dos entregadores mantém o distanciamento dos seus contextos de formulação; o pessimismo e o dualismo dessa classificação repercutem nas redes sociais corporativas, que formatam o conflito no panóptico virtual, onde os usuários entregam voluntariamente subjetividade a uma análise algorítmica que busca o lucro (Han, 2020).

A abordagem economicista mantém uma relação binária com o fordismo, que se encontra em avançado processo de dissolução, mesmo no centro do sistema capitalista (Telles, 2006). Nessas circunstâncias, a informalidade não apenas delimita a ausência de direitos ou estrutura, mas também destrói a própria noção de trabalho, apesar de sua predominância

histórica na periferia desse sistema. No entanto, teoricamente, o fordismo persiste como referência ao conceito de O Trabalho, restringindo as possibilidades de análise. Esse enquadramento resulta em um tratamento estatístico da sociedade de classes, onde as formulações oriundas das experiências dos entregadores recebem apenas breves menções. Além disso, a cultura local, que poderia oferecer nuances cruciais, é frequentemente desconsiderada. Assim, conclui-se reiteradamente pelo empobrecimento, adoecimento e enfraquecimento da classe trabalhadora, reforçando um viés universalizante e linear nas análises (Abílio, 2020; Antunes, 2020; Braga, 2017; Manzano; Krein, 2018).

Como antropólogo que vivencia a cidade, observo, comparo e proponho, de perto e por dentro, uma teorização das experiências urbanas, com atenção especial aos marginalizados, tratados como entes singulares. Por isso, procuro evitar a

“[...] cidade como uma entidade à parte de seus moradores: pensada como resultado de forças econômicas transnacionais, das elites locais, de lobbies políticos, variáveis demográficas, interesse imobiliário e outros fatores de ordem macro” (Magnani, 2002, p. 14).

Em vez disso, busco me aproximar das cidades invisíveis e de seus habitantes comuns, captando as nuances de suas práticas e vivências cotidianas.

Para tanto, conduzi minha pesquisa nos pedaços encobertos de Arcoverde, orientado pelos entregadores. Esses deslocamentos me permitiram evitar narrativas que enfatizam apenas miserabilidades, ignoram a historicidade das relações raciais na constituição da sociedade de classes ou uniformizam a cidade - expedientes comuns na abordagem dos trabalhadores urbanos e informais. Busco, ainda, afastar-me de uma teorização adversária do trabalho de campo, marcada por uma perspectiva economicista em que o trabalho é reduzido exclusivamente a classe, fábrica, sindicato, previdência, salário, indivíduo, mercado, entre outros. Essas são estruturas colossais, muitas vezes indeterminadas e descoladas dos tempos e espaços culturais. Por serem monolíticas, seus conceitos, quando traduzidos às pressas e descontextualizados, reeditam jargões e limitam a compreensão das realidades locais.

À antropologia cabe explorar a singularidade e a profundidade dos encontros com os interlocutores de pesquisa, nos quais emergem relações emocionantes e transgressoras das barreiras entre pesquisador e sujeito. Esses encontros renovam questões e possibilitam uma objetividade sensível, capaz de reverter a normalização da crueldade nas relações de trabalho. Embora a tematização contemporânea dos entregadores frequentemente recorra à antropologia como estratégia para humanizar os resultados de pesquisa, essa abordagem muitas vezes

restringe o instinto etnográfico, reduzindo-o a uma coleta de dados ornamentais. Assim, “a seriedade” dessas pesquisas é apresentada como algo a ser protegido da supostamente irreverente antropologia.

É desafiador assumir a experiência etnográfica como o cerne da antropologia. Tal experiência sustenta a tradição de uma empiria radical, que acumula episódios monográficos de abertura existencial e textual a desafios epistêmicos constantemente renovados e vinculados às singularidades dos encontros no campo. Esses encontros transformaram e desafiaram antropólogos, impactando a disciplina e as ciências sociais como um todo (Peirano, 2014). É na errância do antropólogo no campo que se elabora, sobretudo, a teorização da antropologia. Embora admita sua participação nos empreendimentos coloniais, não se pode ignorar seu papel como contracultura diante do epistemicídio vulgarizado pelo sistema-mundo moldado pelas invasões ocidentais. Analisar essas contradições é uma tarefa complexa e delicada.

A uberização é um modo de ser do trabalho, modo expansivo e desafiador do que dantes conhecíamos por informalidade. As plataformas virtuais de trabalho instaladas nos *smartphones* são imprescindíveis, sendo nelas que os trabalhadores se cadastram, muitas vezes compulsoriamente, para garantir sua subsistência. Esses trabalhadores são geridos individual e meticulosamente por uma empresa-aplicativo, assim como pela multidão cadastrada na mesma plataforma.

Segundo Han (2020), essas plataformas exercem um "poder inteligente", que opera não pela proibição, mas pela permissão, incentivando continuamente sensações positivas. Esse mecanismo cria um sistema de controle sutil e eficaz, ao qual os indivíduos aderem voluntariamente, celebrando até mesmo interações simples, como o recebimento ou a concessão de um "like". Esse fenômeno demonstra como o trabalho, as relações sociais e as emoções humanas estão sendo reconfigurados no contexto da economia de plataformas.

A inteligência desse poder especificamente se refere à manipulação dos avessos do trabalho no capitalismo contemporâneo. Há um conjunto inédito de técnicas do poder que foi implementado pela ascensão do neoliberalismo e que substitui a sociedade disciplinar foucaultiana pela sociedade do desempenho. Não a sociedade dos hospitais, hospícios e prisões, mas dos shoppings, academias, laboratórios de genética e clínicas estéticas, que realoca os sujeitos da obediência à realização.

Um exemplo desse conjunto de técnicas é a gamificação. As entregas, por exemplo, são enviadas de uma em uma pelos aplicativos às plataformas, como missões, ou *quest*<sup>17</sup>, aos entregadores. A cada superação (vitória) das situações adversas inerentes à conclusão de uma entrega, a remuneração (prêmio) é imediatamente transferida pelo aplicativo ao entregador. De repente, as entregas podem ser bonificadas (bônus) para estimular a performance do entregador, independente das suas condições físicas, afinal de contas, o vencedor não deixa para depois o que pode fazer agora. Tempo permanentemente disponibilizado pelo poder inteligente:

Uma temporalidade especial é imanente ao jogo, caracterizado pela sensação de êxito e recompensas imediatas. O que tem de amadurecer lentamente não pode ser gamificado. O longo e o lento não são compatíveis com a temporalidade do game (HAN, 2020, p. 69).

A uberização desafia a institucionalização da informalidade como uma ausência ao produzir grandes arquivos (*big data*) privados, maiores e mais precisos do que os gerados pelas fábricas. Esses arquivos são sigilosos e inéditos no mundo do trabalho, mas restritos aos aplicativos. Em relação a esses dados, os entregadores são mariposas que eventualmente morrem querendo luz<sup>18</sup>. Os aplicativos também negam o seu poder patronal e investem pesado na imagem de meros intermediários, como se fossem fontes de oportunidades, apesar de lucrarem bilhões de dólares, privatizarem os dados pessoais dos uberizados e definirem unilateralmente as normas das suas plataformas para superexploração de uma multidão de trabalhadores (Antunes, 2020).

O termo “uberização” se popularizou pelo sucesso estrondoso do aplicativo Uber, que superou os táxis nas maiores cidades brasileiras. Mas, descontados o combustível e a manutenção dos veículos, quase não sobra nada para os motoristas uberizados. Na uberização, os riscos e os custos do capitalismo são transferidos ao trabalhador. Contudo, não distingue o modo de ser do trabalho. Os motoboys, por exemplo, também são terceirizados e assumem os custos e riscos dos empreendimentos capitalistas. Fora da caixa da legalidade, mas não do capitalismo, o “aviãozinho” do varejo de “bagulho”, submisso ao traficante atacadista,

<sup>17</sup>O termo *quest* tem origem nos jogos de RPG (*Role Playing Games*), onde designa missões ou desafios que os jogadores devem superar para progredir. No contexto da gamificação do trabalho precarizado, utilizei *quest* para descrever tarefas específicas atribuídas aos trabalhadores por plataformas digitais, como as entregas realizadas por entregadores de aplicativos.

<sup>18</sup>A frase "os entregadores são mariposas que eventualmente morrem querendo luz" é uma paráfrase do poema de Erickson Luna, no qual o autor utiliza a metáfora das mariposas atraídas pela luz para representar a busca intensa e, muitas vezes, autodestrutiva de algo ou alguém. Nesse contexto, as mariposas simbolizam os indivíduos que se entregam a um desejo ou a uma causa de forma impetuosa, sem perceber as consequências de sua busca.

também armazena, transporta e comercializa a mercadoria que chega às suas mãos. Por outro lado, a carteira assinada dos motoristas de ônibus não impede que eles sejam responsabilizados pela viação por danos causados aos veículos durante a jornada de trabalho.

O grande elemento distintivo da uberização é a informalização do trabalho, mediada pelo poder das plataformas virtuais das empresas-aplicativos, que exercem influência direta sobre a vida e as condições de trabalho dos seus usuários. É importante destacar que a "uberização" engloba um conjunto de fenômenos que vai muito além dos motoristas de Uber e dos entregadores por aplicativos, apresentando variações significativas entre empresas-aplicativos, plataformas virtuais de trabalho, os territórios onde atuam e os tipos de serviço que oferecem, entre outros aspectos.

Não se restringe às tarefas de baixa qualificação, como as executadas pelos trabalhadores da Amazon Mechanical Turk ou os motoristas da Uber: transnacionais hoje contam com milhares de cientistas uberizados; plataformas do setor educacional oferecem os serviços de milhares de professores online (Gomes, 2019), entre outros. A plataforma Innocentive, por exemplo, liga cientistas uberizados à NASA e a corporações como Procter & Gamble e Johnson's & Johnson's, que estendem seus departamentos de pesquisa e desenvolvimento aos laboratórios improvisados dos usuários-pesquisadores (Abílio, 2020, p. 120).

O termo "*crowdsourcing*", que evoluiu do *outsourcing*, é essencial para entender a uberização e a gestão do trabalho pelas plataformas virtuais. Ele se refere à indeterminação controlada do trabalho, potencialmente realizado por uma multidão, oriunda, em grande parte, do desemprego crônico gerado pela automação da produção de bens e serviços e pelo aprofundamento da terceirização. Essa indeterminação elimina formas tradicionais de trabalho ao incorporá-las a atividades aparentemente desprezíveis, das quais o formato convencional de emprego foi suprimido, permitindo, assim, a exploração despercebida de uma ampla multidão. Como consequência, instala-se a sensação de trabalhar de graça, a obrigatoriedade de estar sempre disponível e de contribuir com as redes sociais. Um exemplo disso é a avaliação espontânea dos serviços prestados pelos entregadores por aplicativos, em que os usuários colaboram com a gestão e controle de qualidade sem sequer perceberem que estão realizando uma atividade laboral não remunerada.

Sem a definição de um protocolo ou critérios claros para garantir a ampla defesa em avaliações desse tipo, estas ficam subordinadas à satisfação pessoal dos clientes, elevada à enésima potência. À avaliação feita pelos clientes sobre os entregadores, soma-se a possibilidade de denúncia por parte daqueles que se sentiram maltratados pelos entregadores. Já os entregadores, por não terem pleno conhecimento das normas e do funcionamento das

plataformas, convivem com o temor constante de que uma avaliação negativa dos clientes possa impactar negativamente o volume e a qualidade das corridas designadas pela plataforma. Além disso, os aplicativos têm a capacidade de segmentar a multidão de usuários, dividindo-a em indivíduos monitorados e controlados de forma personalizada, o que reforça o poder assimétrico das plataformas no gerenciamento do trabalho e na relação entre clientes e trabalhadores.

Também se trabalha de graça quando o combate às violências nas redes sociais é delegado pelas empresas aos usuários. Recentemente, a plataforma de realidade virtual *Horizon Worlds*, da Meta - conglomerado proprietário do *Facebook* e do *Instagram* -, foi denunciada por permitir o abuso sexual de uma avatar por dois usuários. Em resposta, a empresa declarou que contava com a ajuda de todos para investigar e tomar decisões, deixando claro que a prevenção de comportamentos violentos em seus domínios não é uma responsabilidade assumida diretamente pela empresa. Pelo contrário, essa tarefa é delegada à multidão de usuários, que se arrisca em suas plataformas sem qualquer compensação por sua vigilância<sup>19</sup>.

Em certa medida, o *crowdsourcing* também remete à proposição de uma política de armamento da população para combater o crime, o que traz à tona um problema relevante: a agência da multidão não se traduz, necessariamente, em maioria. A técnica de indeterminação que caracteriza o *crowdsourcing* permite a imposição de significados não apenas pelas empresas-aplicativos, mas também pelos estados. Quando a indeterminação é mais legitimada do que o processo legal, as desigualdades políticas tendem a se intensificar. Por exemplo, tanto o armamento da população quanto a vigilância das plataformas virtuais delegada à multidão de usuários acabam penalizando as populações mais exploradas, que dispõem de menos recursos para promover suas pautas e se defender contra a opressão.

Ainda sobre a multidão nas plataformas, ela não está concentrada em galpões, prédios empresariais ou fábricas. Contudo, há particularidades nessa dispersão, relacionadas às comunidades onde os trabalhadores precarizados e informais geralmente residem. No caso dos entregadores, essas comunidades estão situadas nas periferias urbanas, áreas à margem da ordem legal, onde o Estado atua predominantemente por meio das forças de segurança e das secretarias de habitação. Para essas populações, os rumores disseminados pelo Estado são ferramentas essenciais para gerar confusão, dificultando o acesso aos seus direitos civis e

---

<sup>19</sup>FEMALE avatar sexually assaulted in Meta VR platform, campaigners say. **BBC**, Londres, 25 mai. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/technology-61573661>. Acesso em: 2 jun. 2022.

políticos (Gutierrez, 2016). O Estado, de forma deliberada, cria rumores sobre expulsões, indenizações e os empreendimentos que serão construídos.

“[...] é destacado por Veena Das a importância de observar essas ‘sensações de crise’ enquanto uma criação que gera pânico, sugere comparações entre os grupos, manipulação dos rumores, atuando como elemento crucial na reelaboração das narrativas sobre sujeitos, espaços e eventos (Gutierrez, 2016, p. 183)”.

Acerca dos rumores nas periferias, há nexos com as plataformas virtuais de trabalho, pois os aplicativos ocultam suas normas disciplinares e propagam informações falsas. Além disso, *influencers* digitais patrocinados pelas empresas-aplicativos exageram seus ganhos como entregadores e disseminam boatos para amedrontar os colegas. Um exemplo ocorreu durante semanas no segundo semestre de 2021, quando *youtubers* divulgaram a informação de que a modalidade mais flexível para entregadores do iFood, conhecida como “nuvem” – à qual a maioria dos entregadores desse aplicativo adere –, seria extinta, algo que jamais foi confirmado. Em suma, os trabalhadores uberizados são deliberadamente mantidos desinformados pelos aplicativos<sup>20</sup>.

Então, as práticas institucionais nas periferias brasileiras são variáveis pertinentes aos entregadores, porém pouco abordadas quando eles são pesquisados nas universidades. Feltran (2012) observou a alteração do nexo constitutivo entre a cultura, a política e a subjetivação política nas periferias paulistanas. Até o início da última década do século passado, prevaleceram as políticas de inclusão das margens pelo trabalho formal e de negociação com as associações comunitárias, essas políticas transitaram entre alguns setores do estado e os movimentos de bairro. Contudo, atualmente domina a gestão da periferia pela violência, na qual o crime organizado é uma das principais instâncias normativas desses territórios.

Não há perspectivas de formalização para a classe trabalhadora nessa forma de gestão. Em última instância, as fronteiras entre o trabalhador e o marginal tornam-se praticamente indistinguíveis. A gestão das margens sociais privilegia a violência bruta como mecanismo para resolver os conflitos entre os diferentes e desiguais. Por exemplo, quando a mobilidade dos entregadores é comprometida por assaltos nas periferias, esses territórios retornam ao centro das discussões, marcadas por estereótipos e pela violência institucional. Os

---

<sup>20</sup>As plataformas virtuais de relacionamento solicitam dados pessoais sob o pretexto de garantir a segurança do usuário; no entanto, comercializam essas informações sem a devida autorização. Recentemente, o Twitter foi multado em um valor milionário pelo governo dos Estados Unidos. MCCALLUM, Shiona. Twitter fined \$150m in US for selling users' data. **BBC**, Londres, 27 mai. de 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/technology-61606476>. Acesso em: 2 jun. de 2022.

entregadores de Arcoverde sugerem tanto ações legais quanto ilegais para conter os assaltos. Para compreendê-las, é fundamental examinar as zonas cinzentas onde se desenvolvem as práticas sociais dos trabalhadores precarizados.

Nesse cenário ganham forma as figuras contemporâneas do trabalhador urbano que transita nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito, lançando mão de forma descontínua e intermitente das oportunidades legais e ilegais que coexistem e se superpõem nos mercados de trabalho, ao mesmo tempo em que se expande uma zona cinzenta que torna incertas e indeterminadas as diferenças entre o trabalho precário, os expedientes de sobrevivência e as atividades ilegais (Telles; Hirata, 2010, p. 40).

São territórios marcados por fronteiras que escapam às explicações baseadas em binaridades, sendo constituídos por

[...] um conjunto de relações intensas entre periferias e outros mundos sociais e públicos, ocorre que as classificações estereotipadas, acusatórias e de senso comum também se tornam, nos cotidianos das periferias, matrizes discursivas influentes na marcação de diferença, nas dinâmicas locais de conflito e sociabilidade (Feltran, 2012, p. 572).

A atuação persecutória do Estado também é orientada por estereótipos. Nesse contexto, a intensidade e a complexidade das relações sociais contrastam com a suposta perfeição do ato legal. Por exemplo, caso os vereadores de Arcoverde reconheçam publicamente mais semelhanças do que diferenças entre os assaltantes e os entregadores – ou "abram o jogo", como sugerem algumas conversas com os próprios entregadores e gestores do trânsito –, seus discursos perderiam força. A exposição das ambiguidades desses códigos sociais comprometeria a encenação de um Estado que aparenta se preocupar com a vida dos entregadores.

Efrem Filho (2017) utiliza o conceito de *reciprocidades constitutivas* para demonstrar a intensidade dessas relações ao etnografar uma tragédia vivenciada por uma militante dos direitos humanos em Recife. O episódio foi atravessado por instâncias normativas tanto legais quanto ilegais. Seu filho foi assassinado por um grupo de extermínio no bairro onde cresceu. Os assassinos foram condenados, inclusive por homofobia. Segundo a versão dos acusados, boatos espalhados pela vítima sobre a sexualidade deles teriam motivado o crime. Para garantir a condenação, o Estado promoveu uma separação radical entre as vítimas e os acusados, desconsiderando a intensidade das relações vivenciadas por eles na comunidade e sua possível relevância para o ideal de se fazer justiça.

A vítima foi isolada de qualquer envolvimento com potenciais ilícitos e relações casuais e homoafetivas, sendo retratada como um "menino bom", de família, totalmente distinto dos conhecidos de infância que o assassinaram. Estes, por sua vez, foram apresentados no julgamento exclusivamente como exploradores sexuais, drogados e violentos por natureza. Em tese, nunca violados, apenas violadores. Desenha-se, assim, uma contradição: o Estado recorre a um conservadorismo – e, em última instância, até à homofobia – para justificar sua punição. Nesse caso, o monopólio da violência se consolida ao normatizar essa democracia precária, apagando evidências contrárias para garantir o sucesso da punição e legitimar as violações que sustentam a ordem nacional. Dessa forma, busca-se responder à pressão por justiça enquanto perpetua-se o ciclo de exclusão e violência.

A simultaneidade dessas duas propriedades, normatização e apagamento, faz parte da produção do estado. As reciprocidades constitutivas descrevem os nexos entre violências de gênero, sexuais, classistas, raciais, entre outras, que transcendem as formas legais de inteligibilidade. Por isso, para manter a eficácia dessas formas, recorre-se às ambiguidades, que permitem a distribuição de humilhações, vergonhas, mutilações, rumores e terrores aos excluídos. Essas formas de violência são amplamente direcionadas aos jovens negros periféricos, que constituem a maioria dos entregadores em Arcoverde e no Brasil.

Quando foram recebidos na Câmara de Arcoverde, os entregadores se posicionaram e foram posicionados pelos vereadores em oposição total aos sujeitos que os assaltaram, o que serviu para fomentar uma reação institucional ostensiva, desregulada e complementar às inteligibilidades existentes. Em outras palavras, construiu-se a invenção da periferia como uma região moralmente inferior, bárbara e, portanto, merecedora da intervenção estatal, que, nesse contexto, não comprometeria o status democrático, mas, supostamente, o aprofundaria. Falo aqui de uma violência original, de uma metaviolência do Estado?

Considerando a noção de “Estado-sistema”, por exemplo, far-se-ia necessário prestar atenção tanto nos procedimentos burocráticos mais ordinários que assentam vítimas e algozes em posições diametralmente apartadas nas páginas da denúncia timbradas pelo servidor do Ministério Público ou nas disposições das cadeiras e mesas em uma sala do tribunal do júri, quanto nos sujeitos que agem sobre esses procedimentos (Efreim Filho, 2017, p. 9).

Em Berlim, as ações dos entregadores, além de buscarem uma identidade coletiva – apesar das inúmeras diferenças entre eles, incluindo a presença de imigrantes, muitos ameaçados de deportação –, visam reduzir os rumores das plataformas, por meio da troca de experiências que buscam fissurar suas normas e a ingerência voluntária do Estado (Ferrari; Graham, 2021). Esse poder, no Brasil, é denominado despotismo algorítmico (Abílio, 2020).

Em suma, a multidão dos aplicativos trabalha gratuitamente e espontaneamente, pois as formas de trabalho são eliminadas pelos processos de desregulamentação; evidentemente, as entregas de aplicativos representam uma profissão de risco, perpetuando experiências negativas para os trabalhadores negros e periféricos.

O conceito de *just-in-time* refere-se à disponibilidade do trabalhador para ser imediatamente utilizado e dispensado pelo contratante, que o remunera por tarefa, em acordos extremamente temporários. Assim, se eu trabalhar por dez anos como “nuvem” para o iFood, receberei apenas a soma das corridas realizadas nesse período, independentemente das sequelas adquiridas ou da diminuição das minhas aptidões. Essa disponibilidade perpétua ao trabalho cria uma divisão entre os “fortes” e os “fracos”, entre “homens” e os “meninos”. Trata-se de um rumor de maioria. Acreditar nesse discurso implica render-se ao contratante. Essa coação, no entanto, pode ser ressignificada pelos entregadores, normalizando a tortura em um perigoso enaltecimento da virilidade<sup>21</sup>.

No filme *Sorry We Missed You*, de Ken Loach (2018), o pai de uma família nuclear perde o emprego formal na construção civil, o que o impede de continuar pagando o financiamento da casa própria. A família – composta por pai, mãe e dois filhos – é despejada e se muda para outra cidade. Nessa nova situação, os pais só conseguem encontrar serviços temporários e mal remunerados. A dinâmica familiar entra em colapso quando a mãe, uma cuidadora “uberizada” de idosos, vende seu carro para dar entrada em uma van nova para o marido, iludido pelos rumores de lucros elevados em uma franquia de entregas. O resultado é a indisponibilidade dos pais para o ambiente doméstico e a violência que o pai traz para o lar como reflexo do trabalho desumano. O trabalho da cuidadora emerge como um ponto central do filme, ilustrando a aporia do *just-in-time*: o que acontecerá conosco quando não conseguirmos mais trabalhar? Diante dos elevados níveis de sofrimento mental associados ao trabalho contemporâneo, talvez essa realidade chegue mais rápido do que imaginamos

No segundo semestre de 2022, quando centenas de pessoas morreram em Pernambuco devido a desabamentos de barreiras e inundações – tragédias agravadas pelo descaso do poder público com a questão habitacional –, os entregadores permaneceram nas ruas, pois não têm o privilégio de parar. É importante enfatizar que as remunerações dos trabalhos hiper temporários são igualmente precárias e instáveis. Essa lógica ultrapassa os riscos de

---

<sup>21</sup>Embora eu desconheça as trajetórias individuais de cada entregador de Arcoverde, é possível que muitos tenham chegado a essa atividade após experiências em condições de trabalho ainda mais precárias. Essa questão desperta meu interesse, mas raramente é abordada pelos estudos sociais dedicados aos trabalhadores de aplicativos. Investigar essas trajetórias pode ser uma temática relevante para trabalhos futuros, ampliando a compreensão sobre as dinâmicas de inserção laboral e as formas de precariedade enfrentadas por esses trabalhadores ao longo de suas vidas.

adoecimento e acidentes: os aplicativos oferecem bonificações para incentivar os entregadores a enfrentarem condições extremas, como trabalhar em ruas alagadas durante temporais.

Há uma dimensão de terror estatal na “desabitação” de territórios requisitados pela especulação imobiliária, manifestada, por exemplo, nas ameaças feitas por funcionários públicos aos moradores indesejados (Gutterres, 2016). De forma semelhante, os aplicativos também exercem uma forma de terror ao punirem entregadores que não atendem perfeitamente às suas demandas. Essa é uma tática das plataformas para assegurar a realização de entregas em situações críticas. Além disso, a ameaça de não receber a bonificação oferecida pelos aplicativos aterroriza o entregador, alimentando a responsabilidade de "melhorar" a vida de sua família. Esse "melhorar" pode significar pagar um curso técnico para a filha ou trocar a bicicleta por uma moto.

Outro nexos entre a “desabitação” e a gestão do *delivery* por aplicativos é a suposta ausência de política, encoberta por uma ideia de fatalidade. Na “desabitação”, a ordem é imposta para preencher a desordem, sob o argumento de que os excluídos "não têm jeito" e "só vão na tapa". As formas como sobrevivem são frequentemente vistas como "coisa de brasileiro", o que acaba legitimando as diversas violências institucionais cometidas contra "o favelado", "a crioula" ou "a munição". Apesar disso, persiste o diagnóstico, geralmente oriundo dos espaços privilegiados do *hall* social, de que há uma ausência do Estado nas periferias brasileiras.

Nas entregas por aplicativos, destacam-se a flexibilidade, o caráter fortuito e a suposta liberdade de trabalhar quando quiser, o que implica a ausência de um patrão direto. No entanto, os encargos do trabalho recaem inteiramente sobre o elo mais fraco das plataformas virtuais: o entregador. Essa dinâmica opera como se os corpos desses trabalhadores merecessem ser sobrecarregados, numa lógica que associa sofrimento físico e psicológico à busca pela dignidade. Essa constatação é ainda mais perturbadora diante do número crescente de pessoas desempregadas nas ruas, pedindo dinheiro e comida, inclusive em Arcoverde, onde a maioria nessa situação crítica é negra e/ou possui características indígenas. Nesse contexto, essas pessoas são cruelmente responsabilizadas por sua própria miséria social, como se fossem ineptas para aceitar o destino do trabalho exaustivo como única forma de sobrevivência.

Portanto, os entregadores vivenciam características clássicas do trabalho realizado à margem das leis e/ou sob políticas hostis ao mundo do trabalho. Entre essas características, podem ser mencionadas a confusão entre trabalho e vida privada, a transferência dos custos e incertezas do empreendimento capitalista para os trabalhadores, a corrosão dos laços afetivos

e das organizações trabalhistas devido à competição, rivalidade, empreendedorismo e a disseminação de psicopatologias associadas às relações de trabalho precarizadas (Abílio, 2020; Antunes, 2020; Dardot; Laval, 2016; Dejours, 1999).

Assim como enfrentam formas avançadas de precarização, incluindo a uberização, vinculada ao capitalismo das plataformas virtuais de trabalho e ao panóptico virtual das empresas-aplicativos, nas quais as multidões de usuários cedem avidamente suas subjetividades ao escrutínio do poder das plataformas (Han, 2015; 2020), essas multidões, no limite, buscam não se distinguir desse poder. Nesses termos, não há negatividade, apenas permissão. Dessa forma, a forma clássica do poder é modificada para que ele passe despercebido e relegue cruelmente aos indivíduos toda a responsabilidade pelas suas vidas.

Para tanto, são produzidos processos de autogerenciamento subordinado do trabalhador, relações profissionais ilegais, falseamento da contratação por meio da “mediação” e “promoção” do mercado de trabalho, e indeterminações quantitativas e qualitativas dos entregadores, criando "uma classe fluida de trabalhadores, que experimentam maneiras completamente singulares de trabalho" (Rocha, 2021, p. 67). Contudo, prevaleceram a gravidade dos fenômenos já relatados.

A teorização dos entregadores, geralmente, é economicista por não considerar desenvolvimentos teóricos que contemplem as relações raciais, as periferias urbanas e a infantilização dos trabalhadores informais e precarizados. Especificamente, não há uma pesquisa antropológica sincronizada com essas temáticas. Para pesquisar os entregadores, especialmente no que diz respeito à significação da violência urbana e da segurança pública em Arcoverde, lancei mão de inspirações teóricas oriundas da antropologia urbana nacional, voltadas à violência estatal nas margens sociais (Efrem Filho, 2017; Feltran, 2012; Gutterres, 2016; Telles, 2006).

Os circuitos fiascantes para a neutralização das plataformas virtuais de trabalho e inovação (Telles, 2006); o rumor e o terror como expedientes de controle das periferias urbanas (Gutterres, 2016); a gestão do conflito nessas periferias para entender a subjetivação da reivindicação dos entregadores de Arcoverde por mais segurança pública (Feltran, 2012); e as reciprocidades constitutivas entre as violências sofridas e o desejo de reproduzi-las pelos entregadores diante das formas inteligíveis do estado (Efrem Filho, 2017). Vale ressaltar que o marco conceitual não ditou esta pesquisa. Este se limita a um mote, a uma perspectiva elementar dos encontros entre os sujeitos de pesquisa e à elaboração da etnografia urbana dos entregadores de Arcoverde.

### 3. A AÇÃO DOS ENTREGADORES DE ARCOVERDE

Nesta dissertação, são relatados os percursos teóricos, a análise dos dados obtidos e os resultados de uma pesquisa antropológica realizada em Arcoverde, entre fevereiro e outubro de 2022. A pesquisa foi orientada, de forma resumida, pela seguinte questão: quais são as possibilidades de ação coletiva dos entregadores por aplicativos? Para responder a essa questão, utilizei os expedientes metodológicos da observação participante direta e de entrevistas, que basicamente se deram por meio de diálogos com entregadores durante protestos, nas proximidades dos estabelecimentos e nas redes sociais, geralmente em breves momentos de interação devido à pressa inerente aos entregadores, já reconhecida em pesquisas anteriores. Com exceção, do monitoramento constante e detalhado de uma comunidade virtual no *WhatsApp*, cujas interações praticamente não cessavam. A temática que orientou esses expedientes foi a relação das ações dos entregadores com a violência urbana, uma das queixas mais compartilhadas pelos entregadores e a população local, algo surpreendente para mim, vindo de Recife, uma das capitais mais violentas do Brasil.

Essas ações dos entregadores foram exemplificadas tanto na estreia dos entregadores no púlpito da Câmara Municipal, já relatada nesta dissertação, quando se combinaram a presença física e os discursos do entregador-representante, em busca de reconhecimento social e solução para os assaltos, e dos vereadores, em busca de possíveis dividendos políticos, quanto na comunidade virtual do *WhatsApp* "Associação dos Entregadores". Esta última foi uma dimensão importante para observar a vigilância cooperativa que os entregadores se sentem coagidos a exercer permanentemente sobre a cidade, além de possibilitar a interpretação das relações geradas dentro dessa comunidade, nas quais nos aprofundaremos na seção seguinte.

Dito isso, o objetivo geral desta dissertação é aprofundar a compreensão antropológica dos possíveis fatores associativos para os entregadores por aplicativos, trabalhadores urbanos, precários e uberizados, que, como já foi mencionado, são os ícones do novo normal. Em Arcoverde, eles se atraem por meio de denúncias e pela busca de soluções imediatas para os assaltos nas periferias urbanas. Por outro lado, são frequentemente apontados pela população arcoverdense como inconsequentes, perigosos e de origem social inferior. Em outras palavras, os entregadores de Arcoverde, que exibem com orgulho sua clandestinidade, se organizam, principalmente devido à violência urbana, à margem das associações sindicais já estabelecidas, e, assim, vão se aproximando de uma noção compartilhada de categoria.

Ao seguir essas ações, observei principalmente o fortalecimento de relações permeadas pela discriminação social e a busca pela construção de uma legitimidade pelos entregadores a partir da violência. Os entregadores estimulam ações estatais e/ou ilegais diretas contra os supostos suspeitos nos bairros mais pobres de Arcoverde. Essas ações são contraditórias em grande medida, pois os entregadores também moram nesses bairros e sofrem com a violência policial. Além disso, as denúncias informais circuladas na comunidade virtual são questionadas por membros, cuja maioria é entregador, que agem em defesa de parentes e conhecidos que estão sendo acusados, ou são questionadas quando os acusados se assemelham a alguém entre eles, isso acontece frequentemente.

Resumidamente, a ação coletiva é prática e técnica, pois o público-alvo das mobilizações precisa ser convencido da utilidade de compartilhar objetivos. Por exemplo, entregadores convenceram colegas a gastarem combustível e tempo em uma manifestação política e pública em Arcoverde. Polimorfas, já que as ações criam *necessidades* e lidam com *adversidades*, sendo ambas diversas, pressionando as formas das ações. A manifestação pública é um dos recursos dos entregadores, mas outras formas de ação coletiva são mantidas em sigilo e não são menos importantes. Hierarquizadas, as ações envolvem papéis diferentes assumidos pelos sujeitos na produção das mobilizações, embora não permanentes. As comunidades virtuais, por exemplo, são controladas por grupos restritos de membros. As ações também são avaliadas externamente; podem desafiar inimigos poderosos ou formar alianças inesperadas. Um exemplo disso é a aliança entre entregadores, que sofrem com a violência policial, e políticos profissionais oriundos das forças de segurança, os quais se tornam defensores fervorosos dessas mesmas forças.

Os participantes das ações coletivas devem vigiar os objetos atrelados a seus objetivos. Os entregadores de Arcoverde monitoram o trabalho de gestores e guardas de trânsito, policiais civis, militares, vereadores e do prefeito; os suspeitos de assaltos e o paradeiro das motos roubadas; o tráfego da cidade, tanto no centro, apontado por eles como o local preferido para vigílias inócuas de policiais que estariam inertes e acovardados, quanto nos subúrbios, tidos como áreas onde o poder público os teria relegado à gestão dos criminosos. Portanto, as ações coletivas exercem pressão e podem até ameaçar a vida dos participantes. Por fim, essas ações não se limitam a uma única esfera social. A mobilidade dos entregadores de Arcoverde transita pelos domínios teóricos do trabalho informal, da segurança pública e das instâncias normativas

Fleury e Menezes (2020) utilizaram o conceito de ação coletiva para relatar a luta social das favelas cariocas para acessar o Sistema Único de Saúde (SUS) durante a pandemia. As iniciativas foram catalogadas nos meios virtuais, principalmente no Dicionário de Favelas Marielle Franco. No caso dos entregadores de Arcoverde, os meios virtuais também se mostraram indispensáveis para suas ações coletivas, o que implicou na observação dessas plataformas nesta pesquisa. Vale ressaltar que o objetivo declarado pelos entregadores de reforçar a violência policial nas periferias urbanas difere da busca pela universalização da saúde pública, o que exigiu cuidados específicos com a segurança dos interlocutores nesta pesquisa. Por esse motivo, seus nomes foram ocultados nesta dissertação. O fato de as ações coletivas dos entregadores em Arcoverde flertarem com a apologia à violência policial não configura uma manifestação politicamente unânime.

Há categorias que integram a composição teórica deste texto e foram previamente formatadas pelas pesquisas voltadas à uberização. De modo geral, as empresas-aplicativos baseiam suas atividades em aplicativos para *smartphones*, sendo empreendimentos capitalistas e tecnológicos que captam investimentos a partir do modelo de *startup*. No setor de *food delivery*, as plataformas virtuais conectam entregadores, clientes e estabelecimentos em diferentes ambientes virtuais, onde cada usuário é monitorado continuamente. Esse monitoramento possibilita um ajuste fino dos interesses dos aplicativos na relação com os usuários. Ademais, os usuários são constantemente estimulados a se avaliarem mutuamente. As transações comerciais realizadas nessas plataformas geram uma quantidade massiva de dados, o que torna essas empresas exemplos emblemáticos dos circuitos faiscantes do capitalismo. Essa característica decorre do escrutínio minucioso que exercem sobre o comportamento da multidão de consumidores.

Outros conceitos teóricos foram delineados livremente a partir do reconhecimento do campo e das relações com os interlocutores de pesquisa, visando à análise dos dados nesta dissertação. O reconhecimento social refere-se à abstração da vida comum de sujeitos coletivos, delimitados pelo todo social em um grupo social específico. Dessa forma, são encaminhadas e legitimadas determinadas abordagens e ações coletivas, geralmente de rejeição ou aceitação desses grupos, tanto pela sociedade civil quanto pelo Estado. Essa noção contribui para compreender a delimitação das reivindicações atribuídas aos grupos sociais, algo frequentemente analisado em pesquisas, especialmente as de natureza antropológica. No caso dos entregadores por aplicativo em Arcoverde, observa-se que eles não se sentem seguros para denunciar a violência policial ao Estado e à sociedade. Contudo, encontram

algum espaço de escuta, atenção e, possivelmente, celebração quando propõem a execução sumária de assaltantes nos subúrbios.

Para trabalhar o reconhecimento social, o grupo interessado deve emitir significados simples e comoventes, de fácil compreensão e transmissão para a esfera pública. Essas mensagens têm o potencial de provocar emoções como medo, atração, ódio, solidariedade ou revolta, servindo como instrumentos de pressão para a aceitação integral da representação criada pelo grupo em questão. Isso facilita tanto a reprodução quanto o desenvolvimento desse grupo social. Tais mensagens buscam consolidar-se como um dado imediato e disponível da identidade do grupo, relegando a consistência factual dessas narrativas a um papel secundário. Os registros mais verossímeis e detalhados da experiência social, por sua vez, são cuidadosamente resguardados. Um tema recorrente nessas mensagens comoventes é o trabalho, frequentemente associado a valores como honra, compromisso, lealdade, responsabilidade e dignidade.

As disputas pelo reconhecimento ocorrem tanto no interior dos grupos sociais quanto em sua relação com outros grupos. Essas disputas frequentemente são intensas, envolvendo a desqualificação de biografias, a desconstrução de reputações e o borramento dos contrastes entre vida e morte. Em algumas situações, a morte de um indivíduo, mesmo conhecido pelos membros do grupo, pode não gerar qualquer luto, pois certas pessoas são vistas como aquelas que "não vão fazer falta". Além disso, há tensões latentes relacionadas à imposição de limites às reivindicações dos grupos marginalizados ou despossuídos de reconhecimento. Essas imposições são, naturalmente, percebidas por esses grupos como arbitrárias. Até mesmo lideranças orgânicas entre os entregadores podem ser alvo de confrontos por parte de seus colegas, caso surja a suspeita de que estejam "metidos" ou buscando algum tipo de vantagem pessoal<sup>22</sup>.

Porém, outras transações de reconhecimento podem ocorrer entre grupos desiguais. Um grupo, por exemplo, pode deslocar seu reconhecimento para outros grupos, buscando, inclusive, benefícios econômicos e políticos com essa dinâmica. O grupo que recebe esse reconhecimento almeja legitimar a sua própria definição, tornando mais promissoras as metas que persegue. Essas reflexões são baseadas em minhas observações dos entregadores de Arcoverde, que buscam algum tipo de reconhecimento social para tornar seu trabalho mais

---

<sup>22</sup>**Significa:** metido a algo que não é, ou disposto a ser algo que não é permitido àquele corpo, por este não alcançar o devido reconhecimento social. Caso o sujeito insista em ser um metido, torna-se motivo de piada e/ou alvo de coerção. Outra possibilidade é ser rotulado como "metido à merda".

seguro, alinhado à expectativa de um tratamento digno, que consideram merecer como trabalhadores essenciais ao funcionamento da cidade.

Para realizar uma etnografia urbana dos entregadores por aplicativos em Arcoverde, mesmo durante a pandemia de COVID-19, participei como observador de uma sessão na Câmara Municipal no segundo semestre de 2022. Esse evento social, por sua natureza, não se limita aos significados expressos em seu momento e local específicos, estando aberto a interpretações mais amplas. Embora a sessão ordinária não tenha tratado exclusivamente dos entregadores, ela contemplou outras relações sociais relevantes para a cidade de Arcoverde, que também receberam atenção da pesquisa. Os discursos dessa sessão foram transcritos e analisados, com atenção especial aos momentos em que a violência urbana foi associada aos entregadores por aplicativos.

A comunidade virtual dos entregadores, composta por 258 membros, majoritariamente entregadores e comerciantes, foi monitorada diariamente a partir de julho de 2022 como parte da pesquisa. A grande quantidade e a diversidade de dados produzidos pelos participantes dessa comunidade apresentaram desafios significativos, especialmente considerando as condições materiais precárias em que muitos mestrandos conduzem suas investigações. Os dados relevantes para a pesquisa foram registrados com base em datas e palavras-chave, configurando um diário de campo que documentava as interlocuções dos entregadores sobre temas como crime, violência urbana, clientes indesejados, armas, entre outros. Esses registros foram posteriormente recuperados, analisados e relatados de forma sistemática.

Os dados das comunidades são versáteis, compostos por textos escritos, *emojis*, áudios, imagens, *memes*, *gifs*, etc. Dessa forma, não é possível focar os ouvidos na verificação desses dados, pelo menos não com o áudio em primeiro plano, como no caso de ouvir lives. As playlists com músicas instrumentais voltadas para estudos, disponíveis no YouTube, quando ouvidas em volume baixo, podem ser úteis para criar uma ambiência mais confortável e produtiva na análise desses dados. A grande quantidade de informações exige critérios precisos para a seleção do que será analisado na pesquisa, especialmente em uma dissertação, que deve ser um trabalho conciso. As observações selecionadas para esta dissertação foram realizadas principalmente em julho, mas também em agosto e outubro de 2022, sendo que, em julho, a discussão sobre os assaltos estava mais em voga. O prazo determinado para a conclusão da pesquisa impediu a ampliação da temporalidade dos dados coletados.

O padrão das interações entre os membros da comunidade virtual "Associação dos Entregadores" é basicamente composto por entregadores anunciando sua disponibilidade para trabalhar e comerciantes solicitando entregadores para as suas vendas. Em menor proporção,

mas também frequentes, há perguntas dos entregadores novatos em busca dos itinerários para chegar aos endereços das entregas, alertas sobre blitzes policiais (vale ressaltar que a maioria dos entregadores atua clandestinamente, pois não possuem recursos para legalizar suas motos), e a divulgação de estabelecimentos recentemente abertos, bem como das promoções oferecidas pelos estabelecimentos em geral.

No período eleitoral, discussões políticas acaloradas também animaram a comunidade dos entregadores. O termo “entregador” representa mais os trabalhadores nas plataformas virtuais de food delivery, por isso são verificados perfis acompanhados desse termo na comunidade, como por exemplo, “João Entregador”, apesar de os entregadores não apontarem muitas diferenças entre eles e os motoboys. A maior incidência de temas alheios às questões definidas por esta pesquisa na comunidade virtual analisada exige um monitoramento permanente para a captura dos assuntos pertinentes, que são como agulhas no palheiro. Ademais, eu não teria acesso à comunidade sem conquistar a confiança dos entregadores, um processo gradual, fruto da persistência em acompanhar suas manifestações. Uma verificação das comunidades virtuais dos entregadores, orientada pelas palavras-chave mapeadas nesta pesquisa, poderá facilitar e ampliar a obtenção de dados a partir desse expediente.

Nesses procedimentos metodológicos, buscou-se entender as relações próprias da dimensão sociopolítica inaugurada pela Associação dos Entregadores por aplicativos em Arcoverde. Essa dimensão foi revelada por meio das ações coletivas que se opuseram aos assaltos com armas de fogo nas periferias urbanas. A análise social de natureza etnográfica implica a relativização de juízos morais. No caso dos entregadores de Arcoverde, juízos morais depreciativos foram facilmente verificados. Esses estereótipos influenciam seus ajuntamentos, que são marcados pela ambivalência de suas experiências com a violência urbana, pois atuam tanto como vítimas quanto como apoiadores da violência policial. Isso reforçou a pertinência da presença de não-entregadores na interpretação desses ajuntamentos. A dimensão sociopolítica dos entregadores, inaugurada recentemente e relatada por esta dissertação, certamente conta com a participação de outros agentes.

O etnógrafo parte necessariamente, portanto, do reconhecimento de distintos planos de enunciação discursiva e prática social embora, simultaneamente, trabalhe com esses planos como igualmente válidos em sua investigação. Assim, quaisquer que sejam os discursos captados na etnografia, e as práticas observadas nos contextos de sua enunciação, elas serão em princípio igualmente relevantes para a análise (Feltran, 2010, p. 572).

O objetivo dos procedimentos metodológicos foi a abordagem antropológica dos entregadores de Arcoverde a partir de suas ações coletivas. O principal motivo para essa

escolha foi o seguinte: vale salientar que uma parte considerável das pesquisas sociais sobre entregadores no Brasil os compreendeu como parte de uma massa urbana e global de trabalhadores informais, inseridos no contexto da desindustrialização tecnológica do capitalismo e do subdesenvolvimento crônico das periferias do sistema, sendo a singularidade desse fenômeno o processo de plataformização.

Nesse sentido, as pesquisas sociais evidenciam a intensificação da exploração capitalista na reestruturação contemporânea do mercado de trabalho, especialmente na gestão do trabalho nas plataformas virtuais das empresas-aplicativos. Nesse contexto, pode-se até projetar a emergência de um sujeito revolucionário, talvez na forma de um herói incendiário, desconsiderando, de antemão, os aspectos potencialmente negativos da ação coletiva: “[...] cínica ou cética quanto à necessidade do Outro que não seja sob a forma também da subordinação ou de sua subjugação” (Misse, 2010, p. 16). Nesse cenário, o problema seria tanto desconsiderar quanto aceitar completamente a exacerbação do individualismo como um elemento radical nas plataformas virtuais de trabalho.

Pelo caráter antropológico desta pesquisa com os entregadores de Arcoverde, foi possível acompanhar o poder nas margens sociais, quando se encontra deslocado de suas manifestações institucionais e praticamente imerso na informalidade. Essas visões se tornam acessíveis através da observação da ação coletiva dos entregadores de Arcoverde, impulsionada pela busca comum por uma solução definitiva e imediata para os assaltos que sofrem, assim como pela correspondência entre sua ação coletiva e a circulação dos julgamentos sociais que os depreciam. Contudo, são visões marginais, especialmente se considerarmos sua ausência no marco teórico tradicionalmente destacado para pesquisar os entregadores. O sentido desta dissertação reside na análise da ação coletiva de sujeitos marginalizados.

A etnografia dos entregadores de Arcoverde identificou procedimentos solidários que fundamentam suas ações coletivas. No que diz respeito aos entregadores, essas ações são mobilizadas em fricção por diferentes circuitos, territórios, sujeitos, infraestruturas, ideias, imagens, entre outros, porém ajustadas pela pauta da segurança pública e pela diferenciação social. Esta etnografia não retomou a premissa comum de que o núcleo estatal é a fonte e a mola propulsora do poder nas labirínticas margens sociais. Em vez disso, foram analisadas as relações violentas pertinentes à coletivização dos entregadores em Arcoverde, que também se refletem na agência dos não-entregadores.

Nesse sentido, a observação da ação coletiva dos entregadores no sistema-estado - e refiro-me, por exemplo, ao caso da Câmara - serve como um instrumento metodológico

introdutório para entender os riscos entrelaçados nas relações sociais em Arcoverde, na medida em que esse sistema vai normatizando e aprisionando os sujeitos a papéis sociais. No entanto, os sujeitos superam as expectativas do sistema quando estão vivos. Pelo que se observa, a pauta da violência urbana pode liderar a ordem de importância dos objetivos comuns definidos pelas recentes e instáveis associações de trabalhadores plataformizados, apesar da representatividade do Breque na teorização das mesmas. Mas como isso acontece?

## 4. SANGUE NOS OLHOS

### 4.1 OLHOS DE COBIÇA

Em 17 de julho de 2022, explodiram fogos de artifício no centro de Arcoverde. Dezenas de motociclistas aceleravam o motor das motos, paradas até o corte de giro, para chamar a atenção da população e das autoridades do município. Esse ajuntamento produzia discursos reacionários contra os bandidos, considerados vagabundos, que não têm dó nem piedade dos pais de família. Para os manifestantes, os bandidos estão seguros nos subúrbios, esperando a próxima vítima, que provavelmente será um entregador por aplicativo ou um mototaxista. Diferente dessas vítimas prováveis, as autoridades aparentemente são indiferentes em relação a esse problema.

O presidente do Sindicato de Motofretistas de Arcoverde liderava a manifestação do segmento das duas rodas, que estava amedrontado pelos bandidos e revoltado com a falta de uma solução definitiva para os assaltos nos subúrbios. A "*motociata*" foi a forma dessa manifestação, um termo que se popularizou no governo de Jair Bolsonaro. A *motociata* tem a vantagem tática de não precisar de tantos manifestantes para impactar, já que o barulho dos motores e das buzinas faz grande parte desse trabalho. Atualmente, porém, o maior trunfo da *motociata* é contemplar a população crescente de trabalhadores uberizados sob duas rodas. Desde 2015, não se produziam tantas motos no Brasil (Moreno, 2023). Essa alta tem relação direta com as entregas por aplicativos. O ditador fascista Benito Mussolini também era adepto das manifestações com motos - o fascismo e seu fascínio pela velocidade. A *motociata* de Arcoverde foi convocada pelo Sindicato dos Mototaxistas, mas também contou com a adesão da comunidade virtual Associação dos Entregadores, ambas configuradas como duas instâncias associativas.

Os manifestantes sobre duas rodas, ágeis e dependentes da fluidez no trânsito, bloquearam o principal cruzamento da cidade, onde está localizada a Câmara Municipal. A consequência óbvia foi um engarrafamento no Centro, algo raro em Arcoverde, uma cidade que ainda não saturou sua malha viária. Cerca de 80 manifestantes participaram dessa ação do segmento de duas rodas. No entanto, durante o bloqueio, o microfone, conectado a uma caixa de som simples, foi praticamente monopolizado pelos vereadores presentes.

Os discursos histriônicos dos vereadores exigiram uma postura mais agressiva da Polícia Militar, uma instituição supostamente destacada pelo seu histórico de combate à criminalidade. Segundo os oradores, o efetivo da PM estava repleto de recrutas inexperientes,

que “não sabiam lidar com os bandidos” e apresentavam uma atuação considerada “mole”. Em seus discursos, os vereadores defenderam abertamente a tortura como um meio “necessário” para conter a criminalidade e frear a ousadia dos criminosos, argumentando que a “língua compreendida pelo bandido” é a violência bruta.

Esse discurso foi celebrado por parte dos manifestantes, aliviando temporariamente o desespero e o ressentimento de seus anseios. O presidente do Sindicato, durante o ato, posicionou-se como um auxiliar de um dos vereadores presentes, que mais tarde se candidataria ao cargo de deputado estadual por Pernambuco, embora sem sucesso. Este vereador, em particular, investiu com mais veemência na cobrança por um endurecimento das ações policiais na cidade. Por outro lado, os discursos também trouxeram críticas à burocracia jurídica e à defesa dos direitos humanos, vistos pelos oradores como entraves para uma atuação policial mais eficaz. A Câmara Municipal, diante dessa retórica, ocupou um papel polêmico ao endossar ideias que promoviam a tortura e a execução como soluções para a segurança pública, distanciando-se de princípios democráticos e de direitos fundamentais.

Durante os discursos, os manifestantes resolveram abruptamente “meter marcha” atrás do prefeito para pressioná-lo pessoalmente. Para a *motociata*, o chefe do Executivo não só poderia, mas deveria fazer mais pela segurança do município. A possibilidade da manifestação enquadrá-lo partiu de um burburinho contagiante de que ele estava inaugurando uma praça em uma proximidade possível para as motos. As praças são um assunto polêmico para os arcoverdenses, geralmente irritados com o número exagerado delas. Eles acusam a prefeitura de construí-las a partir de esquemas de superfaturamento e favorecimento nepotista de engenheiros parentes de políticos. Essas praças indicam um processo de expulsão dos pobres do centro mediante a garantia de espaço para a especulação imobiliária.

Os manifestantes formaram a motociata novamente. Eu ainda não havia conseguido uma garupa para acompanhar a mobilidade da manifestação. Essa formação é hostil para os pedestres, acossados pelo barulho das motos e pela condução indiferente às normas de trânsito. Eram entregadores e mototaxistas, arrojados e rápidos por ofício, com sede de justiça, expressando um desejo represado por violência contra os assaltantes e revoltados pela violência policial dirigida contra eles. Enquanto uma é verbalizada, a outra é escondida. O prefeito não foi encontrado, pois estava despachando no Palácio.

Essa perseguição foi considerada precipitada pelo presidente do sindicato, que, no entanto, precisou ceder para não perder o controle da manifestação. O vereador que o acompanhava sugeriu que tal precipitação indicava falta de união e racionalidade no segmento de trabalhadores em duas rodas.

Os manifestantes não desistiram de pressionar o prefeito e seguiram até o Palácio Municipal. Antes do encontro com o Chefe do Executivo, os vereadores e o presidente do sindicato conversaram previamente com os manifestantes, pedindo calma e “cabeça”<sup>23</sup> para que a reunião ocorresse de forma ordenada. A sugestão de que atitudes violentas poderiam ocorrer parecia deslocada, já que esse comportamento era improvável, pois era praticamente impossível que os entregadores agredissem fisicamente o prefeito - nenhuma das vereadoras de Arcoverde participou da manifestação. O prefeito, sem aparato de segurança visível, saiu do gabinete para dialogar com os trabalhadores do segmento duas rodas. Apesar da pressão, ele não cedeu à demanda punitivista da manifestação, argumentando que suas atribuições institucionais possuíam limitações significativas no âmbito da segurança pública, especialmente no enfrentamento a criminosos armados.

As vaias que se seguiram à fala do prefeito demonstraram que sua declaração inicial foi recebida de forma negativa pelos manifestantes. Diante disso, ele redirecionou o discurso, prometendo cobrar ações das autoridades realmente competentes e anunciando a intenção de organizar um concurso público para a formação da Guarda Municipal. Com essa mudança, o prefeito assumiu alguma responsabilidade perante o segmento duas rodas, o que resultou em aplausos por parte dos manifestantes. No entanto, os murmúrios de descontentamento não cessaram, e alguns ainda o chamaram, discretamente, de "covarde" e "frouxo". Caso o prefeito tivesse prometido uma abordagem mais severa, como um "banho de sangue", é possível que tivesse sido exaltado pelos manifestantes. Durante a manifestação, um dos entregadores aproveitou a oportunidade para dirigir-se ao prefeito, afirmando: "Está tudo certo na sua gestão, mas a segurança deixa a desejar".

O vice-prefeito também esteve presente na manifestação, apesar de estar em desacordo com o prefeito, que o acusava de ser oportunista. Durante o evento, ele aproveitou para fazer campanha visando uma vaga no legislativo estadual - tentativa que não teve sucesso, resultando posteriormente em sua renúncia ao cargo de vice-prefeito. Delegado da Polícia Civil, o vice tem uma relação próxima com os entregadores, mas estes costumam brincar com sua ineficácia prática, exemplificando inutilidades: “é como uma reunião com o vice-prefeito, não resolve nada”. Após algumas falas direcionadas ao prefeito, a *motociata* foi retomada, ainda que com um número menor de participantes, e seguiu em direção à delegacia.

Fui de carona até a delegacia. Após horas de observação, consegui uma garupa para acompanhar mais um deslocamento da manifestação. Em frente ao Palácio, conversei também com *streamers* que transmitiam os eventos ao vivo pelo *YouTube* e *Instagram*. No entanto,

---

<sup>23</sup> **Significa:** razão, diálogo, ponderação etc.

meu acesso à delegacia foi negado. A pressão dos manifestantes pareceu surtir algum efeito, pois no dia seguinte a Polícia Militar recuperou uma moto roubada, e a Polícia Civil solicitou mandados de prisão ao Judiciário.

Durante o evento na delegacia, um agente funerário apareceu para demonstrar apoio à manifestação. Sua presença foi alvo de gozação pelos entregadores, que acreditavam que ele não tinha nenhuma ligação com a pauta do movimento e que sua real intenção era construir visibilidade para uma futura candidatura política. Meses depois, o agente funerário faleceu de mal súbito, mas a notícia foi recebida com indiferença e desdém pelos entregadores, o agente era visto como mercenário, pois ele havia cobrado excessivamente pelos ritos funerários de, pelo menos, um parente (tia) de um dos membros da comunidade virtual da Associação.

Os entregadores percebem que suas graves e urgentes questões frequentemente são instrumentalizadas como palanque para interesses individuais, o que evidencia uma forma adicional de superexploração que enfrentam. A importância que desempenham na circulação de mercadorias pela cidade, sua proliferação como um grupo consolidado de trabalhadores urbanos, sua inserção política no cotidiano local, os papéis desempenhados nas estruturas familiares e a relevância econômica do *food delivery* por aplicativo despertam o interesse de diferentes atores. Esse cenário resulta em um assédio que desvia suas reivindicações para discursos de apologia à violência institucional. Essa dinâmica revela uma aproximação calculada e interessada, especialmente por parte de agentes políticos conservadores, que buscam instrumentalizar os entregadores em prol de seus próprios objetivos.

Essa manifestação me deixou com a impressão de estar em uma motociata organizada por bolsonaristas. Para muitos manifestantes, a restauração da Ditadura Militar seria a solução ideal para o país, especialmente em relação à segurança pública - questão prioritária para os entregadores - e à corrupção. Não por acaso, ouvi discursos em defesa da pena de morte, inclusive proferidos publicamente por autoridades municipais direcionados a entregadores e mototaxistas.

De modo geral, participar e observar os entregadores durante essa manifestação me fez refletir sobre a possibilidade de um movimento de massas oriundo do interior do país representar uma ameaça a um governo progressista no Brasil. É impossível ignorar paralelos históricos, como a Sedição do Juazeiro, em 1914, que desafiou a República em defesa das oligarquias, culminando na deposição do presidente do Ceará após uma campanha militar sobre Fortaleza (Neto, 2009). Após essa manifestação, um entregador finalmente me adicionou como pesquisador na comunidade virtual *Associação dos Entregadores*.

## 4.2 OS CLANDESTINOS

Na comunidade virtual Associação dos Entregadores, passei a observar mais de perto os entregadores, acompanhando-os tanto nas ruas quanto nas redes sociais, relacionando-me de forma ubíqua com seus discursos e modos de vida. Desde então, não os perdi mais de vista, superando uma das principais dificuldades na pesquisa de campo com os mototrabalhadores: sua desconfiança e a natureza acelerada de seu cotidiano. Dessa forma, tive a oportunidade de presenciar ações coletivas dos entregadores que geralmente são resguardadas de observadores externos. Entre essas ações estão o compartilhamento de informações sobre serviços disponíveis durante as madrugadas, a divulgação de fotos e apelos por execuções sumárias de suspeitos de assaltos, além de discussões sobre assassinatos ocorridos em Arcoverde e seus arredores, e a pressão dessas questões sobre a possibilidade de criação de uma associação sindical dos entregadores.

Na madrugada de 14 de julho de 2022, um entregador solicitou à comunidade virtual informações sobre o endereço de alguma borracharia aberta naquele horário. Esse episódio ilustra a realidade enfrentada por esses trabalhadores, que são os únicos responsáveis pelos prejuízos decorrentes de sua atividade. Os aplicativos não oferecem serviços de manutenção nem estabelecem parcerias com profissionais essenciais, como mecânicos e borracheiros, deixando os entregadores à própria sorte. Além disso, a maioria das ruas nos subúrbios de Arcoverde apresenta condições precárias: não são pavimentadas, carecem de iluminação, não possuem saneamento básico e, frequentemente, ficam alagadas por esgoto. Apesar dessas dificuldades, os aplicativos continuam acessando esses territórios, transferindo integralmente os riscos e os prejuízos aos entregadores.

Uma borracharia 24 horas é indispensável para um entregador, assim como o apoio de colegas dispostos a resgatá-lo, em caso de problemas, em áreas consideradas “esquisitas”. Perder uma noite de trabalho, especialmente nos finais de semana ou feriados, representa um impacto significativo no já limitado orçamento desses trabalhadores, uma vez que o ritmo do “bonde” dos entregadores não pode parar. Parar a moto ou reduzir a velocidade em um território visto como perigoso aumenta a vulnerabilidade tanto do veículo quanto do entregador, colocando em risco até mesmo sua vida.

A alta rotatividade entre os entregadores também faz com que os novatos dependam da orientação dos mais experientes para encontrar soluções em situações adversas. Eles reconhecem a necessidade de cooperação mútua para garantir que consigam circular pelas ruas e retornar em segurança para casa. Assim, o serviço de *delivery* não depende apenas da

plataforma virtual, mas também de uma cidade que nunca fecha e das comunidades virtuais que conectam e fortalecem esses trabalhadores.

Ainda naquela madrugada, um entregador compartilhou a seguinte manchete: "Entregador de lanches teve a perna amputada após acidente na PE-177, em Garanhuns". Em seguida, concluiu com a frase: "A vida de entregador não é fácil". Os membros da comunidade lembraram que outro colega havia falecido poucos dias antes. Na Associação, a repercussão dessa manchete revelou uma autopercepção entre os entregadores: eles se enxergam como indivíduos capazes, audaciosos e responsáveis, dispostos a assumir altos riscos para sobreviver dignamente, sustentar suas famílias e honrar seus compromissos. Essa situação reflete uma espécie de "transação diabólica", como se fossem condenados à morte que, em troca da sobrevivência, precisassem aceitar perdas irreparáveis e realizar ações inconfessáveis para aqueles que os mutilam. A violência nas abordagens policiais também é frequente, intensificando o sentimento de vulnerabilidade e resignação diante das adversidades cotidianas.

Na tarde do mesmo dia, em um áudio enviado pela liderança da comunidade virtual, o presidente do sindicato dos mototaxistas anunciou que haveria o sorteio de um capacete para os sindicalizados em dia com suas obrigações. Para o presidente, os entregadores são a "turma do *delivery*", demonstrando um claro interesse em sindicalizar esse grupo. Os entregadores, por sua vez, se reconhecem como clandestinos, eles também são reconhecidos assim pelos mototaxistas. No entanto, enquanto os mototaxistas usam o termo "clandestinos" de forma pejorativa, os entregadores o assumem como uma característica de sua condição de trabalho. Assim, a mesma classificação é atribuída por dois grupos de mototrabalhadores, mas carrega significados diferentes, sendo os entregadores os principais destinatários da ambivalência que essa denominação implica, já que os mototaxistas são regidos por lei municipal.

Ainda de acordo com o presidente, o sindicato busca melhorar as condições de trabalho dos mototrabalhadores, ou do chamado "segmento duas rodas", oferecendo benefícios como descontos em casas de pesca e postos de combustível. Em tempos de maior estabilidade financeira, o sindicato também fornecia assistência jurídica, especialmente para contestar multas de trânsito. Contudo, com o orçamento atual limitado, esses serviços foram reduzidos.

O presidente vê na sindicalização dos entregadores uma oportunidade de recuperar os fundos do sindicato, fortalecer a mobilização coletiva e ampliar os benefícios para os associados, como descontos em supermercados. O custo mensal da sindicalização é de 15 reais. No entanto, o sindicato enfrentava dificuldades financeiras até mesmo para organizar a

*motociata* anteriormente relatada, não dispondo de recursos para equipamentos de som ou sequer para fornecer água aos manifestantes. Apesar de desejarem a associação, os entregadores consideram inviável arcar com a mensalidade, especialmente devido à baixa remuneração obtida no delivery, que mal cobre os custos básicos e, muitas vezes, é usada apenas para manter o crédito no cartão.

O líder da Associação decidiu fechar temporariamente a comunidade virtual ou restringir o envio de mensagens apenas aos administradores. A intenção era chamar a atenção dos membros para uma pauta específica, interrompendo momentaneamente os anúncios dos entregadores, que constituem a principal função da comunidade.

Em seu comunicado, o líder convocou: “Vamos unir forças!”. Após alguns minutos, a comunidade foi reaberta, e um membro, demonstrando certa dúvida, praticamente repetiu o áudio do presidente do sindicato e perguntou se era aquilo mesmo que ele queria dizer. O líder então esclareceu que se tratava de um convite do sindicato, acrescentando que, em uma reunião, os gestores municipais de trânsito haviam recomendado que eles se associassem ao sindicato para terem mais representatividade e, conseqüentemente, mais voz em suas reivindicações. O líder concordou com essa tese e reconheceu que a classe está desorganizada, mas ponderou que muitos entregadores argumentam que filiar-se ao sindicato seria o mesmo que "dar dinheiro para a prefeitura e para o sindicato". Por essa razão, uma adesão mais ampla dos entregadores ao sindicato ainda não avançou.

Os opositores à filiação afirmam que isso levaria à burocratização, com o aumento de impostos e a imposição de mais normas para exercerem suas atividades. Atualmente, os entregadores se consideram clandestinos, ou seja, livres de impedimentos para circular, e enxergam vantagens nessa condição. Na prática, a maioria deles não possui condições financeiras para se regularizar como condutores, o que reforça a resistência à sindicalização.

O presidente do sindicato insistiu na proposta, prometendo prestação de contas e garantindo que a CNH (Carteira Nacional de Habilitação) não seria exigida dos novos filiados, assim como o pagamento de taxas municipais não seria necessário. Contudo, os entregadores mostraram ceticismo em relação a essas promessas, considerando que os mototaxistas, regulamentados pela prefeitura, precisam cumprir uma série de exigências, incluindo possuir a CNH, não ter antecedentes criminais e regularizar a moto junto ao DETRAN.

Para o líder da comunidade, a sindicalização dos entregadores representaria mais voz para a categoria, já que, em sua análise, as reivindicações dos entregadores quase não são

levadas em consideração. Ele detalhou os documentos necessários para a filiação e tentou, sem sucesso, organizar uma adesão coletiva.

Um entregador, por exemplo, afirmou que a sindicalização é “dar dinheiro para eles e nada mais”. Outro concordou, classificando os entregadores como radicalmente autônomos. Ambos demonstraram alinhamento com o bolsonarismo. Um terceiro membro comentou que o desejo de se associar não é uma ideia nova entre os entregadores de Arcoverde, mas que a proposta inicial era formar uma associação independente, composta exclusivamente por entregadores, sobretudo porque muitos deles não possuem habilitação. O líder da comunidade reforçou que ninguém é obrigado a se associar.

Um dos entregadores alinhados ao bolsonarismo lembrou que o sindicato já havia se referido de forma pejorativa aos entregadores como clandestinos. O líder da comunidade respondeu que os entregadores sempre foram clandestinos, afirmando que ninguém pagaria taxas a ninguém, tampouco deixaria de trabalhar por conta própria. Ele acrescentou que transportar passageiros exige mais burocracia. Segundo o líder, os que se recusam a se associar são desunidos, os mesmos que o acusam de querer ser político ou “se achar merda<sup>24</sup>”. Ele também declarou que o seu sonho é ter um “canto de apoio” para os entregadores de Arcoverde. Outro entregador observou que alguns colegas falam como se representassem todos os entregadores, mas não ajudam os demais quando necessário, mantendo-se afastados das redes de ajuda mútua, fundamentais para os entregadores que operam na clandestinidade.

A sindicalização da turma do delivery é vista pelo presidente do sindicato como a salvação da instituição. A dificuldade dos entregadores em arcar com os 15 reais mensais, somada ao receio em relação aos possíveis encargos associados, reflete a sua delicada situação financeira. Embora alguns entregadores desejem a sindicalização para obterem mais representatividade, a falta de recursos torna esse objetivo inviável para muitos. Um dos principais fatores que diferenciam os mototaxistas dos entregadores é a relação destes com a questão associativa, já que, de modo geral, os entregadores orgulham-se de sua condição de clandestinidade. Além disso, há entregadores que rejeitam qualquer forma de associação formal, argumentando que isso sustentaria interesses alheios aos do grupo. Assim, a discussão sobre a associação acaba dividindo os entregadores em Arcoverde.

Na noite do mesmo dia, um entregador informou na comunidade que um assassinato havia acabado de ocorrer na Vila do Presídio, uma das áreas apontadas pelos entregadores como uma das mais violentas de Arcoverde. Um dos membros da comunidade revelou que a

---

<sup>24</sup>**Significa:** ter uma alta opinião de si mesmo, ultrapassando os limites atribuídos à sua posição social, com um reconhecimento de si fantasioso e pouco realista em relação às hierarquias objetivas.

vítima era um parente seu. Outro comentou que, naquela semana, já haviam ocorrido dois homicídios na cidade. A foto da vítima fatal foi compartilhada na comunidade: caída ao chão, ainda de capacete, ao lado de uma poça de sangue. Em meio à repercussão, dois entregadores perguntaram simultaneamente se o mototaxista envolvido no caso estava bem, enquanto a história da vítima recebeu pouca atenção.

A notícia do assassinato movimentou a comunidade, mas o fato de a vítima não ser um entregador limitou o interesse e a comoção diante da fatalidade. Certos homicídios são percebidos como uma punição justa, baseados na lógica de que pessoas que "não devem nada a ninguém" ou "gente de bem" não correm o risco de serem assassinadas. A ideia predominante é: se foi morto, algo de errado fez ou manteve relações com pessoas suspeitas. Na discussão dentro da comunidade, a principal preocupação foi com o estado do mototaxista. Em ordem de relevância, primeiro vinha a vida do mototrabalhador, depois o passageiro morto, ainda que este fosse parente de um dos entregadores da Associação. Entre os entregadores, reconhece-se que a vida deles importa, uma percepção que contrasta fortemente com a indiferença predominante em Arcoverde de maneira geral.

Ainda durante a noite, várias fotos de supostos suspeitos de assaltos e outros crimes foram compartilhadas na comunidade. Um entregador comentou que conhecia um dos indivíduos expostos e nunca soube de seu envolvimento com crimes. O líder da comunidade ponderou que "o problema" de compartilhar essas fotos é a ausência de provas que liguem os suspeitos aos crimes atribuídos a eles. Outro entregador mencionou que um dos expostos era seu primo, admitindo que ele é "meio alma<sup>25</sup>" (problemático), mas ressaltando que apenas se envolve com drogas, sem ligação com assaltos. Outros relatos semelhantes surgiram, como "os suspeitos são da pelada<sup>26</sup>" e "estão botando fotos sem ter prova".

Para justificar a exposição das fotos questionada na comunidade, um entregador argumentou que o mundo do crime leva apenas ao cemitério ou à cadeia. Ele declarou que, direta ou indiretamente, as pessoas expostas estão ligadas ao mundo do crime, e que pouco importa se são efetivamente ladrões - esse seria apenas um detalhe. Segundo ele, o relevante é que essas pessoas possuem algum tipo de envolvimento com atividades criminosas, ainda que não especificado. O mesmo entregador acrescentou: "cada um faça por viver de boa que a galera não tá perdoando não", referindo-se à promessa de ações de extermínio contra os supostos criminosos.

---

<sup>25</sup> **Significa:** indivíduo ruim, indigno de confiança, meliante etc.

<sup>26</sup> **Significa:** jogo amador de futebol.

Uma foto de um motociclista morto foi postada na comunidade, mostrando seu rosto enquadrado sobre uma poça de sangue no chão de terra. Paralelamente, o subgrupo alinhado ao bolsonarismo discutia entre si sobre uma "limpeza" que estaria para acontecer na cidade, referindo-se a uma possível execução em série das chamadas "almas sebosas". Em seguida, começaram a compartilhar memes de aplausos, imagens de Dadinho, personagem do filme *Cidade de Deus*, atirando, cangaceiros, conteúdos xenofóbicos - como um sobre "bairianos preguiçosos" - e homens com uniformes militares. O líder da comunidade comentou que em cidades vizinhas como Buíque, Pesqueira, Pedra e Venturosa, "ninguém rouba, porque a turma mata logo". Um dos integrantes do subgrupo assegurou, com um emoji de piscadela, que a situação iria melhorar, sugerindo de forma implícita que a prometida "limpeza" estava prestes a acontecer.

O líder da comunidade aproveitou o contexto dessa suposta "limpeza" para comentar que muitos entregadores haviam deixado de trabalhar devido à violência. Ele destacou que, embora a moto seja o sonho de muitos deles, quando roubada, raramente motiva a polícia a procurá-la. Esse sonho, segundo ele, não é valorizado fora da comunidade dos entregadores. Um dos membros do subgrupo bolsonarista afirmou que o sistema legal favorece o crime. Outros entregadores comentaram que os colegas não conseguem trabalhar em paz, que estão parando de rodar por conta da violência que ameaça suas vidas, mas acabam voltando ao trabalho por necessidade. O líder reiterou que, enquanto a polícia o para na rua, os ladrões continuam soltos, e desabafou dizendo que chega a chorar em casa, "castelando<sup>27</sup>" sobre a situação. Ele concluiu que praticamente não existem opções de inclusão social para os entregadores.

Embora em graus variados, não é exatamente um tabu apoiar o assassinato de suspeitos na Associação dos Entregadores. Essa solução, embora incômoda para alguns, permanece no campo das possibilidades debatidas pelos membros. Contudo, os entregadores e seus parentes frequentemente são confundidos com criminosos, devido a sua condição social: pretos, pobres e suburbanos. O compartilhamento de fotos de supostos suspeitos, caso não seja questionado dentro da comunidade, pode levar ao apoio a execuções sumárias de inocentes - que poderiam ser parentes, vizinhos ou até mesmo um entregador. Em uma ocasião, um entregador, que se vestia de forma parecida com um suspeito apontado pelos colegas, sentiu a necessidade de detalhar as diferenças entre eles para evitar possíveis problemas.

---

<sup>27</sup> **Significa:** viajar, refletir, delirar, especular, sofrer etc.

Alguns entregadores demonstram maior apego, talvez até articulação, em relação às execuções, assegurando que “bandidos” serão mortos e prevenindo que o melhor para essas pessoas é “se cuidar”. Isso sugere a existência de uma definição, ainda que informal, sobre quem deve viver ou morrer, embora as competências para exercer tal sentença permaneçam desconhecidas. Apesar da urgência da violência urbana, que ameaça diretamente a vida dos entregadores em Arcoverde, os supostos suspeitos muitas vezes não são reconhecidos como ladrões pelos próprios entregadores. Estes, por sua vez, os conhecem pessoalmente e são os mais interessados em acabar com os assaltos de motos nas periferias da cidade.

Por que esses supostos suspeitos são escolhidos para serem ameaçados? Talvez por serem corpos considerados aptos, mas vulneráveis, para sustentar esse projeto de morte como solução para a desordem da criminalidade. Por serem jovens e pobres, encaixam-se na conotação racista do “suspeito padrão”. Há inúmeros motivos possíveis para essas escolhas, como desavenças pessoais ou disputas por território. A arbitrariedade é um dos principais problemas da execução sumária. Contudo, isso não significa que o processo legal seja totalmente distinto para essas pessoas. O desespero dos entregadores, agravado pela falta de reconhecimento, é um fator que os pressiona a considerar a execução como uma solução - mais do que sentimentos como maldade ou desprezo. É doloroso e revoltante para eles enfrentarem tamanha indiferença e sofrimento no trabalho, como se a solução tivesse que recair sobre alguém.

Sobre o assassinato mencionado anteriormente, alguns entregadores acreditaram que se tratava de uma “cruzeta”. Inicialmente, pensaram que o homicida havia mandado a mulher da vítima “vazar” antes dos disparos, mas a condutora não era sua esposa; era uma das raras mototaxistas atuando na cidade. Alguns comentaram que a vítima era um trabalhador, mas que acabou entrando no “mundo errado” do crime. Um entregador tentou explicar a dinâmica do ocorrido, sugerindo que a vítima provavelmente foi atrás de drogas com conhecidos que, na verdade, planejavam matá-lo. Segundo ele, esses “amigos” pediram para a vítima ir sozinha, que fora desarmada ao encontro derradeiro.

Na comunidade virtual, surgiu uma moral para essa história: “quem anda com porco, farelo come”. O ditado popular sugere que, independentemente da motivação, a vítima certamente morreu por estar envolvida com quem “não presta”. Por fim, comentaram sobre um assalto em que os ladrões perguntaram a um entregador se ele iria reagir. Mesmo negando, o entregador acabou baleado. Isso reforça, segundo eles, que no mundo do crime não há ética. Apesar de reconhecerem que a caracterização de um suspeito ou a motivação de um crime são

arbitrárias, a moral da história é de que o morto fez "alguma coisa errada". Parte-se, portanto, do pressuposto de que os assassinatos são legítimos.

Os entregadores que mais vibram e defendem as mortes, embora se apresentem como conhecedores da malandragem, não são os mais bem informados sobre esses eventos. Eles tentam transmitir uma visão e uma atitude pragmática diante da suposta desordem social, destacando o baixo valor de quem supostamente comete crimes e defendendo a legitimidade e a utilidade das mortes dessas pessoas. No entanto, o compromisso fanático deles com o julgamento final das vítimas assassinadas os impede de compreender plenamente os fatos. Enquanto vibram, perdem o senso crítico e o foco no que realmente está acontecendo. Por isso, acabam eventualmente rechaçados pelos demais entregadores. Eles são clandestinos, mas não são bagunça.

Como determinar o que as pessoas próximas fazem? Por que deveríamos ser responsabilizados pelos atos de outros? Há uma necessidade de vincular o assassinato a uma suposta ordem natural para que ele seja normalizado, não cause choque e possa ser instrumentalizado como ferramenta de poder. Essa normalização torna o assassinato algo possível, justificável e até legitimado, sendo proferido em voz alta, inclusive por autoridades públicas. Além disso, essa lógica é direcionada ao controle social dos entregadores, que frequentemente correspondem ao estereótipo de réu padrão no Brasil.

#### 4.3 NOSSA CLASSE É MUITO IMPORTANTE, MAS...

Na noite de 18 de julho de 2022, um entregador publicou um vídeo produzido por ele mesmo enquanto descia as escadas de um prédio. O material foi compartilhado na comunidade virtual chamada Associação dos Entregadores, onde ele expressava sua indignação com certos comportamentos de clientes. No vídeo, o entregador criticava aqueles que, na sua visão, abusam dos serviços prestados, exigindo um esforço desnecessário dos trabalhadores, como se fossem garçons ou polivalentes por natureza. Ele destacou, em tom de desabafo, a prática de clientes que não descem as escadas para receber suas encomendas, como se o ato de subir e descer degraus fosse algo trivial ou sem impacto.

Importante ressaltar que essa percepção não se estende aos clientes que, por limitações físicas, estão impossibilitados de acessar as escadas; estes são compreendidos e não são vistos como "folgados". No entanto, o descontentamento é evidente em relação àqueles que poderiam, mas optam por não facilitar o trabalho dos entregadores.

Outro membro da comunidade, também entregador, reforçou a visão crítica ao comentar sobre o mesmo prédio, classificando as escadas como uma verdadeira "romaria", numa metáfora que expressa o desgaste físico e emocional que a situação pode gerar. O episódio ilustra o cotidiano desafiador enfrentado por esses profissionais, que lidam constantemente com a superexploração e a falta de reconhecimento por parte de alguns clientes.

O entregador que produziu e compartilhou o vídeo reagiu ao comentário do colega com um meme. A imagem escolhida era uma cena do filme *Tropa de Elite*, dirigido por José Padilha, em que o Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar do Rio de Janeiro (BOPE-PMERJ) tortura um adolescente no alto de uma favela, asfixiando-o com um saco plástico, na tentativa de obter informações sobre o paradeiro de um traficante. Nesse contexto, o uso do meme foi interpretado como uma forma do entregador expressar sua revolta e desprezo em relação ao cliente que o colocou na situação humilhante de ter que subir e descer vários lances de escada para concluir a entrega. A escolha do conteúdo, carregado de violência simbólica, revelou a intensidade do descontentamento do trabalhador diante do esforço não reconhecido e da sensação de exploração.

Para os entregadores, subir escadas não gera nenhum benefício financeiro adicional na tarifa de entrega. O máximo que essa atitude pode trazer é a prevenção de uma avaliação negativa do cliente, um resultado que muitos consideram uma vantagem duvidosa, visto que não compensa o desgaste físico nem a frustração acumulada. Essa dinâmica ilustra a precariedade e os dilemas enfrentados diariamente por esses profissionais.

O líder da comunidade virtual, conhecido por sua ampla familiaridade com os endereços de Arcoverde e pela habilidade em saber como chegar a qualquer lugar da cidade, comentou sobre o episódio envolvendo o apartamento mencionado. Durante a conversa, ele revelou o bairro e o nome da rua, além de fazer uma crítica contundente: classificou os moradores do local como "nojentos mesmo". Segundo ele, já havia enfrentado situação semelhante com o mesmo cliente. Para reforçar sua opinião, ele compartilhou o número do apartamento na comunidade, expondo-o aos demais membros.

O entregador que havia publicado o vídeo inicialmente confirmou o itinerário e endossou a avaliação feita pelo líder. A discussão provocou uma onda de desabafos entre outros entregadores, que também reclamaram das condições do prédio, especialmente da escada, e acusaram o cliente de ser "abusado". Vale destacar que os prédios de Arcoverde, em geral, não possuem elevadores, o que agrava as dificuldades enfrentadas pelos entregadores ao realizar entregas em locais com muitos andares. Esse cenário revela uma das muitas

adversidades que esses profissionais enfrentam no dia a dia, intensificando a sensação de exploração e desrespeito por parte de alguns clientes.

Os entregadores acreditam que sua disposição para o trabalho é constantemente superexplorada pelos clientes. Embora os clientes estejam cientes do ritmo exaustivo a que os entregadores estão submetidos e da fragilidade de seus vínculos profissionais, muitos não hesitam em fazer pedidos que, embora possam parecer triviais para eles, representam favores esdrúxulos e excessivos para os trabalhadores. Esses pedidos são frequentemente aceitos pelos entregadores, mas não sem ressentimentos, uma vez que a recusa pode resultar em avaliações negativas ou até mesmo na perda de futuras oportunidades de trabalho.

Embora alguns clientes demonstrem solidariedade com as pautas políticas dos entregadores, como a luta por melhores condições de trabalho, isso não impede que continuem a sobrecarregá-los em situações cotidianas. Um exemplo marcante disso em Arcoverde envolve os entregadores de marmitas, que chegam a realizar dezenas de entregas por dia, muitas vezes sob o sol escaldante do meio-dia. Ainda assim, muitos clientes insistem que as marmitas sejam entregues diretamente nos andares superiores de prédios sem elevador, ignorando o esforço físico adicional exigido. Esse cenário evidencia a complexa relação entre entregadores e clientes, marcada por uma mistura de aparente empatia e práticas que perpetuam a exploração e o desgaste desses trabalhadores.

O consenso gerado pelo vídeo da escada na comunidade virtual de entregadores reforçou a percepção de descaso por parte dos clientes em Arcoverde com as condições de trabalho desses profissionais. A discussão que se seguiu destacou não apenas a indignação coletiva, mas também a má reputação específica do cliente em questão, que, segundo os membros da comunidade, já era malvisto por outros motivos que não foram explicitados nesta conversa.

Se os entregadores decidissem tomar medidas em reação ao comportamento do cliente, seria evidente que tanto a disposição quanto as informações necessárias para tal já estariam presentes na comunidade. A união em torno desse episódio demonstra a frustração acumulada e a possibilidade de ações mais incisivas caso situações semelhantes continuem a ocorrer. O caso revela, de forma preocupante, o nível de insatisfação entre os trabalhadores, que pode ultrapassar o campo das reclamações virtuais e se transformar em ações concretas para expressar seu descontentamento.

#### 4.4 “TEM QUE TER A PÓLVORA”

Na noite de 19 de julho de 2022, um entregador compartilhou uma foto segurando um rifle em um clube de tiro, dentro da comunidade virtual Associação dos Entregadores, que reúne principalmente entregadores e comerciantes. Logo após publicar a imagem, ele mencionou a possibilidade de adquirir armas legalizadas, provocando uma discussão entre os membros do grupo. O líder da comunidade, conhecido por sua ironia, comentou sarcasticamente que a aquisição de uma arma legalizada custa entre 6 e 8 mil reais, um valor completamente fora do alcance dos entregadores. Outros membros contribuíram para a conversa mencionando preços semelhantes ou ainda mais altos, reforçando a inviabilidade econômica para trabalhadores que enfrentam rotinas extenuantes e remuneração limitada.

A discussão convergiu para o consenso de que o alto custo das armas legalizadas torna essa opção inacessível para trabalhadores comuns. Apesar disso, um dos entregadores argumentou que, em comparação, uma arma legalizada ainda seria mais barata que uma adquirida ilegalmente, embora sua posição não tenha convencido os demais.

O debate não apenas expôs as dificuldades financeiras da categoria, mas também revelou um desejo, mesmo que velado, de autonomia e segurança, talvez motivado pelas condições precárias de trabalho e pela sensação de vulnerabilidade que permeia a vida de muitos entregadores. O episódio destacou as contradições entre os custos de acesso a determinados bens e a realidade econômica enfrentada por essa classe trabalhadora, ampliando o entendimento das frustrações e aspirações de seus membros.

A conversa sobre armas na comunidade virtual tomou um rumo mais sério quando um dos entregadores afirmou que pretende "desenrolar" uma arma sem autorização, ou seja, ilegalmente. Ele justificou sua decisão dizendo que essa opção é significativamente mais barata e que, dadas as circunstâncias atuais, possuir uma arma se tornou uma necessidade para trabalhar, principalmente devido à sensação de insegurança enfrentada no dia a dia.

O entregador que havia compartilhado a foto com o rifle foi questionado sobre sua relação com o CAC (Certificado de Registro de Colecionador, Atirador Desportivo e Caçador). Ele confirmou ser um CAC, o que explica sua presença no clube de tiro e a foto publicada. Outro membro da comunidade entrou na conversa compartilhando uma imagem de um alvo de papel perfurado por tiros, informando que era de sua última visita a um clube de tiro. Durante a discussão, o entregador com o rifle comentou que, embora seja CAC, o porte de armas concedido por essa modalidade é extremamente restrito, o que limita o transporte e uso fora dos contextos permitidos por lei. Ele também criticou os clubes de tiro de Arcoverde, afirmando que não são adequados ou bem estruturados.

O diálogo entre os membros da comunidade revelou uma gama de perspectivas sobre a posse e o uso de armas, evidenciando as complexidades de um tema que vai além da simples segurança pessoal. Para alguns, a arma é vista como um instrumento necessário de proteção, um escudo contra os perigos diários enfrentados em suas rotinas de trabalho. Para outros, carrega o peso de um símbolo de status, um objeto que transcende sua função prática e se associa a uma forma de reconhecimento em meio à precariedade e invisibilidade social.

Contudo, o debate também trouxe à tona os dilemas éticos e financeiros que permeiam essa questão. A aquisição de armas, legal ou ilegal, envolve escolhas que refletem a desigualdade econômica e a fragilidade dos trabalhadores, que muitas vezes se encontram sem alternativas viáveis para lidar com os riscos e a exploração a que estão submetidos. Essa conversa expôs as tensões de uma classe marginalizada que, ao mesmo tempo em que busca proteger sua sobrevivência, lida com os desafios de um sistema que continuamente a coloca em condições de vulnerabilidade e exclusão.

A discussão sobre os preços das armas legais entre os entregadores revelou a inacessibilidade desses itens para a maioria deles. Os valores citados variavam entre 6 mil e 20 mil reais, dependendo do modelo e das condições de compra, reforçando a dificuldade de adquirir uma arma dentro da legalidade. Um dos entregadores, defensor da posse de armas, argumentou enfaticamente que todos os entregadores deveriam estar armados para se proteger e agir diretamente contra bandidos, demonstrando uma visão de autodefesa ativa e até combativa.

Outro entregador expressou seu desejo de possuir uma arma, confessando ser “doido” para adquirir uma. Ele mencionou que gostaria de se filiar a um clube de tiro para praticar, mas reconheceu que os altos custos o afastam dessa possibilidade. Em um tom mais descontraído, afirmou que prefere atirar quando está na roça, onde as condições são mais acessíveis e informais. Apesar de seu interesse, encerrou a discussão com uma reflexão de fé, afirmando que, no fim, Deus é a maior defesa dos entregadores. Esses relatos revelam o impacto da insegurança no cotidiano dos trabalhadores e como ela alimenta aspirações, temores e debates sobre o acesso a armas, colocando em evidência tanto os desafios financeiros quanto os dilemas éticos e espirituais enfrentados por essa comunidade.

Embora alguns entregadores manifestem o desejo de possuir armas para se protegerem, eles estão longe de serem contemplados pela política armamentista formalizada pelo CAC (*Certificado de Registro de Colecionador, Atirador Desportivo e Caçador*). Essa política, com seus altos custos e exigências burocráticas, não se destina aos trabalhadores

precarizados e plataformizados, que enfrentam rotinas exaustivas e condições econômicas limitadas.

Ainda assim, as armas não são estranhas ao universo dos entregadores. Alguns frequentam clubes de tiro, onde praticam de forma legalizada, enquanto outros relatam que disparam em ambientes rurais, como na roça, onde as regras são mais informais. Além disso, há entregadores que afirmam só aceitar trabalhar em horários de maior risco, como durante a madrugada, se estiverem armados, o que revela uma perspectiva clara de autodefesa contra os perigos do cotidiano.

Apesar dessa inclinação, o acesso às armas é dificultado não apenas pelo preço exorbitante, mas também por desconfianças quanto à segurança que elas realmente oferecem. A posse de armas, embora vista por alguns como uma solução, é questionada por outros, que reconhecem os riscos e as limitações dessa escolha.

Outro obstáculo significativo é o estigma social e a repressão policial. Para um grupo de trabalhadores frequentemente alvo de discriminação e perseguição policial, como é o caso dos entregadores precarizados, é difícil imaginar que a sociedade de Arcoverde aceitaria com naturalidade que eles possuíssem armas. Isso cria um paradoxo: ao mesmo tempo em que aspiram à proteção pessoal, enfrentam barreiras econômicas, legais e sociais que os afastam da possibilidade de exercer esse direito plenamente.

#### 4.5 “AÍ ELES PEGAM MESMO”

Entre os dias 20 e 21 de julho de 2022, um entregador compartilhou a foto de um suspeito de homicídio capturado pela polícia. Ele foi acusado de matar o filho de um policial militar. Um entregador, referindo-se à atuação dos policiais, comentou: “assim eles pegam mesmo”, destacando que a vítima tinha alguma procedência, ao contrário dos entregadores, que sentem não ter ninguém que os defenda. No relacionamento entre os entregadores e a polícia, há um misto de sentimentos: eles se veem tanto perseguidos injustamente quanto ignorados em suas queixas sobre a violência urbana. Essa contradição persiste, mesmo com os entregadores frequentemente se aliando a políticos oriundos das forças policiais.

No mesmo dia, um entregador compartilhou na comunidade virtual Associação dos Entregadores um *print* de um pedido de entrega para o bairro de São Cristóvão. Outro entregador respondeu que era preciso muita coragem para realizar a entrega naquele local, devido à lama nas ruas e à sensação de insegurança. A recomendação predominante na comunidade foi que o entregador, caso aceitasse o pedido, levasse um garupa para aumentar a

segurança no deslocamento arriscado. Apenas um entregador discordou, afirmando que a rua era sossegada e explicando uma rota segura para chegar ao destino. Ele ainda comentou, em tom de brincadeira - ou talvez nem tanto -, que, em caso de tentativa de assalto, a melhor solução seria jogar a moto "por cima do povo".

O líder da comunidade afirmou que aquela rua era a "bocada das bocadas", ou seja, um dos destinos mais perigosos do município. Ele também destacou que o problema dessa região é responsabilidade da prefeitura, que prioriza a construção de praças, mas não investe no asfaltamento das ruas. Como em outras ocasiões, os entregadores não deixam de responsabilizar o Poder Municipal pela insegurança que enfrentam em Arcoverde. Por coincidência, nesse momento chegou a notícia de que assaltantes haviam acabado de roubar um motoqueiro na mesma localidade. O líder comentou que "os caras", ou os bandidos, tinham começado a roubar de novo no mesmo lugar. Um entregador então acrescentou que as polícias estão "bandavoo", expressão que sugere indiferença ao crime, sem comando ou ação efetiva.

Diante da insegurança em Arcoverde, os entregadores da Associação dos Entregadores cogitaram organizar uma manifestação para chamar a atenção da imprensa e denunciar a violência urbana. Durante a discussão, começaram a listar na comunidade virtual os bairros mais perigosos do município. Um dos entregadores sugeriu que eles deveriam agir imediatamente e ir até o local do assalto para capturarem os criminosos por conta própria. Aproveitando a ocasião, outro entregador perguntou se os colegas já haviam refletido sobre o fato de que, segundo sua observação, a maioria dos bandidos vinha da Vila do Presídio. Ele afirmou que isso não seria preconceito, mas apenas um "dado objetivo" baseado em sua percepção. Por fim, concluiu que apenas Deus ajuda os entregadores, pois eles se sentem completamente desamparados.

Os entregadores acreditam que as polícias não solucionam os crimes que os afetam porque não querem, enquanto crimes que envolvem pessoas mais reconhecidas socialmente tendem a ser resolvidos com maior rapidez. Essa contradição também foi destacada por alguns vereadores. Além disso, os entregadores relutam em atender chamados para determinados endereços considerados perigosos. Por isso, compartilham esses itinerários na comunidade virtual, onde avaliam os riscos e recebem orientações dos colegas. Nesse processo, unem suas experiências locais sobre Arcoverde às particularidades de cada região e às informações básicas fornecidas pelos aplicativos de entrega.

A possibilidade de encontrar alguém para acompanhar na garupa depende tanto da solidariedade quanto de relações afetivas. Apenas uma vez, eu vi um casal realizando entregas na mesma moto em Arcoverde. Em alguns casos, um entregador disponível, o que é raro, pode acompanhar outro em suas rotas. No entanto, essa prática enfrenta desafios: a remuneração já baixa torna-se ainda mais insuficiente quando dividida, e o consumo de combustível aumenta devido ao peso extra na moto. Além disso, surge uma contradição em relação ao individualismo dos entregadores, que precisam abrir mão de sua independência ao depender de outra pessoa para trabalhar.

Os conhecimentos de cada entregador sobre a cidade geram divergências, com ruas sendo frequentemente confundidas, assim como o nível de segurança delas. Esse cenário contribui para a legitimidade da atual liderança da comunidade virtual. Além de ter fundado a Associação dos Entregadores, o líder possui um conhecimento amplamente reconhecido como privilegiado sobre a cidade de Arcoverde, o que é um dos consensos entre os entregadores locais. Apesar da presença de aplicativos de *food delivery* e ferramentas de navegação por satélite, a memória continua sendo uma competência essencial para os entregadores da região.

As manifestações dos entregadores não são planejadas com muita antecedência; geralmente ocorrem sob pressão, impulsionadas pela velocidade das discussões nas comunidades virtuais. Quando a situação se agrava, como no caso da retomada dos assaltos, eles decidem protestar, confiando na imprensa local para gerar repercussão e pressionar as autoridades públicas. No entanto, a imprensa da capital raramente se envolve. Por outro lado, os bairros mais perigosos permanecem no imaginário coletivo dos entregadores. Assim, quando surgem pedidos para essas localidades, eles recorrem aos membros da comunidade. De maneira geral, os entregadores monitoram e classificam as áreas da cidade conforme o nível de periculosidade, reforçam, por conta própria, as políticas de segurança dos aplicativos e incentivam protestos na comunidade virtual contra a violência urbana.

#### 4.6 “CLIENTE CHATO”

Em 21 de julho de 2022, um vídeo foi compartilhado por um entregador na comunidade virtual. Esse é um dos vídeos que eu não consigo mais acessar, por conta do intervalo entre o compartilhamento e a análise do mesmo, já que ele não se encontra mais na memória do remetente. Nesse sentido, a avaliação é a de que as mídias compartilhadas e provavelmente pertinentes à pesquisa devem ser imediatamente salvas em uma memória do pesquisador. Partindo do contexto desse compartilhamento na comunidade, eu concluí que

esse vídeo retratou a reclamação de uma cliente acerca da entrega de um pedido por aplicativo fora de Arcoverde. Um entregador respondeu a esse vídeo, afirmando que em Arcoverde “tá cheio de gente assim”, isto é, de clientes acostumados a reclamar com os entregadores acerca do tempo de espera ou da qualidade dos pedidos quando lhes são entregues.

Esse episódio reflete a tensão entre entregadores e os clientes, evidenciando como as dinâmicas do trabalho precarizado afetam diretamente as relações interpessoais e a percepção dos trabalhadores sobre sua autonomia. A atitude do líder ao expor o endereço de um “cliente chato” revela um senso de frustração coletiva, onde o cliente é visto como desrespeitoso ou explorador, especialmente em situações que demandam esforço extra, como subir escadas.

As respostas dos entregadores destacam diferentes perspectivas sobre autonomia e dignidade no trabalho. Um deles afirmou que mandaria esse cliente “tomar no rabo” e reforçou que “clientes e comerciantes não determinam a forma dele trabalhar”, enfatizando que ele é “patrão de si” e que “se comanda no trabalho”. Essa posição reflete uma tentativa de afirmação da autonomia no contexto de um trabalho frequentemente descrito como dependente e exploratório. Por outro lado, a declaração do terceiro entregador, ao afirmar que é “autônomo” e que “graças a Deus” não depende de ninguém para se sustentar, reflete um discurso de superação pessoal, mas que pode ignorar ou minimizar as dificuldades estruturais enfrentadas pela categoria.

Essas interações reforçam como o trabalho de entregador em Arcoverde não é apenas sobre logística ou entrega de produtos, mas também um campo de negociações constantes sobre dignidade, reconhecimento e o limite entre “autonomia” e exploração. A ausência de proteção ou regulação formal deixa margem para disputas, tanto internas quanto externas, sobre o que é aceitável nas relações de trabalho.

Essa fala do líder da comunidade - “lidar com seres humanos é a pior coisa que existe” - sintetiza a frustração acumulada em um trabalho marcado por múltiplas camadas de exploração e falta de reconhecimento. A colocação aponta para um contexto no qual entregadores são pressionados de todos os lados: pelos clientes, que frequentemente desconsideram as dificuldades enfrentadas durante o trabalho; pelos estabelecimentos, que criam normas e gerem o trabalho dos entregadores sem qualquer vínculo ou suporte em situações de risco; e pelos aplicativos, que ditam as condições gerais do serviço, intensificando a precarização.

A queixa recorrente de que nem estabelecimentos nem aplicativos prestam assistência em casos de acidentes ou assaltos revela a profundidade da vulnerabilidade enfrentada por essa categoria. Embora formalmente “autônomos”, os entregadores se veem subordinados a

uma hierarquia que nega sua autonomia de fato. Estabelecimentos e aplicativos, embora dependam de seu trabalho, se isentam de responsabilidades básicas, como proteção ou suporte em situações adversas.

Ainda assim, muitos entregadores encontram um senso de orgulho na ideia de serem autônomos, uma condição que enxergam como uma das vantagens de sua “clandestinidade”. Esse orgulho parece funcionar como uma estratégia de resiliência frente às adversidades e à falta de suporte institucional. Contudo, é também uma contradição, já que essa autonomia é frequentemente limitada pelo controle exercido por plataformas e contratantes, além das constantes pressões do mercado de trabalho informal.

Essa tensão evidencia a complexidade de ser um entregador em Arcoverde: ao mesmo tempo em que resistem às formas de exploração impostas por clientes, estabelecimentos e aplicativos, muitos se apegam a uma narrativa de independência e resiliência, mesmo em um contexto que lhes oferece poucas garantias.

Os entregadores de Arcoverde enxergam a sociedade local com um olhar profundamente crítico. Estabelecimentos, clientes e autoridades públicas são percebidos como "lentos, preguiçosos, desrespeitosos e incapazes", características que, na visão deles, tornam esses grupos não apenas indiferentes, mas também obstáculos ativos à mobilidade social e à dignidade no trabalho. Essa percepção reforça a ideia de que, em vez de apoiar e valorizar o trabalho dos entregadores, a sociedade local contribui para a perpetuação das dificuldades que enfrentam.

Ao mesmo tempo, os entregadores constroem uma identidade baseada na autonomia e no microempreendedorismo, valorizando a ideia de que são seus próprios patrões e que dependem unicamente de seus esforços para sobreviver. Contudo, essa autonomia carrega um peso significativo, pois está marcada por uma desesperança em relação ao mundo urbano. De sua posição nas ruas, os entregadores vivenciam diretamente os piores aspectos da cidade: violência, exploração, descaso institucional e a precariedade das relações de trabalho.

Dessa forma, a comunidade virtual Associação dos Entregador surge como uma resposta coletiva às adversidades. Ela oferece um espaço onde os entregadores podem compartilhar experiências, estratégias e informações práticas para lidar com os desafios do cotidiano. Mais do que isso, a Associação se torna um ponto de organização interna, permitindo que os entregadores criem mecanismos de proteção contra a exploração e se defendam de uma cidade que frequentemente lhes parece hostil e indiferente.

Esse movimento de organização reflete não apenas uma tentativa de sobrevivência, mas também uma forma de resistência ao modelo de relações urbanas que marginaliza e desampara trabalhadores como eles. Por meio da Associação, os entregadores reafirmam sua identidade coletiva e fortalecem suas vozes, buscando limitar os impactos negativos da exploração e construir um ambiente de trabalho mais digno.

A sociedade de Arcoverde, especialmente os estabelecimentos, clientes e as autoridades públicas são vistas de uma forma muito negativa pelos entregadores, como lentos, preguiçosos, desrespeitosos e incapazes, de modo geral, elementos estagnados e obstáculos do mercado de trabalho e da estratificação social. Os entregadores se compreendem como autônomos e microempreendedores, mas há uma desesperança entranhada na concepção deles acerca do mundo urbano, como se enxergassem, de uma posição privilegiada, e experimentassem diretamente os piores aspectos da cidade. Por isso, vão sendo criadas perspectivas de organização interna a partir da comunidade virtual Associação dos Entregador para limitar a exploração dos entregadores e defendê-los da cidade.

#### 4.7 A VIDA NÃO É VIDEOGAME

Na manhã de 25 de julho de 2022, a imagem de um motoqueiro morto no asfalto, vítima de um acidente com um cavalo, circulou na comunidade virtual da Associação dos Entregadores. No entanto, nenhum comentário foi feito sobre o cavalo em si, destacando uma ausência de discussão sobre as condições que levam à presença de animais de grande porte em vias urbanas. Esse silêncio pode ser reflexo da naturalização de problemas relacionados à infraestrutura e à gestão ambiental em Arcoverde.

Mais tarde, a tragédia deu espaço a reflexões práticas. Um entregador destacou que muitos colegas estão dirigindo em alta velocidade, um comportamento que ele considerou perigoso. Ele ressaltou que, mesmo pequenos imprevistos, como a aparição de um cachorro de rua, podem causar acidentes fatais. Essa observação também trouxe à tona outro problema urbano: o crescimento descontrolado da população de cachorros de rua, que além de ser um risco para os motoqueiros, representa um desafio sanitário em Arcoverde.

Apesar do alerta, a conclusão do entregador indicava uma barreira cultural e comportamental. Ele afirmou que "não custa andar devagar" porque os clientes podem esperar. Porém, o maior obstáculo, segundo ele, seria convencer os próprios entregadores dessa lógica. Isso reflete uma tensão entre a pressão por rapidez no trabalho, imposta tanto pelos clientes quanto pelas plataformas, e a necessidade de segurança e preservação da vida.

O episódio evidencia como questões estruturais e culturais se entrelaçam, criando um cenário de risco constante para os entregadores. Seja pela presença de animais soltos nas ruas, pela precariedade da infraestrutura urbana, ou pela pressão por alta velocidade no trabalho, a segurança dos entregadores permanece vulnerável em um ambiente urbano que parece negligenciar suas necessidades e condições.

Ademais, afirmou que um óbito assim deveria lembrar aos entregadores que eles saem de casa, mas não sabem se voltam, porque para eles, infelizmente, há mil formas de morrer - essa conclusão é contundente para os entregadores, que têm uma “profissão de risco”. O mesmo entregador insistiu com essa tese, disse que interrompeu as “carreiras doidas” depois de amadurecer como homem, até porque isso preocupava muito seus familiares. Nesse sentido, o ato de correr com a moto seria uma prática infantil, dos ainda novatos na profissão. Outro entregador tentou convencer os membros da comunidade que a vida é o maior bem deles, ele contou com a ajuda de um colega que proferiu este ditame: “é melhor perder um minuto da vida do que a vida em um minuto”, também lançou indiretas aos entregadores na comunidade ao falar que alguns pensam na vida como se fosse um jogo de videogame.

A pressa dos entregadores no *food delivery* em Arcoverde gera uma série de consequências negativas, tanto para eles quanto para os outros moradores da cidade. Para os próprios entregadores, especialmente os mais experientes, a corrida constante traz impactos físicos e psicológicos, com acidentes de trânsito sendo uma preocupação constante. Já para os não-entregadores, a imprudência nas manobras, principalmente em ruas estreitas das periferias, cria um ambiente de insegurança, ainda mais preocupante em áreas habitadas por muitas crianças.

As famílias dos entregadores compartilham essa preocupação, vivendo sob a constante tensão de que cada saída para o trabalho pode terminar em um acidente grave ou até mesmo em uma tragédia. Essa percepção reflete como a precariedade e os riscos do trabalho são sentidos de forma ampliada, afetando não apenas os entregadores, mas também aqueles próximos a eles. Curiosamente, até os cachorros de rua, que circulam descontroladamente por Arcoverde, representam um perigo para os entregadores. Não é a hidrofobia, um problema recorrente no município, que mais preocupa, mas o fato de que esses animais frequentemente atravessam as ruas de maneira imprevisível, aumentando o risco de acidentes. Além disso, há um aspecto interpretativo singular sobre a relação entre os entregadores e os cães: um entregador comentou que os cachorros "preferem os bandidos aos entregadores". Segundo ele, os cães dos clientes avançam contra os entregadores, mas não contra bandidos.

Essa leitura, embora carregada de ironia e subjetividade, é simbólica. Ela demonstra como os entregadores sentem que enfrentam um ciclo contínuo de falta de reconhecimento e perseguição, não apenas por parte das pessoas, mas até, em uma visão quase alegórica, pelos próprios animais da cidade. Essa percepção revela a profundidade do isolamento e da vulnerabilidade experimentados por esses trabalhadores, que encaram o trabalho em Arcoverde como um desafio que extrapola os problemas comuns da profissão, alcançando dimensões sociais e emocionais.

A tese de que os entregadores não precisam correr com suas motos não é consensual entre eles, revelando um conflito entre segurança e a realidade das condições de trabalho. Em conversas realizadas nas manifestações e nas frentes dos estabelecimentos, diversos entregadores explicaram que se veem obrigados a adotar velocidades elevadas em situações específicas, como períodos de alta demanda. Essas situações são particularmente frequentes nos feriados e durante as festividades juninas, em Arcoverde, quando o volume de pedidos aumenta significativamente, mas o número de entregadores disponíveis permanece limitado.

As críticas vindas de não-entregadores sobre as chamadas “carreiras doidas” remetem, muitas vezes, a uma questão racial. A expressão racista “negro correndo é ladrão” exemplifica como o perfil mais comum entre os entregadores – jovens, negros, moradores de periferia – está carregado de estereótipos que alimentam preconceitos e reforçam a vigilância sobre seus corpos e ações. Em uma sociedade estruturalmente racista, o controle da mobilidade de pessoas consideradas socialmente inferiores é uma questão sensível para a segurança pública e contempla a fiscalização dos itinerários, dos itens transportados e da regulação de suas velocidades.

Esse cenário que aflige os entregadores revela uma visão moralista sobre a mobilidade urbana de corpos considerados como degenerados. A mobilidade urbana, aqui, não é tratada apenas como um aspecto técnico ou funcional, mas como parte do esforço de domesticação do “corpo moral” que os entregadores representam, visto com desconfiança e associado à incivilização. A pressão para que reduzam sua velocidade não considera as condições objetivas que levam à pressa, mas sim uma tentativa de disciplinar corpos e práticas que são estigmatizadas pela sociedade de Arcoverde.

Diferentemente das dinâmicas emuladas nos videogames, o cotidiano dos entregadores é marcado por riscos reais e concretos, muitas vezes relacionados à própria sobrevivência. O marketing dos aplicativos de *delivery* cria uma narrativa que projeta o trabalho do entregador em uma dimensão quase virtual, uma espécie de simulacro no qual a realidade concreta do trabalho é sublimada por uma lógica gamificada e meritocrática. Nesse mundo idealizado, os

entregadores aparecem como heróis de uma competição incessante, onde os desafios se limitam, teoricamente, à disposição individual para trabalhar e superar obstáculos.

Essa idealização ignora os limites impostos pela precariedade, pela insegurança urbana e pelos acidentes de trânsito, reduzindo a experiência concreta do entregador a um jogo em que "só vencem os melhores". A promessa implícita de que a recompensa está sempre à disposição reforça a ideia de que basta esforço e dedicação para alcançar o sucesso, como se o trabalho fosse um videogame em que se pode "ligar e desligar" ou "iniciar e encerrar uma partida" conforme a vontade do jogador.

No entanto, essa narrativa desconsidera os fatores estruturais e externos que impactam diretamente o cotidiano dos entregadores. A falta de segurança, o baixo reconhecimento social, a exploração pelas plataformas e a ausência de amparo em caso de acidentes não são variáveis que podem ser controladas por quem entrega. Essa perspectiva romantizada, promovida pelo marketing dos aplicativos, contribui para desumanizar os entregadores, transformando-os em personagens de um jogo que nega as consequências reais de suas jornadas em vida.

Nos aplicativos, os corpos dos entregadores se dissolvem numa multidão de avatares, reduzidos a meros ícones na tela dos clientes e estabelecimentos. Essa representação abstrata se sustenta enquanto a máquina segue funcionando: enquanto há pedidos a serem entregues, corridas a serem feitas e um fluxo de dinheiro que, apesar de instável, mantém a ilusão de controle sobre a própria jornada. No entanto, essa lógica se rompe no instante em que um entregador sofre um acidente, é assaltado ou percebe que os ganhos da semana não cobrem sequer suas necessidades básicas. É nesse momento que o avatar passa a sentir fome, revolta e cansaço. Então, a materialidade da exploração se impõe, tornando visível aquilo que a gamificação do trabalho busca esconder.

Os mais novos podem levar tempo para perceber essa dinâmica. A ilusão da performance como garantia de sucesso faz com que muitos se esforcem para ser os mais rápidos, "desenrolados", disputados e elogiados pelos estabelecimentos e clientes. Mas, ao fim, o que essa busca incansável realmente oferece? A possibilidade de uma morte repentina na rua, talvez por não ter visto o caminhar apagado de um cachorro abandonado.

O problema se agrava porque esse entregador "topado" – aquele que corre mais, que se arrisca sem questionar, que aceita qualquer condição imposta pelos aplicativos – acaba estabelecendo um parâmetro prejudicial para o grupo. Os membros mais experientes da comunidade virtual percebem esse risco, pois sabem que a entrega mais rápida, a maior quantidade de pedidos atendidos e a disposição para tudo não garantem estabilidade,

segurança ou reconhecimento. Pelo contrário, reforçam um modelo de trabalho que ignora a humanidade dos entregadores e os torna cada vez mais descartáveis.

Quando um entregador afirma que “a vida não é videogame”, ele se contrapõe à lógica gamificada imposta pelos aplicativos, reconhecendo que os riscos do trabalho são reais e inescapáveis. Os aplicativos não pilotam as motos - essa perspectiva não é apenas uma fantasia de ficção científica, mas determinam o ritmo das entregas e orientam o comportamento dos entregadores por meio de um sistema de incentivos e punições invisíveis.

Quanto mais um entregador se entrega ao ritmo frenético, maior a probabilidade de alcançar as metas sugeridas: mais corridas, mais avaliações positivas, a reputação de “desenrolado” entre os estabelecimentos e, no fim, mais dinheiro – nem tanto assim. O problema é que esse jogo tem consequências irreversíveis. A qualquer momento, o “game over” pode deixar de ser uma metáfora e se tornar um fato, sem *reset*.

No capitalismo contemporâneo, o trabalho se disfarça sob a lógica do lazer e da aventura, tornando-se um espetáculo que mistura esforço e prazer - “a gente sai de casa para desestressar”, segundo um dos entrevistados. Para os entregadores, essa dinâmica pode fazer com que a centralidade do trabalho passe despercebida, especialmente quando seu ofício é carregado de subjetividade, emoção e um cotidiano dramático.

Muitos entregadores se enxergam como heróis urbanos, movidos pela busca de uma sobrevivência digna e pelo desejo de “não querer o que é dos outros”, em oposição à criminalidade. Eles se orgulham da resiliência diante das dificuldades e da habilidade de navegar a cidade com destreza. Contudo, essa narrativa heroica se choca com a realidade financeira: os rendimentos obtidos raramente cobrem todas as contas, e o esforço incessante frequentemente se traduz em exaustão e frustração. O jogo entre sacrifício e reconhecimento, autonomia e exploração, continua a definir o trabalho sobre duas rodas.

Os entregadores me disseram repetidas vezes que, ao descontar os custos de manutenção, eles apenas “trocam dinheiro”. O que ganham com as entregas mal dá para manter a moto funcionando e cobrir o pagamento mínimo do cartão de crédito, perpetuando um ciclo de endividamento em que as contas básicas são sempre empurradas para o mês seguinte.

Para complementar a renda, muitos utilizam maquinetas de cartão de crédito adquiridas por conta própria. Nessa prática, além de processar pagamentos de clientes que preferem pagar com cartão, alguns entregadores também operam um esquema informal de crédito. A agiotagem, ou usura, se manifesta nesses pequenos empréstimos: saques em dinheiro ou transferências via Pix são fornecidos por um valor menor do que o cobrado na

maquineta. Esse sistema de microcrédito entre os próprios entregadores revela tanto a precariedade do trabalho quanto as redes de solidariedade e sobrevivência que emergem nesse contexto.

Por outro lado, persiste a crença na possibilidade de uma grande recompensa através da dedicação total às plataformas virtuais de trabalho. Isso reforça a busca incansável pelo imediato e um envolvimento completo com o espírito do food delivery. Para os entregadores, essa entrega total é essencial para não perderem o fluxo das corridas nos aplicativos, especialmente nos momentos de alta demanda, que são vistos como oportunidades a serem aproveitadas ao máximo, já que eles não sabem o dia de amanhã.

#### 4.8 OS PAIS DE FAMÍLIA

Na noite de 27 de julho de 2022, os entregadores e os mototaxistas se reuniram com o vice-prefeito de Arcoverde. Durante a conversa na comunidade virtual Associação dos Entregadores sobre essa reunião, foi compartilhada a imagem de um senhor fardado que supostamente se passava por policial militar na cidade. Segundo um dos membros da comunidade, ele solicitava créditos de celular aos comerciantes em troca da proteção de seus estabelecimentos. Essa denúncia gerou insegurança, pois alguns membros suspeitavam que o homem fardado não estivesse disfarçado, mas, na verdade, fosse um policial lotado em um batalhão de outra cidade.

A reunião terminou minutos após o início da discussão sobre a veracidade da identidade do homem fardado. O repasse do entregador-representante na reunião foi de que o delegado<sup>28</sup> prometeu denunciar os mototaxistas clandestinos, uma demanda restrita a essa categoria, e solicitar à Polícia Militar o conserto das viaturas quebradas. Essa última medida estava relacionada à solicitação dos entregadores por um policiamento mais ostensivo nas periferias, embora eles percebam essa ausência como uma concentração cômoda dos policiais no centro da cidade, independentemente das viaturas.

Também foi relatado que o delegado afirmou que nenhum “pai de família” trabalha com segurança em Arcoverde, ou seja, que esses profissionais não estão revoltados suficientemente contra os bandidos, e que a segurança pública de Pesqueira, município vizinho, conseguiu conter os assaltos aplicando violência institucional contra os “bandidos”, basicamente, execuções sumárias e espancamentos. Ainda segundo o delegado, os assaltantes

---

<sup>28</sup> O vice-prefeito também é delegado da Polícia Civil de Pernambuco.

afugentados teriam encontrado guarida em Arcoverde. Para o entregador-representante, a solução definitiva para os assaltos na cidade seria a instalação de câmeras de monitoramento 24 horas, com reconhecimento facial e conectadas diretamente à polícia.

Os políticos atrelados à pauta da segurança pública buscam liderar os entregadores, atraindo-os ao reconhecê-los como "pais de família" e vidas que importam. Esses políticos proferem discursos revanchistas para um público pressionado pela violência urbana e pelo risco constante de armas de fogo. Isso ocorre mesmo com os entregadores sendo frequentemente perseguidos pela polícia - uma contradição relevante observada na pesquisa de campo, que merece ser analisada com mais profundidade em trabalhos futuros.

O valor dos entregadores está longe de ser um consenso em Arcoverde. Por outro lado, o deslocamento intermunicipal de uma caravana de "bandoleiros" tem sido utilizado como uma oportunidade pelo vice-prefeito para acusar seu principal adversário político, o prefeito. Embora a questão da segurança pública seja, em sua essência, de responsabilidade estadual, o vice-prefeito insistiu que o prefeito poderia assumir um papel mais ativo no combate aos assaltantes. Esse posicionamento revela, ainda, aspectos interessantes do imaginário local em relação ao mundo do crime, visto pela ótica do banditismo.

Tanto os entregadores quanto os mototaxistas estiveram presentes na reunião com o vice-prefeito. Ambos os grupos cooperam nas manifestações contra a violência urbana, um problema que afeta diretamente os mototrabalhadores. Apesar das diferenças entre os motociclistas "clandestinos" e os "mototaxistas", eles dependem uns dos outros em diversos aspectos. Quanto aos políticos vinculados à pauta da segurança pública, estes frequentemente adentram esferas sociais que, à primeira vista, parecem alheias à sua alçada. Um exemplo disso é o esforço para regulamentar e punir os mototaxistas clandestinos. Esses trabalhadores informais tendem a ser avaliados com base nos riscos que representam aos passageiros, não apenas pela forma como conduzem suas motos, mas também pela incerteza em relação à qualidade do serviço prestado. Esse é um problema que afeta constantemente os entregadores, mesmo que muitos deles sintam orgulho de sua condição de informalidade.

A proposta de instalação de câmeras, apresentada pelo entregador-representante durante a reunião com o vice-prefeito e os mototaxistas, reforça o papel das tecnologias de vigilância como ferramentas para um controle social mais eficaz. Alguns entregadores veem benefícios nessa solução, pois, em tese, as tecnologias são imparciais e não descansam, ao contrário dos policiais, que frequentemente ignoram suas queixas e concentram seus esforços na manutenção da tranquilidade do centro da cidade. Apesar da atuação de políticos ligados à segurança pública em favor dos entregadores, há uma certeza quase generalizada entre eles de

que a postura da polícia não mudará tão cedo – ou, se mudar, será a um custo alto demais, como a perda de suas motos ou até mesmo de suas vidas em alguma rua de terra. A concepção da tecnologia como solução ideal serve tanto à segurança pública quanto ao setor de *food delivery*, refletindo uma visão pragmática: afinal, lidar com seres humanos é, muitas vezes, considerado o maior dos desafios.

Em 28 de julho de 2022, um entregador afirmou que a proposta de instalação de câmeras, assim como dialogar com o vice-prefeito, não resolveria o problema dos assaltos. Ele mencionou o caso de uma moto roubada que foi identificada em um estabelecimento e declarou que a solução seria recuperá-la à força, pois "a munição não falta e a coragem se vê na hora". Pouco depois, foi compartilhado um link do *Facebook* mostrando um carro roubado em Arcoverde. Alguns entregadores comentaram que a cidade estava em completo caos, afirmando que os ladrões já não estavam apenas roubando, mas "brincando de roubar", o que indicava que todos os limites haviam sido ultrapassados.

Um entregador aproveitou a ocasião para alertar os membros da comunidade virtual sobre a necessidade de ter cuidado ao passar pelo Curral do Bode, um estabelecimento comercial, pois havia dois indivíduos suspeitos na esquina. Ele relatou que, se não estivesse correndo, provavelmente teria sido abordado pela dupla. A partir dessa narrativa, infere-se que correr não serve apenas para agilizar as entregas, mas também para evitar assaltos. O líder da comunidade sugeriu que a solução ideal seria reunir um grupo para perseguir os suspeitos, propondo assim organizar a comunidade virtual para agir diretamente contra os assaltantes. O entregador que fez a denúncia descreveu as características físicas dos dois indivíduos, fornecendo detalhes que poderiam ajudar os demais membros a identificá-los.

Um entregador propôs que onze colegas se dirigissem ao local para interceptar os dois indivíduos suspeitos. Ele sugeriu que um deles ficasse responsável por observar o entorno e monitorar a ação – uma função menos arriscada, que talvez coubesse a ele próprio. Surgiu, então, a dúvida: haveria risco de a polícia interferir na ação? Outro entregador mencionou a possibilidade de dar "uns quebras" nos supostos meliantes, utilizando um revólver para intimidá-los e proteger o grupo de entregadores de uma possível reação violenta durante a abordagem ilegal que seria realizada por eles. Um terceiro membro tentou convencer a comunidade a chamar a polícia, mas o entregador que havia denunciado a presença dos dois indivíduos na esquina afirmou que já havia procurado uma viatura, sem sucesso. Paralelamente, o entregador-representante na reunião com o vice-prefeito relatou que, recentemente, foi perseguido por duas motos e só conseguiu escapar graças à alta velocidade de sua motocicleta.

Um grupo de entregadores começou a instigar os membros da comunidade a se dirigirem ao local onde os indivíduos apontados como supostos assaltantes ainda estariam presentes. Paralelamente, um entregador divulgou o número de telefone do comando do 3º Batalhão da Polícia Militar, sediado em Arcoverde. Os entregadores chegaram a marcar um ponto de encontro para, de lá, partirem em direção à ação; mais uma vez, um deles afirmou que iria armado. Imediatamente, vários memes com imagens de disparos de armas de fogo foram compartilhados na comunidade virtual, refletindo o clima de tensão e mobilização.

Essa articulação entre os entregadores não se concretizou. A partir disso, surgiram queixas entre eles próprios sobre a desunião do grupo, acompanhadas de ameaças de que o próximo entregador a ser roubado – algo considerado uma certeza – não poderia contar com o apoio dos demais. Essa postura sugere que a maioria dos entregadores só se mobiliza quando suas próprias motos são atingidas. Para alguns, um sinal claro de união entre esses trabalhadores informais seria se o grupo agisse diretamente contra os dois indivíduos na esquina, entre outros possíveis alvos, demonstrando uma coesão que, até então, parecia ausente.

Em seguida, um entregador descreveu as características das roupas que utiliza para trabalhar, pois elas eram semelhantes às roupas usadas por dois indivíduos que estavam na esquina, conforme relatado por outro entregador. Ele fez isso para evitar possíveis represálias, seja por parte de colegas de trabalho ou da polícia, já que os dois indivíduos denunciados na comunidade também poderiam ser identificados pela Polícia Militar. Portanto, há indícios de que esse tipo de ação pode prejudicar os próprios entregadores, aumentando a responsabilidade e os riscos envolvidos em ações diretas contra supostos suspeitos de assaltos à mão armada. Além de serem responsáveis por todos os prejuízos decorrentes das entregas, os entregadores também estão assumindo o papel de combater a violência urbana.

Para alguns entregadores, a violência urbana só será resolvida com a execução, mutilação e tortura sumária de suspeitos - práticas frequentemente associadas à Ditadura Militar, mas que persistem mesmo durante a República. Alguns entregadores sugerem que estão prontos para assumir o combate ao crime, já que possuem armas e munição.

Essa formação coletiva, de inspiração miliciana, é vista por alguns entregadores como uma resposta natural à liberdade que os criminosos conquistaram em Arcoverde, devido à inação do Estado. Para eles, parece restar apenas esse tipo de iniciativa como forma de legítima defesa da vida dos trabalhadores. A violência também os leva a adotar medidas extremas, como acelerar para fugir de assaltantes ou até mesmo atropelar supostos suspeitos de roubos, mesmo quando a pressão dos pedidos está sob controle. Inclusive, uma moto em

baixa velocidade pode ser facilmente abordada por outra. Nesse caso, o garupa da segunda moto desceria armado para tomar a primeira.

Os dois supostos suspeitos foram identificados no Curral do Bode. Em instantes, todos os entregadores tomaram consciência de que a localização estava perigosa naquele momento. A situação no Curral do Bode representou uma oportunidade para os entregadores formarem uma maioria numérica e atacar com vantagem os dois indivíduos que estavam supostamente armados para assaltá-los. No entanto, as autoridades públicas não incitaram publicamente que os entregadores agissem de forma direta contra os criminosos; pelo contrário, orientaram que procurassem a polícia. Para os entregadores, porém, essa orientação é insuficiente, dada a negligência contumaz dos policiais em atender às suas queixas.

Eles tentam se articular para intimidar, ou até mesmo algo pior, os indivíduos apontados como suspeitos no Curral do Bode, mas essa situação não evoluiu. Diante disso, questionaram a solidariedade entre os entregadores, como se a conclusão de uma ação violenta e potencialmente comprometedora fosse um grande indicativo de confiança entre eles, já que clandestinos agem de forma clandestina. Essa classificação não se restringe apenas ao trabalho; **trata-se de 'eles por eles' o tempo todo**. No entanto, essas propostas de combate direto ao crime assustam alguns entregadores, devido à arbitrariedade e ao risco de contágio por sugestão dos membros da comunidade. Não por acaso, um entregador buscou se diferenciar no grupo ao perceber que suas características coincidiam com as atribuídas aos dois indivíduos na esquina, supostamente assaltantes. Na informalidade radical vivenciada pelos entregadores, não há como afirmar com certeza se determinada pessoa é ou não um entregador. Outro motivo importante para hesitar é que essas ações colocam os próprios entregadores em risco. Um desfecho negativo decorrente dessas iniciativas é muito mais provável do que a resolução efetiva da criminalidade por parte deles.

#### 4.9 “DEUS PERDOA QUANDO A GENTE SE ARREPENDE”

Em 29 de julho de 2022, um entregador, aquele que representou a categoria na reunião com o vice-prefeito, ponderou que as motos roubadas são sempre de modelos diferentes, como se os assaltos fossem motivados por encomendas de peças específicas. O entregador chamou atenção, portanto, para a hipótese de um crime organizado por trás da recorrência dos assaltos sofridos pelos entregadores em Arcoverde. Segundo ele, os assaltos contariam com a participação de diversos atores, além dos próprios assaltantes, como mecânicos, outros motociclistas que adquirem as motos roubadas, sucateiros que as recebem, olheiros que

identificam os alvos, possivelmente policiais corruptos que negligenciam os territórios onde os assaltos ocorrem, além das organizações responsáveis por coordenar essas ações e até mesmo clientes-isca nos aplicativos, que atraem os entregadores para armadilhas.

Não por acaso, os entregadores direcionam sua revolta contra a violência institucional não apenas para os indivíduos acusados de assaltos, mas também para as comunidades periféricas onde esses acusados supostamente vivem, atuam e se sentem protegidos - lugares muitas vezes associados ao domínio do crime. Após o compartilhamento da imagem de um motoboy vítima de latrocínio em São Paulo (SP), um ex-entregador comentou na comunidade virtual que parou de trabalhar com entregas “porque a polícia não faz nada”. Para ele, os policiais de trânsito se preocupam apenas em aplicar multas por questões consideradas fúteis, como a falta de retrovisor ou o uso de sandálias, mas, curiosamente, não demonstram a mesma atenção em relação à mobilidade dos assaltantes.

Segundo os membros da Associação, a polícia, enquanto órgão estatal, não atua em favor da classe trabalhadora, especialmente dos trabalhadores mais humildes. Dessa forma, os policiais não trabalham para proteger os entregadores, mas sim para persegui-los e extorqui-los. Os 'tocos' pagos pelos entregadores para serem liberados durante abordagens policiais são comuns, já que muitos não têm renda suficiente para se adequar plenamente às leis de trânsito. Por atuarem de forma clandestina, os entregadores tornam-se vulneráveis às ações criminosas dos próprios policiais e acabam 'comendo na mão' deles.

Entre os entregadores, porém - talvez não para a polícia -, ser clandestino não significa ser bandido. A informalidade no mercado de trabalho foi elevada ao núcleo do planejamento da política econômica nacional, sendo vista pelo governo anterior como uma necessidade para o desenvolvimento do país. No entanto, no Brasil, o trabalhador informal praticamente não é reconhecido como tal. Resta aos entregadores de Arcoverde, por exemplo, investigarem por conta própria os crimes que os afetam. Frequentemente, ex-entregadores afirmam que pararam de trabalhar com entregas devido à insegurança, como se a violência fosse o principal problema enfrentado pela categoria.

Em 1º de agosto de 2022, foram compartilhadas imagens, na comunidade virtual Associação dos Entregadores, de uma moto destruída em um acidente. Segundo relatos dos membros, o motociclista tentou ultrapassar um ônibus, mas provocou um acidente fatal. Diante disso, um entregador afirmou que os colegas devem permanecer atentos o tempo todo, pois em toda esquina há um motorista descuidado ou desconfiado de motociclistas. Nesse sentido, no cotidiano dos entregadores, a morte só precisa de uma desculpa para acontecer.

Outro entregador comentou que o “B.O.”<sup>29</sup> também são os próprios entregadores, que parecem esquecer o pouco tempo de vida que temos na Terra, de termos apenas uma vida - ou seja, esquecem-se de que são meros mortais.

Outro entregador definiu as ruas de Arcoverde como péssimas para o trabalho dos entregadores. Mudando de assunto, um entregador criticou a condução de alguns colegas, que empinam motos, produzem poluição sonora excessiva<sup>30</sup> e, com isso, atraem blitzes policiais. Esse comportamento imprudente prejudica principalmente os que não possuem habilitação, já que teriam sua “perna quebrada” - algo que compromete a sobrevivência de suas famílias. Em seguida, ele reforçou o pedido por conscientização em prol de uma condução mais defensiva, pois isso beneficiaria toda a categoria. Nesse sentido, se os entregadores não cuidarem de sua imagem pública, serão vistos de forma negativa pela população. O mesmo entregador também reconheceu que, em certas situações, eles precisam correr, mas destacou: “na dúvida, não ultrapasse”, como se aprende no DETRAN, embora muitos entregadores não sejam habilitados.

Um entregador concordou, afirmando que os pais de família dependem de seus veículos para sobreviver, mas, com blitzes frequentes, fica difícil trabalhar, já que suas motos geralmente estão em situação irregular, embora sejam essenciais para garantir o sustento diário. O entregador que pediu mais consciência à comunidade admitiu que o barulho de um cano de escape estourado pode até ser “bonito”, mas atrai abordagens policiais. Ele relatou, inclusive, que um motociclista em alta velocidade atropelou acidentalmente um gato e quase caiu por causa disso. Isso serve para ilustrar que os entregadores estão sujeitos a todo tipo de imprevisto.

Nesse sentido, os entregadores não são bem vistos pela sociedade, e um dos motivos seria o barulho excessivo das motos de alguns deles. Segundo ele, os mototaxistas desrespeitam as normas de trânsito, mas, se os entregadores agirem da mesma forma, nunca terão razão e só poderão cobrar ações do poder público se pilotarem de maneira correta. Ou seja, alguns acabam se culpabilizando por não serem reconhecidos.

Para ele, se a situação continuar assim, a perspectiva é que a prefeitura crie encargos para os entregadores, assim como fez com os mototaxistas, obrigando-os a pagar por um ponto de trabalho e pelo uso de coletes. No entanto, essas informações são questionáveis, pois há diferenças significativas entre os modelos de atuação dos mototaxistas e dos entregadores.

---

<sup>29</sup> Abreviação de Boletim de Ocorrência. Significa: problema.

<sup>30</sup> Os entregadores compram canos de escape para aumentarem os sons produzidos pelas motos, assim se dá a impressão de uma potência maior do veículo.

Segundo o mesmo entregador, para aqueles que são habilitados, tudo correria bem, apesar dos encargos adicionais. Porém, os não-habilitados perderiam sua fonte de renda - a “oia”<sup>31</sup>. Outro entregador concordou com a ideia de que eles são mal vistos, já que muitos não dirigem de forma adequada e avançam sinais de trânsito. Para ele, se os entregadores conduzissem de maneira mais responsável, os policiais não os perseguiriam tanto. Outro membro da Associação destacou que o governo estadual fechou as portas para os entregadores durante a pandemia, interrompendo, por exemplo, políticas sociais como a emissão de CNH popular.

Para alguns entregadores - e muitos não-entregadores concordariam com isso -, são eles próprios os maiores responsáveis pela falta de reconhecimento social, apesar de momentos em que pilotar rápido se torna uma obrigação imposta pelos estabelecimentos. A questão da clandestinidade é um elemento coesivo defendido pela Associação dos Entregadores. Um dos maiores medos desses trabalhadores, além dos assaltos, é a possível regulamentação da profissão pela prefeitura, como ocorreu com os mototaxistas. Por fim, a ausência de políticas públicas voltadas para os entregadores durante a pandemia intensificou o ressentimento em relação ao Estado.

Em 8 de agosto de 2022, um dos membros da comunidade virtual representou um comerciante lesado por um entregador que não retornou para devolver o dinheiro dos pedidos, um total de vinte reais. Inicialmente, alguns membros brincaram com a situação constrangedora, dedurando jocosamente alguns colegas. O entregador responsável pela denúncia percebe a comunidade virtual como um instrumento de ajuda mútua, defendendo que ninguém deve sair no prejuízo, considerando que tanto os entregadores quanto os comerciantes fazem parte do grupo. Para alguns membros, vinte reais não é um valor pelo qual vale a pena "se sujar", enquanto outros enfatizam que não vale a pena se comprometer por quantia nenhuma - um reflexo dos valores elevados atrelados à profissão como meio de obtenção de reconhecimento social.

Segundo os entregadores, nunca houve um caso de roubo do dinheiro dos pedidos cometido por um membro da comunidade virtual. Isso sugere que a participação nesse grupo gera algum reconhecimento para os seus integrantes, pois ser membro da comunidade é um indicativo de honestidade e procedência, características valorizadas pelos contratantes e benéficas para os entregadores.

Segundo o líder da comunidade virtual, muitos entregadores visitam aleatoriamente os estabelecimentos e perguntam se há entregas para fazer. No entanto, essa forma de contratação, segundo ele, não vincula o entregador a uma rede de confiança. Isso geraria

---

<sup>31</sup> Significa: oportunidade de trabalho informal.

insegurança para os comerciantes, pois, em casos como o sumiço do dinheiro de um pedido, não teriam a quem recorrer. Diferentemente, quando os comerciantes buscam entregadores nas comunidades virtuais, há um grupo restrito de membros que se responsabiliza pela inclusão de cada novo integrante. Apesar disso, não identifiquei protocolos rígidos para a entrada na comunidade; minha impressão é que basta a indicação de um membro para que o mediador aceite um novo participante.

Alguns membros da comunidade suspeitaram que o entregador que desapareceu com os vinte reais pode ter sido vítima de um assalto ao passar por alguma "bocada"<sup>32</sup> e perdido o dinheiro para criminosos. Outros discordaram dessa possibilidade, argumentando que, independentemente do ocorrido, ele deveria ter avisado o comerciante lesado.

O líder da comunidade voltou a alertar que os estabelecimentos devem identificar os entregadores para evitar esse tipo de problema. Ele também provocou a discussão ao questionar onde esse entregador encontrou a demanda pelo pedido. A partir disso, reforçou uma sugestão anterior de confeccionar camisas exclusivas para os membros da comunidade virtual, ideia que, no entanto, não foi aceita pelo grupo. Esse episódio evidencia que sua liderança é constantemente questionada, tornando-a, até certo ponto, frágil.

Um entregador justificou a recusa das camisas pelo grupo, argumentando que até os coletes dos mototaxistas são pirateados, então não haveria dificuldade em falsificar uma camisa, caso fossem adotadas. No entanto, ele manifestou interesse na criação de um cadastro para os entregadores atuantes em Arcoverde. Outro entregador trouxe à tona a questão da regularização, ressaltando que esse é um tema sensível e temido pela comunidade virtual.

O líder da comunidade afirmou que os entregadores querem continuar clandestinos e relembrou que, quando houve a tentativa de fundar um sindicato para a categoria, surgiram acusações de que ele apenas queria entrar para a política e arrecadar dinheiro para a Autarquia de Trânsito de Arcoverde. Ele também aproveitou para desabafar sobre a dificuldade de mobilizar os membros da comunidade, destacando que, embora o grupo tenha cerca de duzentos participantes, a presença nas reuniões e manifestações é mínima. Por fim, declarou que não se colocaria à frente da luta por direitos se apenas cinco comparecem para representar um grupo de duzentos.

Outro entregador discordou do líder, argumentando que fundar um sindicato significaria burocracia, pois exigiria a regularização da moto no DETRAN, habilitação do condutor, pagamento de taxas sindicais, entre outros encargos. Diante dessa objeção, o líder da comunidade se defendeu novamente, relatando que já havia exposto na delegacia, para

---

<sup>32</sup> Significa: lugar perigoso.

vereadores e gestores de trânsito, que 90% dos entregadores são totalmente clandestinos, mas trabalham de forma correta. Apesar disso, segundo ele, a Autarquia de Trânsito prometeu auxiliar com os custos burocráticos para a criação do sindicato, que girariam em torno de mil e quinhentos reais. Essa articulação, inclusive, tornaria o prefeito o "padrinho" do sindicato. Para o líder, essa seria uma oportunidade para que os entregadores finalmente tivessem voz. Assim, há um plano esboçado para a regulamentação dos entregadores por aplicativos em Arcoverde, algo relevante a ser acompanhado em futuras análises.

Porém, muitos entregadores ainda resistem. Para eles, os exemplos do sindicato e da regulamentação dos mototaxistas são negativos. Além dos encargos e burocracias, observam que coletes, que deveriam ser intransferíveis, são alugados para mototaxistas clandestinos. Segundo os entregadores, alguns desses clandestinos chegam a transportar substâncias ilícitas pela cidade, o que configura mais um problema para a segurança pública de Arcoverde.

Diante da discussão, um entregador sugeriu a confecção das camisas, "mas com uma arte decente", sem referências ao consumo de drogas "(4:20)"<sup>33</sup> ou a motos empinando. Paralelamente, surgiram mais queixas sobre a falta de engajamento coletivo: apenas cinco ou seis membros da comunidade demonstrariam interesse pelas causas coletivas, incluindo a disposição para ajudar colegas em momentos de dificuldade, como socorrer um entregador com um cabo de embreagem rompido.

Por fim, o entregador devolveu os vinte reais exigidos pelo comerciante, enviando o valor por meio de outro entregador. Os membros da comunidade deduziram que ele ficou com medo, interpretando a situação como uma prova de que a pressão e a reputação do grupo tiveram efeito. Em resumo, os membros concluíram que não vale a pena se apropriar de uma quantia tão pequena. Caso alguém precise de dinheiro, o melhor é recorrer aos colegas e pedir ajuda. Do contrário, o entregador "se queima", ou seja, enfrenta mais dificuldades para conseguir trabalho. Além disso, reforçaram a ideia de que "Deus perdoa quando a gente se arrepende".

---

<sup>33</sup> É um código para o consumo de maconha.

## 5. CONCLUSÃO: OS IRMÃOS DE *BAG*

A linha tênue entre as representações sociais dos entregadores e a do bandido é um dos aspectos mais marcantes do texto. Impressiona como esses trabalhadores, essenciais para a circulação de bens na cidade e para suprir necessidades urbanas básicas, acabam reproduzindo com facilidade os estigmas associados à criminalidade. Essa contradição é intrínseca à cultura dos entregadores em Arcoverde.

O ofício antropológico consiste justamente em interpretar a cultura no encontro com seus interlocutores na pesquisa, e essa descoberta se dá também por meio da escrita. A cultura dos entregadores é fortemente demarcada pelo trabalho exaustivo, que, por sua vez, carrega inevitavelmente estigmas sociais.

A flexibilidade, a autonomia e até o orgulho da clandestinidade - muitas vezes vistos como sinônimos de liberdade - revelam, na verdade, uma dinâmica de superexploração. Os entregadores parecem operar “fora do radar”, mas essa aparente autonomia escancara as duras condições de trabalho impostas pelas plataformas virtuais de food delivery.

Os mercados de trabalho são delimitados de forma objetiva, mas a expressão desses fatores não é óbvia, nem regida por leis absolutas. No caso do mercado de aplicativos, há uma exceção: predomina a imposição de soluções imediatas, nas quais “tudo é para ontem”. Para onde está se encaminhando a sociedade do trabalho nesse movimento frenético? E, mais especificamente, a sociedade urbana? Esses processos imediatistas produzirão que expressões, que geram cada vez mais fatalidades e riscos?

Recentemente, algo tradicional no interior do Brasil - o transporte de passageiros por moto - começou a chegar às capitais por meio de aplicativos como o *Uber*. No entanto, nos preparativos para a Copa do Mundo e as Olimpíadas, há quase uma década, projetou-se a cidade do futuro, com metrô, veículos leves sobre trilhos (VLT) e ônibus de trânsito rápido (BRT). Será que o transporte de massas urbanas e a circulação de pessoas estão evoluindo com os aplicativos? A que custo?

Principalmente, percebeu-se nesta dissertação que certas ações coletivas de entregadores em Arcoverde, embora aumentem os riscos de morte, não comprometem a reprodução do capitalismo de plataforma. No entanto, essas iniciativas oferecem saberes valiosos para aprimorar as políticas de segurança tanto dos aplicativos quanto das cidades de médio porte no interior do Brasil. Nessas cidades, são comuns condutores sem habilitação, associações informais de trabalhadores - como a comunidade virtual Associação dos

Entregadores -, queixas relacionadas à violência urbana (embora menos intensa do que nas capitais) e uma vida cotidiana baseada na tese do “nós por nós mesmos” ou na fé em Deus.

Os entregadores de Arcoverde insistem que trabalham e se arriscam pela família, apesar dos reiterados convites, na comunidade virtual da Associação, para beber com os colegas. Além disso, veem-se como uma das principais vítimas da violência urbana, razão pela qual muitos abandonam as entregas por aplicativo - esse foi um dos motivos que me levou a desistir de fazer entregas de moto, embora quisesse me aproximar mais dos entregadores. Eles têm medo dos bairros mais violentos de Arcoverde, pois acompanham de forma privilegiada o crescimento da violência na cidade.

Durante a pandemia, os entregadores estiveram na linha de frente, sendo essenciais para a sobrevivência da cidade, chegando até mesmo a locais onde o mato havia tomado conta devido à negligência da prefeitura. No entanto, não são bem vistos pela população e são vítimas da violência policial - supostamente por causa das infrações cometidas por alguns no trânsito. Mesmo assim, desconfiam que a perseguição ocorre por sua origem humilde e pela suposta natureza clandestina de uma profissão de risco, da qual, paradoxalmente, se orgulham.

Quando os entregadores se manifestam a favor da violência institucional contra criminosos, são ouvidos pelas autoridades públicas. No entanto, as queixas contra a violência policial são feitas em voz baixa, pois não agregam reconhecimento à categoria, que já é carente desse tipo de validação. Parece que denunciar a perseguição policial implicaria uma justificativa indubitável para as ações das autoridades contra os próprios entregadores - uma lógica que eles reproduzem ao culpabilizar as vítimas de homicídio. No caso das reivindicações por execuções sumárias de criminosos nas periferias, as autoridades veem os entregadores como pessoas humildes pedindo socorro, pais de família em busca de sustento e integrantes de um movimento legítimo e ordeiro, já que recorrem às instituições formais para expressar suas demandas.

Nas instituições, os políticos discursam para agradar o eleitorado. Nesse contexto, os entregadores acabam inseridos em uma dinâmica que envolve a apologia à violência institucional e a desqualificação das periferias urbanas de Arcoverde, especialmente da Vila do Presídio. Em Arcoverde, discursos desse tipo, proferidos pelas autoridades, raramente afastam apoiadores. Há, assim, uma convergência política entre o grupo que discrimina os entregadores, depreciando sua origem, e os próprios entregadores, que são alvos da violência policial. Como essa convergência é possível?

A comunidade virtual observada, a Associação dos Entregadores, reúne centenas de membros e conta com a participação de comerciantes. Fui direcionado a pesquisá-la pelos próprios membros. Nessa comunidade, os estabelecimentos promovem seus produtos e solicitam entregadores; os entregadores, por sua vez, anunciam sua disponibilidade para trabalhar (ou para se divertir), discutem políticas e polêmicas diversas, postam fotos de suas motos, de suas mesas de bar ou de suas casas. Além disso, oferecem móveis, peças mecânicas e veículos usados; organizam protestos; divulgam fotos de suspeitos; compartilham informações da cidade em tempo real, como o monitoramento de blitzes; coordenam ações em redes sociais; organizam manifestações e realizam vaquinhas para ajudar colegas que perderam suas motos, entre outras atividades. No entanto, muitos desses expedientes dificilmente seriam mencionados em discursos no púlpito da Câmara. Eventualmente, os membros coordenadores e/ou comerciantes precisam alertar a comunidade para manter o foco principal, que é o trabalho com *food delivery* - uma orientação que foi reforçada nas últimas eleições.

Nesta dissertação, a análise desenvolveu-se a partir da observação das ações coletivas dos entregadores relacionadas à violência urbana. Essas ações foram articuladas por meio de associações informais entre os entregadores de Arcoverde. No que diz respeito ao tratamento reacionário dado aos suspeitos de assaltos, observa-se um padrão comportamental nacional que privilegia o julgamento e a condenação sumária, em detrimento do devido processo legal, apesar de vivermos sob um regime republicano. Em Arcoverde, por exemplo, o termo "suspeito" é frequentemente equiparado a "bandido", "vagabundo" e "ladrão".

Durante a pesquisa, busquei identificar padrões na constituição de uma comunidade de entregadores por aplicativos no sertão de Pernambuco, seguindo os rastros deixados pelo que foi reintroduzido sob o signo da violência. As marcas dessa violência são evidentes na percepção que esses entregadores têm de sua profissão. Poderíamos ter focado em outros riscos, como os acidentes de trânsito, o contágio pela Covid-19 ou as questões previdenciárias. No entanto, optamos por abordar a violência urbana por um motivo específico: acreditamos na ambivalência desse fenômeno, que, além de representar um risco, oferece também uma forma de captação de reconhecimento social para os entregadores.

Os entregadores por aplicativos de Arcoverde reagem à violência policial, que frequentemente os agride fisicamente e causa prejuízos materiais. Esses episódios de violência geralmente repercutem rapidamente entre os entregadores, sendo amplamente compartilhados nos grupos virtuais. Assim, surge a oportunidade para manifestações coletivas de queixa contra a polícia. Contudo, a narrativa da vítima nem sempre é aceita integralmente

pelos colegas, especialmente quando ela é reconhecida mais por atributos negativos, apontados pelos próprios, do que por sua condição de cidadania. Ainda assim, tragédias podem, paradoxalmente, reforçar a solidariedade entre os entregadores. Um exemplo disso foi um caso de suicídio ocorrido na fase final da pesquisa de campo, que também fortaleceu os laços de apoio mútuo entre eles.

Na quinta-feira, dia 13, na cidade de Arcoverde a Polícia Civil registrou um suicídio. A vítima foi T. P. S., de 39 anos. O mesmo foi encontrado pendurado por uma corda em uma árvore no local conhecido como Pracinha do Amor, onde ele deixou a moto que trabalhava estacionada. O corpo foi periciado pelo Instituto de Criminalística e encaminhado para o IML de Caruaru. (CARDOSO, 2022)<sup>34</sup>.

A vítima era um entregador de Arcoverde. Sobre sua moto, estava sua bag. Ele era bem conhecido na cidade e foi visto por várias testemunhas na noite anterior ao seu enforcamento, trabalhando e confraternizando normalmente com amigos. Seu corpo foi sepultado em Garanhuns (PE), sua terra natal. Na comunidade virtual Associação dos Entregadores, às 12h45, um entregador compartilhou uma foto e perguntou se os membros sabiam de algo a respeito.

**Figura 1 - Praça do Amor**



**Fonte:** Tribuna do Moxotó, 2022.

Na comunidade, ao serem perguntados sobre o ocorrido, os entregadores afirmaram que o fato aconteceu na Pracinha do Amor, próxima à BR-232, local com uma vista privilegiada da cidade de Arcoverde. Um entregador comentou que só o via andar em uma *Biz*<sup>35</sup> vermelha, que fazia um barulho característico - uma “zoada da gota”. A moto foi encontrada ao lado da árvore em que o entregador se enforcou. Outro entregador mencionou a depressão, dizendo: “A depressão é foda”. Um colega acrescentou que via a vítima trabalhar frequentemente com a esposa na garupa. Outro entregador refletiu sobre as dores que cada um carrega consigo, observando que, dentro de cada mente, podem ser construídos vários castelos de areia.

Um dos entregadores sugeriu que os colegas tivessem mais cuidado uns com os outros. Ele destacou que, muitas vezes, um entregador pode sair de casa em um estado emocional abalado - por exemplo, após uma briga com a esposa -, mas os colegas acabam sendo indiferentes, quando deveriam recomendar alguns dias de descanso e oferecer um ombro amigo. Para ele, só quem tem depressão sabe o que é, mesmo que muitos digam que é “frescura”. Ele confessou que já chorou diversas vezes debaixo do capacete. Por fim, divulgou que a Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde (AESA) oferece atendimento psicológico gratuito e que iria se informar melhor para compartilhar os detalhes do serviço na comunidade virtual.

Um entregador falou para Deus ter misericórdia da vítima; um colega achou difícil, porque Deus não perdoa suicídio e a alma vai direto para o inferno. Nessa discussão, surgiu o termo “irmão de bag”, porque um dos membros da comunidade sugeriu, para quem está passando por problemas de saúde mental, que não tenha vergonha e procure os amigos. Além disso, aconselhou os entregadores a ouvir mais e concluiu o seguinte: se algo impede você de dormir, não poderia ser frescura. E dispara que a maior vergonha é se matar.

Os entregadores da Associação tentaram organizar uma homenagem ao colega que faleceu, mas aguardavam as diretrizes da família. Além disso, pediram que evitassem o compartilhamento de fotos, por respeito aos familiares. Em seguida, comentaram que, independentemente da questão familiar, seria importante que os entregadores se mobilizassem para demonstrar união, mesmo que ele tenha tirado a própria vida. Afinal, são “eles por eles mesmos”, e, por isso, devem se apoiar em todos os sentidos, não seria uma condenação extraterrena que mudaria isso.

Surgiu um boato de que a dona do estabelecimento onde ele trabalhava teria perguntado sobre a encomenda - um pastel. No entanto, quando soube da morte, outras

---

<sup>35</sup> Um modelo de moto.

informações indicaram que ela passou mal. Posteriormente, confirmou-se que a história do pastel era apenas um boato. Segundo outro entregador, os entregadores não devem julgar os donos de estabelecimentos, pois, juntos, eles formam uma espécie de família. Portanto, não caberia julgar precipitadamente a questão do pastel, mas sim apoiar-se mutuamente em um espírito de harmonia, especialmente em momentos como esse.

Um entregador discordou da ideia de que tirar a própria vida é uma vergonha, contrariando as tradições católicas tão enraizadas em Arcoverde. Ele argumentou que ninguém sabe a dor do outro e que o entregador que faleceu foi corajoso por ter aguentado até o limite. Para ele, a depressão não é necessariamente uma falta de Deus. Então, concluiu que a depressão se tornou uma doença que afeta tanto pobres quanto ricos. Outro membro da comunidade comentou que a ansiedade apresenta sintomas físicos, como formigamento nas mãos, taquicardia e crises de pânico - algo muito sério, embora muitas pessoas considerem bobagem. Para ele, a principal solução é o diálogo.

Em sinal de luto, a comunidade virtual foi temporariamente fechada pelos membros mediadores, com a promessa de retomar as atividades na manhã seguinte. Seria um dia de luto em solidariedade à família e à alma do falecido. No entanto, aproximadamente uma hora depois, a comunidade foi reaberta. Segundo o líder, responsável por controlar o fluxo de atividades no grupo, não era possível mantê-la fechada, pois, independentemente de qualquer coisa, os entregadores precisam trabalhar. Eles não podem parar. Ele acrescentou que soube, de forma superficial, que o entregador falecido estava bastante endividado.

Alguns comerciantes enviaram mensagens de solidariedade - o entregador falecido também trabalhava com entregas de marmita. O cerne dessas discussões acerca da depressão e do suicídio foi a busca por uma relação mais humana entre os entregadores, com o objetivo de evitar esse tipo de sofrimento e de morte. Um entregador, por exemplo, revoltou-se com aqueles que criticaram o suicídio. Segundo ele, são pessoas que nunca se aproximaram do colega quando ele precisou de ajuda, mas se sentem no direito de julgá-lo. Enquanto isso, vários comerciantes continuaram divulgando seus cardápios e promoções normalmente, e os entregadores seguiam perguntando sobre itinerários e informando sua disponibilidade.

Chegou uma nota da família informando sobre o sepultamento do corpo em Garanhuns. Diante disso, os entregadores sugeriram uma reunião no Passeio dos Bandeirantes, um espaço público com galerias de lojas no centro da cidade, para depois seguirem com suas entregas. O líder da comunidade não se pronunciou, delegando a outro entregador a organização da manifestação. Ele justificou que estava cobrindo a folga de um colega e, por isso, não poderia comparecer. O líder não demonstrou muito interesse no evento,

possivelmente incomodado com o protagonismo de outro entregador na mobilização. De qualquer forma, poucos compareceram ao protesto.

Estive presente nessa manifestação e conversei com os entregadores. Eles reafirmaram que não são reconhecidos socialmente, pois, apesar de trabalharem muito, são vistos com desconfiança pela população e pelas autoridades. Quando estão em uma velocidade considerada razoável, os policiais os interceptam de forma maliciosa, alegando que estão correndo demais. Devido aos riscos enfrentados durante a madrugada, alguns expressaram o desejo de trabalhar armados. Na manifestação, havia até um entregador menor de idade.

Ao questioná-los sobre possíveis motivações para o suicídio, eles enfatizaram que não relacionavam o ato ao trabalho, pois, para muitos, o trabalho é uma forma de aliviar o estresse. Essa informação me surpreendeu e merece ser aprofundada. Para eles, a manifestação em homenagem ao entregador falecido era uma forma de demonstrar união, o que tornou a ausência do líder da associação ainda mais estranha. Alguns entregadores também mencionaram que são constantemente cobrados para serem rápidos, reconheceram suas origens humildes e expressaram o desejo de se associar formalmente, mas, com os recursos financeiros atuais, veem isso como algo inviável.

Durante a manifestação, eles voltaram a criticar os cachorros, que latem especificamente para os entregadores, e percebi uma espécie de paranoia nesses comentários. Também destacaram a precariedade de seus orçamentos domésticos, resultado dos valores muito baixos das corridas. Naquele momento, percebi que a questão da violência também era usada como um instrumento de pressão tarifária, aumentando o preço das entregas com base na periculosidade dos destinos - algo que já é rastreado pelos próprios entregadores e que merece ser analisado com mais atenção. Reclamaram ainda dos clientes exigentes, sempre atentos à perfeição dos pacotes, e das intermináveis escadas que precisam subir. No ápice da manifestação, havia 12 entregadores em frente às Lojas Americanas. O grupo acabou se dispersando; a noite caiu; e as entregas continuaram. Mais um dia de trabalho, que atravessaria a madrugada, começara.

## REFERÊNCIAS

- ABÍLIO, Ludmila Costhek. *Uberização: a era do trabalhador just-in-time?* Estudos Avançados, v. 34, n. 98, p. 111-126, 2020.
- ANTUNES, Ricardo (org.). *Uberização, trabalho digital e indústria 4.0*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.
- BIRMAN, Patrícia; FERNANDES, Adriana; PIEROBON, Camila. *Um emaranhado de casos: tráfico de drogas, estado e precariedade em moradias populares*. Mana, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 431-460, dez. 2014. Disponível em: [inserir link]. Acesso em: 31 jan. 2022.
- BRAGA, Ruy. *Rebeldia do Precariado: trabalho e neoliberalismo no Sul global*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.
- CARDOSO, Abalberto Moreira. *A construção social da sociedade do trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2010. (Capítulos I e III).
- CARDOSO, Esequias. *Em Arcoverde entregador de 39 anos de idade comete suicídio*. Tribuna do Moxotó, 2022. Disponível em: <https://tribunadomoxoto.com/2022/10/14/em-arcoverde-entregador-de-39-anos-de-idade-com-ete-suicidio/>. Acesso em: 9 fev. 2023.
- CASTRO, Matheus Fernandes de. *Os motoboys de São Paulo e a produção de táticas e estratégias na realização das práticas cotidianas*. 2010. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- CLAUSSEN, Paulina Natalia; DELFINO, María Andrea; BAYMA, Baltasar. *Subcontratación y lógicas de segregación por género: Una mirada comparada en dois sectores ocupacionales de servicios auxiliares en la ciudad de Santa Fe*. In: De Prácticas y Discursos, Resistência, vol. 9, n. 13, p. 1-26, 2020.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DEJOURS, C. *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- EFREM FILHO, R. *Os Meninos de Rosa: sobre vítimas e algozes, crime e violência*. Cadernos Pagu, n. 51, 2017.
- FELTRAN, G. de S. *Periferias, direito e diferença: notas de uma etnografia urbana*. Revista de Antropologia, v. 53, n. 2, 2012. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.2010.37711. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/37711>. Acesso em: 9 fev. 2023.
- FELTRAN, G. de S. *Margens da política, fronteiras da violência: uma ação coletiva das periferias de São Paulo*. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n. 79, 2010.

FEMALE avatar sexually assaulted in Meta VR platform, campaigners say. *BBC*, Londres, 25 mai. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/technology-61573661>. Acesso em: 2 jun. 2022.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1978, v. 1.

FERRARI, Fabian; GRAHAM, Mark. *Fissures in Algorithmic Power: platforms, code, and Contestation*. *Cultural Studies*, n. 35, p. 814-832, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09502386.2021.1895250>. Acesso em: 17 mai. 2022.

FLEURY, S.; MENEZES, P. *Pandemia nas favelas: entre carências e potências*. *Saúde em Debate*, v. 44, n. especial, 2020.

FRANCO, T.; DRUCK, G.; SELIGMANN-SILVA, E. *As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado*. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, v. 35, n. 122, p. 229-240, jul. 2010.

FREITAS, Augusto. *DELIVERY de comida por aplicativos cresce 116% no Recife este ano*. *Diário de Pernambuco*, Recife, 7 jun. 2016. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/economia/2016/06/delivery-de-comida-por-a-aplicativo-cresce-116-no-recife-este-ano-diz.html>. Acesso em: 9 set. 2021.

GEERTZ, Clifford. *Um Jogo Absorvente: Notas sobre a Briga de Galo Balinesa*. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GLISSANT, Édouard. *Poética da relação*. Lisboa: Sextante, 2011.

GONDIM, Andressa Alencar. *Compreendendo o sofrimento decorrente do trabalho nos motoboys de Fortaleza-CE*. 2009. 106 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza-CE, 2009.

GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984. pp. 223-244.

GUATTARI, F. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1977.

GUIMARÃES, Aender Luis. *A logística do caos: o motoboy nas asas da liberdade do despotismo just in time*. 2019. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2019.

GUTTERRES, A. dos S. *O rumor e o terror na construção de territórios de vulnerabilidade na zona portuária do Rio de Janeiro*. *Mana*, v. 22, n. 1, p. 123-150, abr. 2016.

HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Tradução: Maurício Liesen. Belo Horizonte: Âyné, 2020.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

HARAWAY, Donna. *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. Cadernos Pagu, Campinas, n. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51046>. Acesso em: 17 mai. 2022.

ITO, Roberto Shinji. *Cidade dos motoboys: apropriação de espaços na metrópole paulistana*. 2010. 76 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2019.

KOWARICH, Lúcio. *Trabalho e vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. (Capítulos 2, 3 e 4).

KRAFTWERK. *The Robots*. In: KRAFTWERK. *The Man-Machine*. [S.l.]: Kling Klang, 1978. 1 disco sonoro (LP, 33 1/3 rpm). Faixa 1.

KREIN, J. D.; GIMENEZ, D. M.; SANTOS, A. L. dos. *Flexibilização das relações de trabalho: insegurança para trabalhadores*. In: KREIN, J. D.; GIMENEZ, D. M.; SANTOS, A. L. dos. *Dimensões críticas da reforma trabalhista no Brasil*. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2018. cap. 3. p. 95-122.

LAPA, R. S. *Trabalho em plataformas digitais durante a pandemia da Covid-19: análise dos dados da PNAD Covid-19/IBGE. Parte 1 - Entregadores de aplicativo*. Brasília: UnB, jan. 2021.

LEVY, Clarissa. *A máquina oculta de propaganda do iFood*. Agência Pública, São Paulo, 4 abr. 2022. Disponível em: [https://apublica.org/2022/04/a-maquina-oculta-de-propaganda-do-ifood/?utm\\_source=twitter&utm\\_medium=post&utm\\_campaign=ifood](https://apublica.org/2022/04/a-maquina-oculta-de-propaganda-do-ifood/?utm_source=twitter&utm_medium=post&utm_campaign=ifood). Acesso em: 11 abr. 2022.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2002.

MCCALLUM, Shiona. *Twitter fined \$150m in US for selling users' data*. BBC, Londres, 27 mai. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/technology-61606476>. Acesso em: 2 jun. 2022.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Revista Arte & Ensaios, n. 32, p. 123-151, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993>. Acesso em: 16 mar. 2022.

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida severina: e outros poemas para vozes*. 32. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

MIRANDA, João Matheus Soares. *Dimensões do mototrabalho em Pelotas-RS: experiências de (in)formalidade e precariedade*. Novos Rumos Sociológicos, vol. 6, n. 9, p. 202-222, 2018.

MIRÓ (Pseudo). SILVA, João Flávio Cordeiro. *Janela de Ônibus*. Youtube, 14 nov. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0X7gCgiud94>. Acesso em: 17 mai. 2022.

MISSE, M. *Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria "bandido"*. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n. 79, p. 15-38, 2010. <https://doi.org/10.1590/S0102-64452010000100003>. Acesso em: 5 ago. 2022.

MORENO, Thiago. *Produção de motos no Brasil em 2022 tem queda de 2,6%, aponta fechamento*. Motor1, 2022. Disponível em: <https://motor1.uol.com.br/news/631647/producao-motos-brasil-2022-fechamento/>. Acesso em: 4 set. 2022.

NETO, Lira. *Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

OGI. *Profissão Perigo*. Crônicas da Cidade Cinza. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2009.

OLIVEIRA, Amanda. *EXCLUSIVO! Em Arcoverde entregadores de delivery e mototaxistas realizam protesto por mais segurança*. Falando Francamente, Arcoverde, 12 abr. 2022. Disponível em: <https://www.blogfalando francamente.com/2022/04/exclusivo-em-arcoverde-entregadores-de.html>. Acesso em: 17 mai. 2022.

PALMEIRAS, Carlos. *Fim do Uber Eats: iFood se tornou monopolista no Brasil?* Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/mercado/231813-fim-delivery-do-uber-eats-ifood-tornou-monopolista-brasil.htm>. Acesso em: 10 abr. 2022.

PEIRANO, M. *Etnografia não é método*. Horizontes Antropológicos, v. 20, n. 42, p. 1-12, jul. 2014.

ROCHA, Jonathan Madeira. *Trabalhadores on demand e pandemia: uma etnografia com motoristas e entregadores de aplicativo na região metropolitana de Porto Alegre*. PPGAS/UFRGS, 2021. Orientador: Jean Segata.

SILVA, Fernando Teixeira da. *Operários sem patrões: os trabalhadores da cidade de Santos no entreguerras*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. (Capítulo 1 - "Artistas", Construtores e Engenheiros).

SIMMEL, G. *As grandes cidades e a vida do espírito (1903)*. Mana, v. 11, n. 2, p. 11-25, out. 2005.

*Sorry We Missed You*. Direção de Ken Loach. Reino Unido / França / Bélgica: Sixteenfilms, 2019.

TELLES, V. da S.; HIRATA, D. V. *Ilegalismos e jogos de poder em São Paulo*. Tempo Social, v. 22, n. 2, p. 123-150, dez. 2010.

TELLES, V. da S. *Mutações do trabalho e experiência urbana*. Tempo Social, v. 18, n. 1, p. 123-150, jun. 2006.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010. 256 p.